



A' Bibliotheca da Camera
Municipal de Barcellos
of.
Thania do Carmo Ribeiro de Lima
de Almeida Torreses

Barcellos, 24/2/1945-

ESPOZENDE E O SEU CONCELHO

1. *União de São Paulo*
2. *União de São Paulo*

3. *União de São Paulo*
4. *União de São Paulo*

5. *União de São Paulo*

ESPOZENDO E O SEU CONCEITO

TEOTONIO DA FONSECA

C. M. B.
BIBLIOTECA

ESPOZENDE

E O SEU CONCELHO



R.S. 4-5-53

C. M.
MARCELOS
BIBLIOTECA
4520

ESPOZENDE
Livraria Espozendense
EDITORIA
1936

24.2.1945

Barcelina

Perme

INSTITUTO DE HISTORIA

1910

EXPOSICION DE 1910

EXPOSICION DE 1910



BIBLIOTECA
MEXICANA
4330

EXPOSICION DE 1910
INSTITUTO DE HISTORIA
EXPOSICION DE 1910



Dr. Teotônio José da Fonseca

Duas palavras

O antigo termo de Barcelos, o maior e mais populoso do paiz, era tão dilado, ainda assim menos que a sua comarca, que abrangia dez leguas de cumprimento de norte a sul, desde Viana Foz do Lima até à ponte de Negrelos, e sete de largura, desde a freguesia de Sequeira, do concelho de Braga, até á de Amorim, actualmente do concelho da Povoia de Varzim. Era limitado ao norte pelo rio Lima, ao nascente pelos concelhos de Ponte do Lima, Prado, Braga e Guimarães, ao sul pelo

rio Ave e ao poente pelo Oceano Atlantico.

Desmenbrado este antigo e grande termo pelas reformas administrativas do liberalismo, dele se formaram os concelhos de Vila Nova de Famalicão, Povoia de Varzim e Espozende e se aumentaram os de Viana do Castelo, Ponte do Lima, Braga, Guimarães, Santo Tirso e Vila do Conde.

Em tempos mais ou menos afastados todas as freguesias do concelho de Espozende pertenceram ao termo de Barcelos e é por isso que, em continuação ao estudo do concelho de Barcelos, fazêmos o de Espozende de que sae com o titulo «Espozende e o seu Concelho».

A sua orientação é a mesma que adotamos no «Concelho de Barcelos Aquem e Além Cavado» em publicação.

Não seguimos no presente estudo uma ordem prestabelecida: a a alfabetica do nome das freguesias ou a crescente ou decrescente da sua importancia. Saltamos de

uma para outra freguesia, do que pedimos desculpa aos nossos leitores, pela conveniência do passio, ou antes da visita que fizemos a cada uma delas, procurando, porém, atenuar esta desordem com um índice alfabetico.

Posto isto, vamos iniciar este nosso modesto trabalho.

uma data para a expedição, de que
podemos esperar que nos venha a
fornecer mais informações de que
seja a causa da visita que nos
nos a causa da visita, e nos
do governo, e nos a causa da
com um grande alívio.
Pode ser, e nos a causa da
de nosso modo de trabalho.

INDICE

	paginas
Antas	183
Apulia	52
Belinho	205
Curvos	149
Espozende	11 259
Fão	293
Fonte Boa	31
Forjães	163
Gandra	97
Gemezes	111
Mar	223
Marinhas	239
Palmeira	75
Rio Tinto	17
Vila Chã	133

252

188	V. de Chila
187	Rio Tinto
186	Palmito
185	Matanzas
184	Man.
183	Guantanamo
182	Porto Rico
181	Yaguajay
180	Caracas
179	Porto Rico
178	Atenas
177	Atenas

F ã O

Rio Tinto, a primeira freguesia do presente estudo publicado em «O Espozendense», do qual se faz esta separata, tem o numero II, reservando o numero I para a de Espozende, séde do Concelho, para assim ficar de harmonia com a titulo do presente livro.

Sucedeu, porém, que as 16 paginas reservadas não comportavam o estudo daquela freguesia e por isso passamo-la para o

fim, ficando Fão com o numero I.

Vimos que sucedia o mesmo com esta freguezsa. Começa pois o seu estudo a paginas 293, para onde remetemos o caro leitor, pedindo desculpa desta trapalhada.

Falecido

A paginas 29, aos homens mais importantes desta freguesia, deve acrescentar-se:

Estevão Falcão, conego da Sè de Braga, abade de Santa Mari-nha de Rio Tinto por 1486, fale-cido em Braga em 1505.

A paginas 48, linha 24, deve acrescentar-se: Joaquim Maria dos Reis Vale, medico, vereaa-dor da C. M. de Barcelos, falecido em Barqueiros em 1912 e Mons. Dr. Joaquim Domingues Máriz, professor do Seminario de Bra-ga, Dezembargador da C. Eccl-e-siastica de Braga, onde faleceu em 1933.

A paginas 64. A capela da Senhora do Amparo foi visitada pelo arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão em 15 de agosto de 1799.

A paginas 71 às pessoas mais importantes desta freguesia deve acrescentar-se: *Antonio de Mariz Faria*, abade resignatario desta freguesia, que foi autor do «Curioso Peregrino» e outras obras.

A paginas 122 às pessoas importantes desta freguesia deve acrescentar-se: *Dr. José Maria d'Oliveira*, nascido nesta freguesia em 1872, medico pela Escola Medica do Porto. provido em 1919 no lugar de 2.º Assistente de Medicina legal da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, em 1922 1.º Assistente do grupo de Fisiologia Quimica e Farmacologia da mesma Faculdade e em 1927 nomeado Lente Cate-dratico da Faculdade de Medicina da mesma Universidade.

Publicou varios trabalhos científicos e faleceu em 1934.

Corrigenda

Onde se lê:

A paginas 20: «Não é servida por estrada alguma macadamizada e a que lhe passa mais perto é a de Barcelos á Povoá de Varzim» deve lêr-se:

Em 1934, foi aberta uma estrada desde a igreja matriz de Fonte Boa, passando pela igreja desde a de Rio Tinto até aos limites desta freguesia com a de Vila Seca, do concelho de Barcelos. Falta agora continuar essa estrada no concelho de Barcelos até á Municipal n.º 29, daquela cidade á Povoá de Varzim, para ligar esta com a n.º 1 de 1.ª classe do Porto a Viana do Castelo.

A paginas 57, linha 10: «e o lugar de Baçar na freguesia de Barqueiros» deve lêr-se: e o lugar de Baçar na freguesia de Cristelo.

A paginas 139, linha 4, onde se lê «na freguesia das Marinhas» leia-se: «na frêguesia de S. Bartolomeu do Mar»,

*A paginas 178, linha 8 «No primeiro andar»... deve lêr-se:
O primeiro andar...*

A paginas 184, linha 14, «que «Shabet ibi...» deve lêr-se: que «habet ibi...

A paginas 215, linha 5 «A Capela... deve lêr-se: A Capela...

A paginas 240, linha 19 «um casal 1 casal e meio» deve lêr-se: um casal e meio.

A paginas 250, linha 1, onde se lê «nesta freguesia» leia-se: na freguesia de S. Bartolomeu do Mar.

A paginas 287, linhaas 15, onde se lê: nesta casa seu bisneto Joaquim José de Barros foi» deve lêr-se: «nesta casa até seu bisneto Joaquim José de Barro, que foi»-

II

RIO TINTO

Rio Tinto; orago Santa Marinha, era abadia da apresentação da Mitra com alternativa do convento de Vilar de Frades até 1834.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação:—«De Sancto Martino de Rio Tinto», nas Terras de Faria, e nelas se diz que o rei não tem aqui re-

guengo algum; que dão de uina herdade de Fornelos III *cubitos de fossadeira* e que o rei não é padroeiro mas Santa Maria de Guimarães — «dixerunt quod Rex non est patronus sede Sancta Maria vimaranes».

«O Ceo Aberto na Terra, Historia das Sagradas Congregações», do P.^e Francisco de Santa Maria, a paginas 399, diz que esta freguesia era da apresentação do mosteiro beneditino da Varzêa, em alternativa com o Cabido de Braga, e que, como esse mosteiro se extinguisse nos meados do seculo XIV, depois de 1330, passara o direito de apresentação e alternativa de todas as Igrejas a ele sujeitas para o convento de S. João Evangelista de Vilar de Frades.

Ha contradição entre as Inquirições e «O Ceo Aberto na Terra» quanto ao padroado de

Santa Maria de Guimarães e o da Varzea. Quando e como passou daquela para este em alternativa com a Mitra? Confessamos que para nós é um ponto obscuro.

O ribeiro Zarague nasce na freguezia de Vilar de Figos, do Concelho de Barcelos, e junto com outros vae desaguar ao rio Cavado, no lugar do Marachão.

Ao atravessar esta freguezia toma o nome de rio Tinto por, dizem, nas suas margens se ter travado uma encarniçada batalha entre mouros e cristãos em que correu tanto sangue que tingiu por completo as suas aguas; do rio veio o nome á freguezia.

Esta freguesia está situada em planicie e confronta do norte com o rio Cavado, do poente com a de Fonte Boa, do sul com a de Barqueiros e a de Criste-

lo, ambas do concelho de Barcelos, e do nascente com as de Vila Seca e Fornelos, também daquele concelho.

E' banhada pelo rio Tinto e pelo ribeiro de Cantim, que nasce nos Vilares, em Barqueiros, afluente deste.

Existem varias pontes e pontilhões nesta freguezia, quer sobre um, quer sobre outro, sendo as principaes a de Rio Tinto e a de Caveiros.

Não é servida por estrada alguma macadamizada e a que lhe passa mais perto é a de Barcelos à Povia de Varzim.

E' terra fertil, produzindo bom milho, muita cebola e tomates para exportação.

Houve aqui em tempos idos armazens de sal, perto do Marachão, actualmente desaparecidos. Ainda hoje porém se indica o sitio onde estiveram.

O seu commercio está reduzido a uma loja de mercearia e a sua industria a dois engenhos de serrar e a algumas moendas.

Junto do Marachão existiu ha uns trinta e tantos anos, um forno de cal e uma fabrica de moagem e de fazer tintas, com casas de habitação, hoje tudo desaparecido. Apenas se veem alguns alicerces e os restos do forno.

Marachão, o sitio mais lindo e pitoresco desta freguesia, é uma extensa propriedade de lavradio e grande bosque, nas margens dos rios Tinto e Cavado.

Terreno de aluvião, este rio nas cheias espraia-se por ele, inundando-o.

O governo, nos fins do seculo XVIII, resolveu proceder ao encanamento do Cavado para facilitar a sua navegabilidade e encarregou dessa obra

o Brigadeiro Custodio José de Vilas Boas, oriundo da freguesia de Alvelos, do concelho de Barcelos, e senhor da casa do Rego, Espozende.

E alguma coisa se fez nessa epoca; das obras tendentes ao encanamento do rio, resta-nos entre outras o famoso dique, marachão, que defende esta propriedade da invasão daquelas aguas.

D. Jeronimo José de Costa Rebelo, natural de Braga, abade da freguesia de Fonte-Boa e mais tarde, em 1843, bispo do Porto, foi senhor dela por emprasamento, ficando desde então a ser conhecida por *Marachão do Abade*.

Por fim os seus herdeiros venderam-na, pertencendo hoje ao Snr. Manoel de Faria e Silva, desta freguesia.

A Igreja Paroquial está no mesmo sitio da primitiva.

A sua capela mór foi levantada em 1713 e em 1717 lembraram-se de mandar levantar tambem o corpo da igreja, obra porém que só se realisou em 1786.

O *Visitador* de 1787 encontrou os braços de varios santos em lamentavel estado, mandando concertar e aperfeiçoar tudo.

Dos actuais altares só um, o de Nossa Senhora do Rosário, é antigo.

A balaustrada do côro é formada por figuras de anjos com instrumentos musicos e o pulpi-to é todo em talha dourada, restos dos antigos altares.

A cruz paroquial, em estilo gotico, mostra ser antiquissima e ter muito merecimento.

Em 1700 havia por traz da capela mór uma sacristia que foi demolida, sendo construidas as duas do lado do evangelho, que

ora existem.

Ao lado direito da Igreja, separado desta pelo adro, ergue-se o torreão com dois sinos, que dizem ser obra do abade Vasconcelos.

O Adro era pequeno, pouco mais ia além do torreão, dando acesso á Igreja uma larga calçada, a facear com a residencia Paroquial, ao fundo da qual ainda se veem os restos do antigo cruzeiro: o pedestal e a columna.

No tempo do abade Figueiredo fez-se uma ampla e extensa avenida em frente á Igreja, levantando-se no seu terminus o novo Cruzeiro Paroquial.

Perto da Igreja, do lado esquerdo desta e junto á avenida, está o cemiterio, cujo portão ostenta a data de 1885.

O Presbiterio, junto á Igreja, separado desta apenas pelo

adro, é um edificio de regular apparencia e, depois de concluidas as obras iniciadas, ficará uma habitação condigna do seu paroco.

Para este fim foi doado á freguezia pelo seu actual abade o snr. P.^o João Gonçalves.

Casa para mim de saudosas recordações, onde ha vinte e tantos anos se reunia um grupo de amigos, na pujança da vida, em alegre convivio, em que pontificava o seu anfitrião, o bom e franco P.^o João. Alguns deles jáprehenderam a grande viagem e a maior parte dispersou por varias terras na luta pela vida.

Não sei se alguns dêles terão ocasião de lerem estas mal ataviadas linhas; se as lerem recordarão os tempos alegres e felizes que já mais voltam e viverão assim alguns momentos de saudade,

Nesta freguesia ha apenas uma capela e essa particular; pertence á Casa de Azevedo.

Tem a invocação de Nossa Senhora da Alegria, sendo tambem conhecida por capela dos Reis Magos.

Sita no lugar de Rio Tinto, antiga, pequenina, com sua porta em arco, encimada por uma sineira, erma de seu morador, é interessante.

Dentro tem um diminuto altar em talha renascença e no pavimento uma sepultura sem bração nem inscrição.

Houve antigamente uma outra capela que era publica: a de São João, no sitio de Parenhães.

Ignoro a data da sua fundação; sei apenas que em 1790 foi intimado o seu administrador para substituir o crucifixo, que era dos chamados de *rico feitio*, por outro mais apropriado.

Quando foi demolida, também não sei a data, os santos, que a povoavam, passaram para o altar da Senhora do Rosario da Igreja Paroquial, sendo então praticadas verdadeiras barbaridades: para a sua boa acomodação cortaram neste altar alguma da sua preciosa talha a machado!

Naquele sitio de Parenhães ainda existe um velho e tosco cruzeiro, talvez o desta capela.

Ha nesta freguesia os seguintes Nichos ou Alminhas: o da Capela, o de Rio Tinto, o do Cruzeiro, o de Caveiros e o de Santa Marinha.

Este tem a seguinte inscrição:

«Q.^m Mandou fazer esta obra foi Bernado Pim.^{ta} e seu thio e pede um Padre Nosso e uma Ave Maria por sua tenção e de todos os bemfeitores vivos e de-

funtos. As ms. forão retificadas no anno de 1860 por J. Gomes de Magalhães.»

Esta freguezia tinha no seculo XVII 62 visinhos; no seculo XVIII tinha 65 fogos, no seculo XIX tinha 394 habitantes e actualmente tem 410 habitantes.

Esta população está distribuida pelos seguintes logares habitados: Igreja, Aldeia, Paço, Talhos, Santa Marinha, Jouve, Rio Tinto, Estrada, Capela e Castro.

As suas casas mais importantes são: a da Capela, a do Passadiço, a do Silva, a do Cruz, a do Pedreira, a do Faria, a da Ponte e a da Torre Velha.

Não tem Escola official e tambem não tem Caixa do Correio, que já teve mas ha bem pouco tempo lh'a tiraram.

Ha as seguintes fontes publicas: a de Santa Marinha, a da Cachada e a da Mina.

Dos homens mais illustres, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, destacaremos os seguintes:

P.^e Carlos José Veloso, natural de Braga, paroquiou em Rio Tinto por 1784.

P.^e João de Vasconcelos Monteiro, natural de Vila do Conde, abade desta freguezia desde 1790 a 1824, foi no seu tempo que se fez o torreão da Igreja.

P.^e João Inacio de Magalhães Malheiro, parente da familia Magalhães Vilas Boas, de Barcelos, foi abade de Rio Tinto desde 1826 a 1876, falecendo em Barcelinhos com 103 anos de idade.

P.^e Antonio Joaquim de Figueiredo, filho de José Narciso de Figueiredo e de D. Luciana Rosa de Matos, senhores da casa de Còvas, em Goios, Barcelos, conego da Colegiada de Barcelos

e abade desta freguesia, falecido em Barcelinhos em 1910.

Para terminar diremos que ha nesta freguesia o Monte do Castro o qual, ainda que não haja memoria de nele ser encontrado qualquer objecto ou vestigio de remota civilisação, pelo seu nome parece indicar a passagem e fixação ali de povos romanos ou pre-romanos.

III

FORTE-BOA

Forte-Boa, orago São Salvador, era abadia da apresentação da Mitra.

Esta freguesia foi primitivamente conhecida pelo nome de *Forte Má*, da fraca água que nela havia.

O Tombo de 1549 ainda a designava pelo nome de Forte Má, mas já o de 1589 por Fon-

te Boa, alegando como motivo da mudança do nome a melhoria das suas águas.

Tinha duas freguesias anexas: a de Santa Maria da Lapela ou Alapela e a de São João Batista de Barqueiros, esta hoje do concelho de Barcelos.

A freguesia de Santa Maria da Lapela foi unida á de São Salvador de Fonte Boa em 1542 pelo Arcebispo de Braga D. Fr. Bartolomeu dos Martires.

A Igreja de Santa Maria da Lapela foi do padroado dos Duques de Bragança. Do padroado destes passou para o dos Arcebispos de Braga por permututa ou escambo entre o 1.º Duque D. Afonso e o Arcebispo D. Fernando da Guerra em 5 de Julho de 1459, pela qual ficou o duque com os padroados das Igrejas de Santo André de Mareces (Barcelinhos) e S. Paio do Carvalhal

e o arcebispo com os das de São Fins do Tamel e da Lapela.

A Matriz era no lugar da Lapela, passando depois da sua união a funcionar como capela publica.

Em 1701, estando já em completa ruina, os moradores mandaram fazer em frente desta igreja a Capela de Nossa Senhora da Graça e o Cruzeiro Paroquial, caindo tambem em ruina, foi nessa ocasião reformado e colocado no sitio onde esteve a velha matriz.

S. João de Barqueiros continuou sendo sempre uma vigairaria anexa á de Fonte Boa até 1834, cujo vigario *ad nutum* era apresentado pelo seu abade.

Fonte Boa vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação:—«De Sancto Salvatore de Fonte Mala», nas Terras de Faria.

Nessas Inquirições se diz que o rei tem na *vila da Lapela* XII casais de que dão o terço do pão e legumes e um morabitino por uma ermida que tem nesta freguesia.

Fala-se ainda na *vila de Fonte Mala*.

O Rico Homem pousava aqui onde quere, bem como o Mordomo.

Todos os que apacentavam os gados no Reguengo da Lapela davam um frango e XX ovos, exceto uns tres ou quatro moradores porque eram *servicialis de Fão*.

Possuiam casais aqui o Hospital, Rendufe, Vilar de Frades, Adaufe, Santa Vaia de Rio Covo, Tibães e Braga.

Esta freguesia foi sempre uma das mais importantes deste concelho; haja vista a notabilidade

de alguns dos abades que por aqui passaram.

Assim entre eles respigaremos os seguintes:

Afonso Anes, reitor da freguezia de Fonte Má pelos anos de 1335, foi *procurador* do arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira em uma questão que este teve com o Prior de Guimarães ácerca da visita dos arcebispos áquela Colegiada.

Pero Gomes Madeira, abade de Santa Maria de Carapito, no bispado de Vizeu, Capelão de el-rei D. João III, foi abade de São Salvador de Fonte Má e suas annexas de Santa Maria da Lape-la e São João de Barqueiros.

Antonio de Abreu foi Abade da freguesia de São Salvador de Fonte Má desde 1582 a 1626. No seu tempo, 1589, construiu-se uma especie de nicho sobre a fonte publica no logar do Souto

e colocou-se por cima o brasão dos Abreus.

Domingos de Meira Carrilho, foi Abade desta freguesia por 1657.

Dr. Afonso de Meira Carrilho foi Abade de Fonte Boa desde 1690 a 1714, concorrendo muito para que se fizesse a Igreja em 1701.

D. Rodrigo de Moura Teles, Arcebispo de Braga, visitando esta freguesia, louvou este abade pelo seu zêlo.

Dr. Manoel Malheiro Mirinho, Desembargador da Relação Ecclesiastica, Comissario do Santo Officio, Vigario Geral de Vila Real e por fim foi Abade de Fonte Boa (1714).

Estando arruinado o Cruzeiro no Campo do Espirito Santo, que indicava o sitio onde esteve a Igreja velha, mandou edificar outro em 1717.

Gonçalo Malheiro Reimão, abade desta freguesia desde 1742 a 1761, mandou reparar o torreão da Igreja e a capela de Nossa Senhora da Graça, no lugar da Lapela.

D. Inacio de Jesus Maria Azevedo Ferreira, Conego Regrante de Santo Agostinho, foi abade de Fonte-Boa, falecido em 1811.

D. Jeronimo José da Costa Rebelo, natural de Braga, abade de Fonte-Boa, foi Deputado ás Constituintes em 1820 e em 1836 nomeado Vigario Capitular do bispado de Lamego, mas não logrando saude voltou á sua abadia, onde esteve até 1840, ano em que tomou posse da diocese do Porto para que tinha sido eleito bispo.

Dr. João Manoel da Cunha, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, De-

zembargador da Relação Ecclesiastica de Braga, Reitor do Seminario da mesma cidade, Deputado ás cortes pelo circulo de Espozende, foi abade de Fonte Boa pelos anos de 1851.

P.^e Joaquim José de Figueiredo, natural da freguesia de Goios, Barcelos, foi abade de Fonte Boa pelos anos de 1875.

Esta freguesia era, como se vê, quasi um bispado, não só pelo seu rendimento como pela alta posição social dos seus abades.

A sua Igreja Matriz esteve primitivamente no Campo do Espirito Santo, mas os moradores de Fonte-Boa e da Lapela, depois da união destas duas freguesias, mudaram-na para o local onde hoje está, mais chegada ás casas.

Em 1700 foi reformada á *fundamentis* e corrida um pouco para o norte.

No tempo do Abade Figueiredo abriram-se tres janelas no frontispicio, outras laterais, construindo-se um nicho para o padroeiro e fizeram-se ainda outras obras.

Foi tambem mandada colocar naquele nicho a imagem de pedra do Salvador, feita em Barcelinhos pelo mestre João Alves da Silva (o Amarélo).

Ha poucos anos esta Igreja, foi retelhada de novo e colocada a pouco apropriada *telha francesa*.

Em 1831, estando o torreão em ruinas, foi mandada construir, ao lado direito da Igreja, uma solida torre. O relógio que nela funciona foi collocado a expensas da Confraria do Sacramento em 1908.

O templo dentro é espaçoso, bem iluminado por rasgadas janelas, com tectos de castanho em caixotões pintados. Os

altares são em talha simples e o batisterio tem a taça antiga com pé moderno de pedra diferente daquela.

Tem tres sacristias: duas do lado da epistola, pertencentes á Confraria, cujos tectos foram reconstruidos em 1916, e uma do lado do Evangelho, que é a paroquial.

Nesta o que tem de mais notavel são os seus grandes gavetões de castanho e um pequeno lavabo de pedra com carranca.

Existem aqui os retratos de varios abades desta freguesia: o de D. Jerônimo da Costa Rebelo, *O Naveta*, o do P.^e Joaquim José de Figueiredo, o do Dr João Manoel da Cunha e o de D. Inacio de Jesus Maria Azevedo Ferreira.

A Confraria do S. S. desta freguesia possui uma rica custódia, a qual na ocasião da invasão

francesa esteve enterrada e já figurou há anos em uma exposição de arte sacra em Braga.

O Adro é fechado por parede com tres portas e respectivos fòjos. Nele, de cada lado da Igreja, mas separadas dela, existem duas capelas: a do lado esquerdo com a invocação do Senhor dos Passos, mandada construir em 1718, e a do lado direito, com a invocação do coração de Maria, em 1866.

A seguir ao Adro, para o norte, está o cemiterio Paroquial, cujo portão ostenta a data — 1892.

Em frente á Igreja, do outro lado do terreiro, ergue-se a antiga Residencia Paroquial. Edificio grande, ainda que baixo, parte encoberto pelos altos muros que vedam o seu passal, irrómpendo dos corredos telhados as chaminès dos seus fogões, tem

o aspecto de um velho solar português.

Ladeado por um singelo portal fronho encimado por uma cruz e duas pirâmides, dava acesso á casa uma escada para uma portuguesissima varanda em colonatas.

Nas trazeiras deste edificio ficava a sala de jantar, amplo salão, em cujas paredes se veem ainda umas pinturas a fresco bem curiosas.

São seis quadros representando as quatro estações do anno, a musica e o canto.

No do tampo ao fundo da entrada exterior, no que representa a primavera, tem a seguinte inscrição: «ISTE. FECIT. ILLE. SOLVIT.—Manoel Luiz Pereira —ANNO 1803».

Manoel Luiz Pereira era um pintor barcelense, que legou varios dos seus quadros á posteridade.

Este artista tinha o louvável costume de assinar todas as suas obras e escrever letreiros e disticos em tudo o que pintava.

Assim em um quadro, ainda existente na Igreja de Santa Eugénia de Rio Covo, do concelho de Barcelos, representando o inferno, com diabos atormentando figuras humanas, semeou por ele varios dos seus pensamentos como estes: • Vêr=ouvir=apalpar=ô avarento olha os teus tesouros=etc. assinando • Manoel Luiz pintou» e em outro que me dizem ter existido na Capela de Santo Antonio da freguesia de Martim, do mesmo concelho, lançou na téla a imagem do santo e pôz-lhe por baixo a seguinte inscrição: «Santo Antonio de Padua, natural de Lisboa, residente em Martim e Manoel Luiz Pereira o fez na era de . . . »

Parece *blague*, mas garantiu-

me a sua autenticidade pessoa de todo o credito que o viu.

Depois desta alegre digressão voltemos á Fonte-Boa.

A Residencia e o Passal foram vendidos ha poucos anos, sendo uma e outro divididos em duas partes, passando a ser possuidas respetivamente cada uma pelo seu proprietario leigo.

O Cruzeiro Paroquial está á entrada do terreiro, ao lado esquerdo da estrada municipal.

Este antigo padrão, com capitel corintio, sem inscrição nem data, foi ali colocado quando da mudança da Igreja e reformado em 1875.

O frades do Convento do Bom Jesus da Franqueira estabeleceram na Igreja Matriz de Fonte Boa, como se vê da «Cronica da Provincia da Soledade», a Ordem Terceira de S. Francisco; esta ordem era governada por

um Comissario que era um frade d'aquelle convento.

Unida a freguesia de Santa Maria da Lapela á do Salvador, a Igreja Matriz ficou funcionando como capela publica.

Caíndo, porém, em ruínas, os moradores ariaram-na em 1701, construindo em frente a Capela de Nossa Senhora da Graça e, como o velho Cruzeiro Paroquial estivesse também muito arruinado, reformaram-no e mudaram-no nessa ocasião para o sitio onde esteve aquella matriz.

Esse cruzeiro, tosco e mutilado, ainda ora existe no mesmo lugar, ao fundo do terreiro.

A Capela da Senhora da Graça é cercada por um adro, vedado por parede com duas portas de serventia.

Nesse adro está a mais frondosa carvalheira que tenho visto!

Ao percorrer a freguezia de Fonte Boa encontram-se veneradas as seguintes *Alminhas*: as da Senhora da Luz, as do Senhor do Bomfim e as do Freixeiro. A pequenina capela de Santo Antonio, como tal considerada, no sitio do Queimado, ao lado do caminho que vae para Rio Tinto, pouco maior é do que um nicho, denotando porém muita antiguidade.

Esta freguesia, situada em planicie, na bacia orografica do Cavado, é terreno fertil. O seu solo é em parte constituido por essa facha de terra escura, conhecida pelo nome de Terra Negra, e abundante em pequenos seixos a que no Minho chamam *gódos*.

Como terra plana, a maior parte dos seus moradores abastecem-se de aguas de poços, que aqui ha muitos. Contei ainda assim as seguintes fontes publicas:

a do Lucas, a da Lapela e a do Souto.

As obras, que nesta ultima fonte se fizeram no tempo do abade Antonio Abreu, derruiram e o brasão dos *Abreus*, que nessa ocasião ali foi colocado, achasse enterrado no lodo formado pelas suas aguas.

Os brasões teem tambem ás vezes as suas vicissitudes!

Fonte Boa é servida pela Estrada Municipal que da Estrada Nacional do Porto a Viana, beira mar, vem pelas Pedreiras até á Igreja.

A sua população no seculo XVII era de 100 visinhos; no seculo XVIII era de 243 fogos; no seculo XIX era de 997 habitantes e actualmente é de 1.060 habitantes, sendo 450 varões e 610 femeas.

Tem Escola official mista que funciona em edificio proprio, ad-

quirido pela freguezia e doado ao Estado; tem Caixa do Correio e tres lojas de mercearia.

De população essencialmente agricola não tem industria digna de nota.

Os seus logares habitados são: Cruz, Agra, Cima de Vila, Logar de Baixo, Matelinho, Lapela, Eiras e Estremadours.

As suas casas mais importantes são: a da Carreira, a do Pégo, a da Cancela, a do Lucas, a do André, a do Pires, a do Grito, a da Sobreira, a do Arantes e a de Corujos.

Nasceram nesta freguesia o Dr. José de Azevedo Vasquinho, medico, Recebedor, Presidente da Camara e Administrador do Concelho de Espozende, e os benemeritos Comendadores Manoel Gomes Ferreira e Manoel Domingues Mariz.

As tropas francesas, quando

da segunda invasão de Portugal, acamparam aqui, junto ao rio Cavado, perto dos Picoutos.

Neste outeiro dos Picoutos, a que alguns chamam Felicia, atestando a passagem por estas terras de povos antigos, principalmente romanos, appareceram ha anos sepulturas, tijolos, vasos de barro, cadinhos e moedas, algumas das quais, segundo me informaram, do tempo do imperador Maxencio.

No Cavado ha um sitio, conhecido pelo nome de *Poço da Batalha*, onde dizem se deu um combate.

O P.^e Carvalho na sua *Corografia Portugueza* escreveu que essa batalha foi entre mouros e cristãos; é a mesma que, começando aqui, terminou nas margens do rio Tinto, tomando o rio aquelle nome do facto das suas aguas ficarem tintas do sangue dos combatentes.

Entre a freguesia de Gemezes e esta de Fonte Boa ha no Cavado uma barca de passagem, a bem conhecida Barca do Lago, da qual trataremos quando nos referir-mos áquella freguesia.

IV

APULIA

A freguesia da Apulia, orago São Miguel, era uma reitoria da apresentação dos Arcebispos de Braga.

A fundação desta povoação é indubitavelmente de origem romana.

Os seus fundadores deram-lhe o nome da sua formosa Apulia, hoje *Terra de Otranto*, na península italica, talvez por

serem daquela região ou pela semelhança que entre as duas acharam ao estabelecerem-se aqui.

Terra á beira-mar, a sua baía, mais ampla que a actual, reduzida pela invasão sucessiva das areias, devia facilitar a entrada e o estacionamento das naves imperiais que vinham carregar os produtos da terra e os metais preciosos extraídos das minas naquele tempo em exploração não longe daqui.

Do Portinho, ao sul da actual praia de banhos, abriram os romanos uma vala ou *esteiro* para as suas embarcações mais facilmente penetrarem na terra e aproximarem-se da Lagoa Negra, que não é senão resto daquelas minas abandonadas.

Mas não existiam só estas; em varias freguesias de concelhos visinhos ha ainda vertigios

e em outras corre na tradição que em tempos idos aquella industria se usou por aqueles sitios.

Alem disso, coroavam as cristas dos montes e outeiros circunvisinhos castros para imporem a subjugação desta região ao vasto imperio romano, devendo ser a Apulia a larga porta de comunicação dos occupantes daquelles com a mãe patria; perto de *Fanum*, não muito longe de *Brachara Augusta*, cidade importante, séde de um *convento juridico*, os dominadores não deixariam de se aproveitar daquella via de comunicação maritima com a capital do seu imperio.

Tudo nos leva pois a acreditar que esta povoação pela sua situação devia ter uma certa importancia nessa epoca.

No alvorecer da nossa nacionalidade aparece-nos com o

privilegio de couto.

Eram senhores do couto da Apulia os arcebispos de Braga.

Viviam então os conegos da Sé de Braga, bem como os das outras dioceses, em comunidade sob o mesmo tecto.

Em 1145, por acordo destes com o arcebispo D. João Peculiar, resolveu-se a separação da Mesa Capitular da Mesa Episcopal, ficando os conegos para a sua sustentação com a terça parte dos Arcediagados, Igrejas e Herdades pertencentes á Igreja de Braga e os arcebispos com as duas restantes partes.

Em 24 de Dezembro de 1165 fez-se a divisão entre o arcebispo e o cabido das propriedades e rendas do Couto da Apulia e Criaz e da Igreja do mesmo couto, ficando metade a cada uma das partes e o cabido ainda mais com a propriedade

que lhe tinha deixado Bofino para um aniversario.

O arcebispo D. Godinho, a pedido do cabido, aclarou e ratificou em 31 de Janeiro de 1188 a divisão das propriedades e rendas dos coutos e Igreja feitas no tempo de D. João Peculiar, ficando o cabido com a terça-par-te. (1)

Este couto era governado por um Juiz Ordinario, que tambem era dos orfãos, com dois Vereadores, Procurador e Meirinho de eleição trienal do povo a que presidia o Ouvidor do arcebispo. Tinha ainda um Escrivão que servia em tudo. (2)

Ainda hoje existem no lugar da Igreja umas casas, conhecidas pelo nome de *concelho*, onde fun-

(1) Fastos Episcopales—Mons. J. Augusto Ferreira, vol. I, pag. 300, nota I.

(2) Corografia Portugueza—P.^e Carvalho, vol. I pag. 167.

cionava a Camara, o Tribunal e por baixo a Cadeia.

Ao lado destas existem tambem umas outras casas antiquissimas, quasi em ruinas, que entendendo ser o Paço, onde pousava o Ouvidor do Arcebispo quando vinha a este couto.

No portal de entrada tem gravado na padieira um desenho, que parece ser uma cruz, e na primeira sala uma pedra na parede, onde está gravada uma cruz com dois braços em diagonal sobre ela: as armas de S. Francisco.

Em frente a estas duas casas, ora cercadas por muros e ramadas, devia ter existido um largo ou terreiro onde esteve o pelourinho. A columna deste ainda hoje se vê a firmar um coberto nas trazeiras daquelas primeiras casas.

No mesmo lugar, mais ao

norte, estavam as Casas da Rendada.

A força corre na tradição que era no sítio do mesmo nome, um pouco ao nascente dos paços do concelho.

E eis o que resta do antigo couto da Apulia, que compreendia esta freguesia e o lugar de Baçar, na freguesia de Barqueiros, do concelho de Barcelos.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem com a designação — «De Sancto Michaeli de Pulia», nas Terras de Faria.

Nessas Inquirições se diz que o rei não tem aqui reguengo algum, *quia est cautum de Bracara*; que na vila de Paredes costumava-se pagar voz e calunia quando era de Varzea, mas desde que trocaram esta com o senhor Martinho Pires não pagam voz nem calunia, nem o Mordomo entra aí; que esta Igreja tem

semarias e é de Braga e que a Igreja de Braga tem aqui uma, granja e 32 casais com seu couto.

Possuem aqui terras Varzêa. Sant'Iago de Vila Seca e Braga.

A Igreja Matriz desta freguesia foi reformada *à fundamen-*
tis entre 1696 a 1700, ficando com as reformas subsequentes um edificio muito comprido e baixo relativamente á sua largura.

Está ao centro de um adro cercado por paredes com duas portas de serventia

Ao lado direito da sua fachada ergue-se uma torre tambem baixa.

Dentro tem dois côros: um ao lado, onde está o orgão, e o outro ao centro, por cima da porta principal.

Os seus tectos são em castanho pintado, com traves a descoberto, e o da capela Mór é em

estuque, obra moderna.

Ha aqui duas sepulturas rasas com tampas de pedra marmore: a do lado esquerdo é do Prior José Pires de Miranda Lopes, paroco colado em 1849, e a do lado direito dizem ser a de um estudante desta freguesia, cujo nome ignoro.

Do lado do evangelho está a sacristia paroquial, pequena, com lavabo de pedra e gavetões de castanho. Nesta existe uma tela da Virgem com o menino ao colo, que parece de algum valor.

Do lado da epistola está a sacristia da Confraria do Rosario, onde tambem existe um quadro de Santa Rita.

Mostraram-me aqui uma custodia de prata dourada com incrustações de pedras finas, estilo renascença, que esteve escondida na ocasião das invasões francesas.

E' tradição popular que a Igreja paroquial da Apulia esteve primitivamente no sitio da Agra dos Mouros em Paredes.

Pinho Leal e outros escritores que seguiram essa tradição dão-na como existente naquele logar e que sendo arrasada pela invasão das areias do mar, foi mudada, sem indicar a data, para onde está.

Daquella desaparecida Igreja apenas existe um cruzeiro, que o povo ainda hoje venera, concorrendo com azeite para a sua lampada.

Ha, porém, quem sustente com visos de verdade que entre a freguezia d'Apulia e a de Fão exitiu em tempos remotos a freguezia de Paredes, cuja matriz seria esta Igreja.

E' certo que as Inquirições de D. Afonso II de 1220 não mencionam esta freguezia, mas,

de uma nota que vem no *Portugaliae Mon. Hist.*, no final da freguezia de Fonte Mala, hoje Fonte Boa, que diz: «termina aqui faltando-lhe a freguesia seguinte,» não repugna acreditar que a freguesia que falta naquellas Inquirições seja a de Paredes.

O sr. Bento Antas da Cruz, em um artigo publicado em «O Espozendense» dá como existente em tempos afastados a freguezia de Paredes, com a sua velha Igreja na Agra dos Mouros, fundamentando essa opinião com as actas da Camara de Barcelos que se referem à existencia desta freguesia.

O Snr. P.^e Bernardino dos Santos Portela, muito digno Prior d'Apulia aposentado, é tambem da mesma opinião.

Examinando ha anos os marcos divisorios d'Apulia, verificou que estes, ao norte, não a-

brangem em Paredes um grande tracto de terreno, hoje pertencente á Apulia, talvez por em tempos idos fazer parte daquela extinta freguesia.

A freguesia de Paredes, em data indeterminada, foi anexa á da Apulia.

De tudo se deduz que a matriz da Apulia não esteve primitivamente em Paredes, como alguns dizem, mas sim pouco mais ou menos no sitio onde está, perto dos Paços do Concelho do seu couto.

A Residencia Paroquial, perto do edificio do actual templo, foi vendida em 1919.

O cemiterio, no lugar da Igreja, tem sobre o seu portão a data de 1885.

Ha nesta freguezia as seguintes capelas:

A Capela de Nossa Senhora do Amparo, no lugar de Criaz,

que é um templo amplo e bem proporcionado.

A sua fundação data do século XVIII, sendo benzida em 15 de Julho de 1785, sofrendo porém posteriormente varias transformações.

Na parte superior da frontaria, por cima da janela, está a imagem da padroeira com a seguinte inscrição «EU. SOU. O. AMPARO. DOS PECCADORES—1808» e no remate está outra: «BEMFEITOR. LUIZ. JOAQUIM. DE. CARVALHO. CONTRIZ—1907.

Ao lado esquerdo do edificio, junto à porta travessa, ergue-se o torreão, baixo, com tres sinos.

Os seus tres altares são em talha moderna e a tribuna do altar mor tem em cima gravada a seguinte inscrição: «LUIZ, J. DE CARVALHO CONTRIZ.

Tem coro e duas sacristias.
O templo é cercado de adro
com tres portas de serventia.
Das paredes desse adro levan-
tam-se compassadamente pilas-
tras rematadas por bolas de pedra.

E' esta a celebrada capela de
Nossa Senhora do Amparo, on-
de todos os anos se faz uma ro-
maria e ainda ha bem pouco
tempo se *enxotava* o diabo do
corpo dos infelizes atormentados
por tão importuno inquilino.

E' crença quasi geral en-
tre o nosso povo que o diabo,
deixando os seus dominios, faz
incursões por este mundo sub-
lunar hospedando-se no corpo
de algum descuidado mortal.

Com as exigencias do mo-
derno turismo o maldito viajan-
te desdenha já do alojamento nos
corpos imundos dos porcos da
biblia e prefere os da humana
mocidade historica.

E' aí que ele se *incuba* e faz campo das suas tropelias.

Como remédio para tão diabolico mal recorre o paciente aos *exorcismo* e outras *resas*, recitadas por pessoas tão destemidas que nem do proprio diabo teem medo.

Houve uma dessas aqui, cuja fama chegou bem longe e que Antero de Figueiredo immortalizou no seu livro «Senhora do Amparo» sob o nome de P.^e Liberato.

Junto a esta capela havia a casa da residencia do seu capelão que foi vendida ha anos.

A Capela de S. Bento, no mesmo logar de Criaz, foi fundada em 1655 por alguns dos seus moradores, que se obrigaram, por escritura de 13 de fevereiro de 1656, a pagar certa pensão em milho.

Era desta capela que em tem-

pos idos se levava o viatico aos enfermos.

Tem tres altares em talha moderna e sacristia ao lado esquerdo, sofrendo ha anos obras de restauração que modificaram muito a sua arquitetura primitiva.

Na frontaria por cima da porta está a inscrição:— «S. E † M. J. --1928.»

E' cercada de adro, fechado por parede, com uma porta de serventia.

Foi esta capela visitada pelos arcebispos de Braga D. Rodrigo de Moura Teles em 1719 e D. Gaspar de Bragança em 1777 e 1780.

No terreiro fóra do adro ergue-se um cruzeiro que foi mudado pelos moradores deste lugar, motivando esse facto rija demanda que terminou em 1911.

Esta capela é hoje particular e pertence ao snr. P.^o Adelino

Ferreira da Costa, capelão do Amparo, que a comprou em 1919.

A Capela da Senhora da Caridade, no lugar da Igreja, tem na frontaria a data 1881, sendo dentro pobríssima.

Pertence à família Igreja desta freguezia.

A Capela da Senhora da Boa Viagem, no lugar da Areia, pertence à família Ferraz, de Barcelinhos. Foi mandada construir por Antonio Ferraz de Gouveia Lobo, falecido em 1889.

A Capela da Senhora da Guia, no mesmo lugar, pertence à família Lopes dos Santos, de Barqueiros, Barcelos. Foi mandada edificar por Manoel Inacio de Sousa, que a doou àquela família.

A Capela de Nossa Senhora de Lourdes, no dito lugar da Areia, pertence à família Gonçal-

ves do Paço, desta freguezia.

Ha os seguintes Nichos ou alminhas: tres no logar de Criaz e um no logar da Igreja.

Esta freguezia, situada em planicie, é banhada pelos ribeiros: da Fonte Velha, de Mouricos e dos Pousados, sendo só o de Mouricos de corrente permanente pois os outros dois secam de verão.

Todos nascem nesta freguezia só o de Pousados é que nasce na freguezia de Laundos, do concelho da Povoia de Varzim. E' este que faz mover algumas azenhas durante o inverno.

E' atravessada pela estrada Nacional do Porto a Viana do Castelo, de sul a norte, e pela estrada Municipal de nascente a poente, das Necessidades á beira mar.

Tem apenas uma fonte publica que é a da Senhora.

Corre ácerca desta fonte uma lenda que como tal a vou contar.

Em um dia calmoso de estio vinha pelo areal um homem com a imagem de Nossa Senhora ás costas, que a tinha comprado não sei onde, lá para os lados do sul.

Fatigado pela viagem e abraçado em sede pousou no chão a imagem, resou uma oração, fez uma prece a Nossa Senhora, pedindo-lhe agua, e no entretanto, adormeceu.

Ao acordar qual não foi o seu espanto vendo correr junto a si uma fonte de cristalinas aguas, onde saciou a sede, e a imagem ter desaparecido, indo-se acolher ao seu templo do Amparo.

Estas aguas tiveram fama de milagrosas, vindo aqui bebelas os exorcismados do Amparo. E o que é um facto é

que depois da sóva de pau que levavam do *enxota diabos* naquella capela estas aguas faziam-lhe bem, refrigerando-os um pouco!

Confronta esta freguezia do norte com as de Fão e Fonte Boa, do nascente com a de Barqueiros, do concelho Barcelos, do sul com a da Estela, do concelho da Povoia de Varzim e do poente com o oceano atlantico.

A sua população no seculo XVII era de 150 visinhos: no seculo XVIII era de 180 fogos; no seculo XIX era de 1542 habitantes e actualmente é de 2.340 habitantes.

Esta freguezia, que em territorio tem uma area enorme, conta apenas os seguintes logares: Paredes, Areia, Criaz, e Igreja.

As suas casas mais importantes são: a do Saraiva, a do

Zacarias, a dos Barros, a do Norte e a da Agra.

Tem Escolas officiais para os dous sexos, que funcionam em edificios arrendados; tem 8 lojas de mercearia, 3 caixas do correio, sendo a principal a do logar da Areia e um Posto Fiscal neste mesmo logar.

Viveram nesta freguesia:

P.^e Francisco Leite, o primeiro que, segundo me informam, usou em 1683 o titulo de Prior.

P.^e Manoel José Lopes de Miranda, natural da freguesia de Cristelo, concelho de Barcellos, foi Prior d'Apulia em 1857.

Gabriel Gonçalves Mouco, natural da Apulia, foi Capitão de milicias no seculo XVIII.

Um seu bisneto contou-me que viu o chapéu emplumado, casaca, calção de seda e fivelas de prata com que nos dias solenes se apresentava imponente!

O povo d'aqui occupa-se geralmente no cultivo dos campos e na apanha do sargação e caranguejo no mar, que ele emprega como adubo na terra, vendendo o excedente.

E' terra abundante em caça, sendo este um divertimento muito apreciado pela colonia balnear.

Houve na costa junto ao mar, ao norte da praia de Cedovem, um facho ou farol, sempre aceso de noite, que os moradores eram obrigados a guardar armados por causa dos piratas.

Entre o logar da Igreja e o de Paredes existe uma Lagoa, onde crescem canas e *oleiros*, uma especie de ervas, que dá uma palha empregada na confecção de cadeiras, colchões etc.

Apulia é uma modesta mas encantadora estancia balnear, que era inuito frequentada ha meio seculo por gente de Barcelos,

Braga e outras terras.

Pela falta, porém, de comodidades e meios de transporte, sem homens de iniciativa que lhe dessem impulso e desajudada dos poderes publicos, não acompanhou o progresso e engrandecimento das outras terras suas congéneres.

A sua praia, na qual o mar se espreguiça suavemente, não oferece perigo aos banhistas, podendo ser até dispensado na ocasião dos banhos o auxilio de profissionais.

A Junta Geral do Districto pensa na construção de um pavilhão para as crianças de Collegios e Asilos virem aqui tonificarem-se e robustecerem-se.

Bem haja se assim o fizer!

Nota.—Aos Snrs. P.^e Adelino de Lima Miranda. muito digno paroco da Apulia e P.^e Bernardino dos Santos Portela, muito digno Prior aposentado da mesma freguezia, os mais rendidos agradecimentos pelos informes que me deram.

Bras e outras coisas, e por
Pela falta, porém, de condi-
ções e meios de transporte, sem
homens de iniciativa que lhe des-
sempehasse e desafiadas dos po-
deres públicos, não acompanhou
o progresso e engrandecimento
das outras terras suas congêneres.
A sua parte, na qual o mar
se espreguia suavemente, não o
leste pegou aos barbeiros, po-
dendo ser até dispensado na o-
casão das lutas o auxílio de
profissionais.

A Junta Geral do Distrito
pensa na construção de um pa-
vilhão para as crianças de Cole-
gios e Asilos, além de um toni-
liar-se e reedificação-se-
do Bem para se assim o fizesse.

Nota—Aos Srs. F. Adeline da Lima
Alameda, irmão digno parvo da Paróquia
e F. Bernardino dos Santos Teófilo, irmão
digno Filho e pai de uma família, os
seus felizes e saudáveis votos.

PALMEIRA DE FARO

Palmeira de Faro, orago Santa Eulalia, foi uma vigairaria da apresentação dos arcebispos de Braga e comenda da Ordem de Cristo.

Palmeira parece vir de peregrino ou estrangeiro, que na baixa latinidade se chamavam *palmarius*, *palmatius*. Os peregrinos da Terra Santa, quando regressavam à patria, traziam um

ramo de palmeira em sinal de terem acabado a sua peregrinação ou romaria e daí lhes veio o nome de *palmeiros*.

Palmeira será, pois, a terra de algum desses peregrinos.

Faro vem de farol ou facho que se costumava acender nos altos dos montes e nas costas do oceano para guiar a navegação.

Nesta freguesia existiu um, no qual ainda em 1824 havia faroleiro.

Esse farol ou facho foi substituído por um marco geodesico, hoje também desaparecido, em cujo sitio porém ainda dele existem vestígios.

Esta freguesia foi couto antiquíssimo; já nos aparece com essa regalia em 1258.

Nas Inquirições desse ano, quando se trata da freguesia de S. Miguel de Zopaes (Marinhas)

se diz: «Item omes de Goyus metem se no *Couto de Palmeira* e de Fao e vam lavrar a erdade foreira de Goyus e non querem dar na renda e torna sse a renda sobre los outros omes de Goyus.»

Como este couto passou para as freiras de Santa Clara de Vila do Conde, não sei.

Sei, porém, por um documento autentico que me mostrou o Senhor P.^e Bernardino dos Santos Portela, natural desta freguezia e muito digno Prior aposentado da da Apulia, esclarecido consocios no campo que vou lavrando, que em 24 de setembro de 1670 foi renovado o praso de vidas do Couto e Honra de Palmeira a Pedro Carneiro Gaio, solteiro, filho que ficou de Manoel Gaio Carneiro, Fidalgo da Casa Real e ultima vida.

Por esse documento, certidão extraída do livro dos Prasos; n.º 11 d'aquelle convento, se vê que as freiras eram senhoras desta Honra e que a emprasaram pelo fôro de mil e seis centos reis de contado, podendo o enfiteuta fazer prasos a lavradores que trabalhassem naquelas terras.

Antonio Martins Gaio, que viveu em meados do seculo XVI, é o primeiro enfiteuta senhor daquela Honra.

Foi este na verdade o primeiro enfiteuta?

Parece que sim, pois a renovação de praso, a que atraz me refiro, foi ao neto por o pae ser terceira vida, além de que Felgueiras Gaio, no seu Nobiliario, e o abade do Louro, no Suplemento à Memoria Historica, começam a dar áquele o titulo de Senhor da Honra de Palmeira.

Esta Honra continuou nesta família até á sua extinção.

A fréguesia de Palmeira de Faro vem nas Inquirições de 1220 com a designação:—«De Sancta Eolalia de Palmeira», nas Terras de Neiva.

O rei não tem aqui reguengo algum, mas dão de vila de Terroso por voz e calunia 5 morabitinos e de Palmeira Susaa 7 morabitinos e um carneiro.

Tem aqui Santa Eulalia de Rio Covo 3 casais, Banho 6 casais e Palme 4 casais e uma quarta.

Nas Inquirições de 1258 dizia-se que de Palmeira Susaa pagavam fôro e iam ao Castelo, que o meio de Terroso é reguengo e «am de levar o pam al Rey a Curvus.»

«Item am estes do Reguengo de Terroso a ir a todo o Juygado de Nevia pola penora

de omizio conoszudo cum no Porteiro del-Rey, etc darem na penora aos Tronqueiros de Curvus que a guardem; et devem et am de ir fazer a ramada al-Rey a Curvus.»

Fazer a ramada ou *ramata* era lançar no fundo dos poços dos rios ramos de arvores para que o peixe subindo a eles ali se acolhesse e mais facilmente fosse pescado.

Era muito frequente naquela epoca este serviço dos colonos para com os senhores da terra.

Com a tradução desta frase *fazer a ramada* julgo ter prestado algum serviço aos nossos pescadores menos entendidos nos termos e palavras antigas.

Experimentem pois este modo de pescar, hoje completamente olvidado, e, se der resultado, adotem-o que eu não levo nada pela lição.

Colhi na tradição oral que a uns duzentos metros distante da actual Igreja Paroquial, no sítio de Santa Baia, havia uma capela ou igreja, da qual apparecem vagos vestígios.

A actual Igreja Matriz é um templo bem construido, de boa pedraria, estilo renascença, cercado de um adro fechado por parede com duas portas de serventia, tendo a que está em frente á entrada principal um fôjo de pedra.

Ao lado direito da sua frontaria ergue-se uma solida e bem proporcionada torre construida por 1795.

Dessa mesma data deve ser a obra da fachada da Igreja, a qual tem por cima da janela a imagem da padroeira em pedra.

Este templo primitivamente era pequeno, sendo porém por vezes augmentado e alterado.

A ultima obra que teve foi em 1927 com alteamento dos seus telhados para a colocação da *telha francesa*.

De um e do outro lado da capela mór estão as sacristias: do lado da epistola a paroquial e do lado do evangelho a da Confraria do Sacramento.

O corpo da Igreja é formado por duas naves em arcarias: a central e a do lado esquerdo.

Os tectos nesta parte da igreja são em estuque e o da capela mór em madeira pintada.

O altar mór é em talha simples, notando-se uma crecimo do meio para cima, feito quando do alteamento do edificio da igreja.

Este altar tem na base junto ao supedaneo a seguinte inscrição: «SS. Sacramento 1872.»

Os quatro altares laterais são igualmente em talha simples e moderna.

O pulpito é antigo e o baptisterio simples e modesto.

Ao entrar neste templo tem-se a sensação agradável de frescura e aceio, o que muito honra quem está encarregado de o zelar.

D. Fr. Bartolomeu dos Martires visitou a igreja desta freguesia em 12 de Julho de 1564, passando daqui a de Espozende e em 1927 foi igualmente visitada por o arcebispo de Braga Snr. D. Manoel Vieira de Matos, ignorando as demais visitas pastorais, se as teve.

Fôra da porta principal vê-se ainda uma sepultura com tampa de pedra a qual acompanhou a igreja no seu acrescimo neste sentido em 1795.

Esta sepultura tem gravada a seguinte inscrição: — «AQVI. JAZ. PEDRO. GRANDE....»

O resto mal se decifra pelo des-

gastamento das suas letras, mas informaram-me que dizia:— «Pe-de um Padre Nosso e uma Ave Maria.»

E' conhecida pela sepultura de *D. Sapo*.

(+)

Corre aqui tambem a lenda do *D. Sapo*, senhor tirano e orgulhoso, que espesinhava os seus vassallos e não sei se ás suas subditas exigia o *tributo de osas* quando casavam.

O que é um facto é que as mulheres ainda agora não passam por cima daquelle sepultura, pois esse antigo devasso, do sitio onde jaz e reduzido ao estado em que ficou, tem o prazer infernal de lhes espreitar as pernas.

Fóra do adro, junto á parede de uma casa, está uma outra sepultura de pedra, mutilada, que recebe a agua de uma bica, a qual o povo poz o nome da *pia do cavalo*.

(+) q. não passava de *Tailor* em dinheiro pago pelo mortal.

Ao norte, perto da Igreja, está o Cemiterio Paroquial, tendo no seu portão a data—1885—e junto a este ergue-se o Cruzeiro Paroquial, antigo mas com a Cruz reformada ha poucos anos.

Dizem-me que esteve um pouco mais ao poente e que para aqui foi mudado depois da construção do cemiterio.

No lugar de Terroso havia antigamente um *Calvario*, no sitio onde ainda hoje se encontra uma cruz de pedra. A pequena distancia desta está o pedestal de outra, mutilada, que contém uma inscrição até hoje indecifrada.

A antiga Residencia Paroquial fica ao lado direito da Igreja, separada desta apenas pelo adro. Foi vendida já neste seculo, quando da desamortisação dos bens ecclesiasticos.

Tem esta freguezia as seguintes capelas:

A Capela de Santo Antonio do Monte, no logar de Palmeira ou Faro, é antiga e pública.

A Capela de Nossa Senhora de Lourdes, junto á casa de Mareces ou de Cima de Vila, foi construida ha uns trinta anos.

Em frente a esta capela ergue-se o *cruzeiro memoria*, em fórma de portico, formado com seis colunas e seus capiteis, quatro em baixo e duas em cima, trazidas do convento de Banho e dignas de estarem em um Museu.

Esta capela é particular e pertence ao Snr. P.^o Bernardino dos Santos Portela.

Ha ainda *A Capela*, cuja invocação ignoro, junto á casa da Torre, que é antiga.

Esta capela foi da casa da Fervença e hoje pertence ao Snr.

P.^e José Manoel de Souza.

A Capela do Senhor dos Desamparados, no cimo de um pequeno outeiro, no lugar de Terroso.

E' particular e pertence ao Snr. José Gonçalves Rosa.

Ha os seguintes Nichos ou Alminhas: as do Cemiterio e as de Souza.

Esta freguesia, situada em planicie, é banhada pelo ribeiro do Pégo ou Azevedo, que nasce na freguezia de S. Claudio e desagua no rio Cavado e é servida pelas estradas distritais N.º 29 de Braga a Espozende e pela que vae da Barca do Largo a Barroselas com um pequeno ramal até á Igreja e um outro em forma de avenida até ao lugar de Terroso, casa de Cima de Vila, construído em 1900.

Ao norte elevam-se os montes de Faro e S. Lourenço por

onde confronta com as freguesias de S. João de Vila Chã e S. Claudio de Curvos; pelo nascente com as de S. Salvador de Banho e Santa Maria de Vila Coiva, do concelho de Barcelos; pelo sul com as de S. Miguel de Gemeses e S. Martinho de Gandra e pelo poente com a de S. Miguel das Marinhas.

Tem as seguintes fontes publicas: a de Terroso, a de Eira d'Ana, a de Palmeira, a de Souza e a das Tres Bicas.

A sua população no seculo XVII era de 140 visinhos; no seculo XVIII era de 115 fogos, no seculo XIX era de 661 habitantes e actualmente é de 960 habitantes.

Tem escola official para o sexo masculino que funciona em edificio arrendado.

Tem caixa do Correio e 4 lojas de mercearia.

A sua industria não é digna de nota.

A população está distribuida pelos seguintes logares habitados: Estrada, Póvoa, Aldeia, Carreira, Portela, Quinta, Paço, Bouça, Outeiro, Ribeiro, S. Sebastião, Ponte, Ortigueira, Assento, Palmeira, Igreja, Eira d'Ana, Lamela, Verdasca, Coucinheiro, Vilarinho, Pitancinhos, Barral, Faro e Terroso.

As suas casas mais importantes são: a da Torre (brazonada), a de Mareces ou de Cima de Vila, a da Seara, a Boaventura, a do Valente e a do Barral.

A casa de Mareces pertence ao Snr. P.^e Bernardino dos Santos Portela e tem sobre o seu portal a seguinte inscrição: «ECCE ELONGA-VI. FUGIENS. ET. MANSI. IN. SOLITV-DINE.»

Dos homens mais illustres, cujos nomes andam ligados a esta freguezia, mencionaremos os seguintes:

Antonio Martins Gaio, filho mais bem visto e querido de seus paes, succedeu-lhes em tudo o que poderam tirar a seus irmãos.

Foi senhor da casa da Fervença e da Honra de Palmeira de Faro.

As freiras do convento de St.^a Clara de Vila do Conde eram senhorias directas desta Honra, que emprazaram aos Gaios daquella vila, como já se disse.

Antonio Martins Gaio, com sua mulher e sogro, instituiu o Morgado da Fervença com capella na Igreja Matriz de Vila do Conde.

Tirou brasão em 2 de Abril de 1578.

João Felgueiras Gaio, filho do

antecedente, foi senhor da Honra de Palmeira e casado com D. Mecia Bicudo Carneiro, filha de Pedro Bicudo Raposo, senhor da quinta da Barca do Lago, na freguezia de Gemezes, e de D. Brites de Couros Carneiro.

João Felgueiras Gaio foi o pae de Pedro Carneiro Gaio, o que morreu nas costas do Brazil, juntamente com seu sobrinho Bartolomeu Felgueiras Gaio, lançando fogo ao navio em que ia para não cair em poder dos holandezes contra quem combatia em 1656.

D. Antonia Luiza Felgueiras Gaio, senhora da casa da Fervença e comendadeira de S. Facundo, casou com Rui Mendes de Vasconcelos, F. da C. R. e senhor da casa de Sinfães, sepultado na Igreja do convento da Franqueira, conforme se vê da «Cronica da Soledade».

Marcos de Barros da Costa, filho de Gaspar de Barros da Costa, cavaleiro de Alcacer-Kibir, e de D. Filipa Cardoso, senhores da casa do Rego em Espozende.

Em 30 de Julho de 1597 Isabel Vaz, tia de Marcos de Barros, instituiu um vinculo no qual mais tarde este succedeu.

Marcos de Barros, com sua mulher Leonor Barbosa, juntou a esse vinculo todos os seus bens, inclusivé a quinta do Barral nesta freguezia.

Esta capela ou vinculo passou em 1727, por falta de successão legitimaos instituidores, para a administração dos Morgados do Perdigão, administradores da Capela dos Reis Magos na Colegiada de Barcelos, e em 1796, apoz um renhido pleito judicial, para os ascendentes dos actuais possuidores daquela quinta.

José Joaquim dos Santos Por-

tela, abastado proprietario desta freguesia, reedificou e arrematou a sua casa de Mareces ou de Cima de Vila em 1838, anno do primeiro anniversario da fundação da sua capela junto á casa de Vila Cova, do concelho de Barcelos.

Da fixação de povos antigos nas terras que hoje pertencem a esta freguesia apparecem-nos ainda alguns vestigios.

Na quinta de Mareces ou Fim de Vila descobriu-se ha alguns anos um dolmen. Em uma pequena elevação de terreno, junto a um marco da casa de Bragança do Duque D. Jaime, ao fazerem-se umas escavações appareceu ali esse monumento pre-historico, infelizmente incompleto, pois tem apenas tres pedras do lado, sem cobertura.

No eirado da casa do Cuco, no logar de Eira d'Ana, existe

uma sepultura cavada em rocha.

No alto do monte do Faro vê-se um penedo com duas portas de entrada por baixo, a que chamam o *penedo dos Mouros*.

Aos pobres arabes, que bem pouco tempo se demoraram ao norte do rio Douro, é-lhes attribuido na crença popular tudo o que de bom ou mau é dos outros povos que por aqui viveram.

A passagem dos francezes em 1809 por estes sitios ficou tristemente assinalada.

As tropas invasoras ao chegarem a Barcelos não foram hostilmente recebidas, devido á intelligencia e prudencia do seu Ouvidor João Nepomuceno Pereira da Fonseca e Silva Veloso, o que deu em resultado os habitantes daquela vila não sofrerem vexações.

Sendo destacadas d'ali par-

te daquelas tropas para Espozende, para vigiarem a costa, ao chegarem a Mariz foram atacadas pelas Ordenanças, sofrendo algumas baixas e sendo obrigadas a retroceder.

Recebidos reforços e retomada a sua marcha para Espozende, os francezes em revindicta praticaram as maiores violências por onde passaram.

Mortes, ferimentos, incendios e violações de tudo foi teatro esta boa terra; o povo que conseguiu fugir espavorido para os montes visinhos presenciava d'ali esse terrivel espetaculo.

Esta freguesia não foi das menos castigadas; inúmeram-se algumas mortes e até um padre no logar de Eira d'Ana sofreu injurias e maltratos.

A maior parte do povo daqui fugiu para o monte do Faro, mas nem lá escapou, pois um des-

tacamento francez, subindo ao cimo daquele monte fez cair muitos nos despenhadeiros e outros foram passados pelas armas.

Os velhos contam ainda muitos factos succedidos nessa epoca, que ouviram narrar a seus paes e avós.

VI

GANDRA

Gandra, orago São Martinho, era uma vigairaria do Cabido de Braga.

Gandra, quer dizer planície inculta e esteril.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação—«De Sancto Martino de Ganderia», na Terra de Neiva e nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum e que «Menendus Sancti comparavit in

Quintacla (Batana) unum casale de Sueiro Johannis, et solebat inde pectare vocem et calumpniam et dabant inde fossadeira et modo nichil inde dant. Et domna Orraca Velasquiz comparavit in Gandra unum casale de Eirigo Guilimires et facit similiter. Et vadunt omnes ad Castellum.»

Esta Igreja tem sesmarias e testamentos, Varzêa 7 casais e um sexto, Bouro 3 casais, Santa Baia de Rio Covo 2 casais, Tibães 1 casal, Manhente 1 casal, Santa Baia de Faro 1 casal, Rendufe 1 casal e meio, Adaufe 1 casal e meio, Templo 1 casal, Banho 2 casais e meio, Roriz 1 casal, São Paio d'Antas 1 casal, Vilar de Frades 1 casal, Palme 1 casal menos um quarto, Carvoeiro, a sexta parte de um casal e o Hospital 4 «quintaas».

Nas Inquirições de 1258 «in parrochia Sancti Martine de Gan-

dera» disseram que «el Rey non est padrom de ecclesia»; que os desta freguesia vão ao Castelo, que dão ao casteleiro por dia de Pascoa de cada fôgo dois ovos; que o Mosteiro de Banho tem aqui uma granja que costumava dar renda ao rei, mas agora não a dá; que «Fernandes Afonsi miles comparon erdade que foy de Menendo de Lago et dava na renda al Rey et ora non na dá».

Em 7 de Maio de 1350 o arcebispo de Braga D. Guilherme deu comissão ao conego da sua Sé Pedro de Margarida e ao prior do Santo Monte, da Ordem de Chumy, Guilherme Gaidelli para unirem a Igreja de São Martinho da Gandra á Igreja de São Miguel das Marinhas, a instancias do paroco desta freguesia, segundo se lê nos «Fastos Episcopais» de Mons. J. A. Ferreira, vol. II, pag. 164,

Cluny

A Igreja Matriz desta freguesia esteve primitivamente no sitio hoje conhecido pelo «Olival» e daí foi mudada para onde está ha uns quatrocentos anos, segundo me informaram.

Corre na tradição que a construcção da nova Igreja esteve projectada no lugar do Matinho, um pouco mais ao sul, mas que, demolido o velho templo e formando-se uma grande *acarretada* para o transporte da pedra e outros materiais que tinham servido nas antigas edificações, indo os carros numa grande fila ao passarem no sitio onde hoje está a Igreja quebrou a roda do da frente, tombando e abstruindo o caminho

Tudo parou e a gente que acompanhava a carretada correu ao sitio do desastre.

Quando porém começaram a trabalhar para porem em mo-

vimento aquele grande comboio
alguem aventou a ideia de que
a vontade de Deus talvez fosse
ser a Igreja construida ali e não
em outro lugar, como do sinis-
tro se poderia conjecturar.

Todos concordaram, uns por
crença, outros por comodismo
de não irem mais longe.

Descarregaram então os ma-
teriais transportados e deram
principio á construção do novo
templo.

O sitio onde esteve a antiga
Igreja ficou sendo conhecido mais
tarde pela nome de «Olival»,
das muitas oliveiras que conti-
nha, cujo rendimento era de uma
confraria.

Este terreno passando para
a posse de particular foi cultiva-
do, arrancando-se as olivei-
ras.

Na ocasião desses trabalhos
foram encontradas ali ossadas

(1) Confraria do Santissimo; as oliveiras,
nos Adros, foram mandadas plantar por
D. Frei Bartholomeu dos Martyres para o azeite
das lampadas.

humanas e vestígios de construções.

Perto daquelle sitio, no lugar do Cruzeiro, conservou-se por muito tempo uma cruz na base da qual tem gravados os algarismos IIII.

Disseram-me, quando passei por esta freguesia, que era a data da sua erecção, o que me parece pouco provavel.(1)

Não será antes o *quatro* escrito daquela fórma, de qualquer via-sacra que ali houvesse?

Esta cruz está actualmente levantada no cemiterio paroquial para onde foi mudada quando da sua construção.

O actual templo é românico, ainda que um pouco deturpado pelas reformecas subsequentes, denotando ainda assim muita antiguidade: é baixo e sobre o comprido. Está cercado de adro, fechado por parede, tendo

(1) porque!? 1111 = 1073 a. D., Tudo quanto há de mais aceitavel.

na porta de serventia um fôjo.

Ao lado esquerdo ergue-se um modesto torreãosinho para um sino e do lado direito as sacristias.

Os tectos da capela mór são em madeira em caixotões e os do corpo da Igreja em estuque.

O altar mór é em rica talha estilo barrôco, bem como os dois laterais junto ao arco cruzeiro. Seguem-se-lhes a estes outro dois altares em talha também antiga mas mais simples e modernamente foi construido mais abaixo um outro que destoa por completo do resto da Igreja.

O batisterio é simples.

Perto da Igreja, um pouco ao sul, está o Cruzeiro Paroquial, simples e modesto.

Ao norte foi construido o Cemiterio Paroquial, vendo por cima do portão a data 1885.

A Residencia Paroquial fica-

va ainda mais ao norte, distante da Igreja, a qual foi vendida quando da desamortisação dos bens ecclesiasticos ha poucos anos.

Nesta freguesia ha apenas uma capela: a de *Nossa Senhora de Guadalupe*, no logar do Souto.

E' antiga, e de boa pedraria e cercada de adro com parede.

Ao seu lado esquerdo ergue-se uma bem proporcionada sacristia.

Dentro os tectos são em estuque, com travêtas de ferro floreadas a descoberto. O altar é em talha antiga, renascença.

Ao fundo de um largo terreiro que se estende ante esta capela ergue-se um tosco cruzeiro, sem inscrição nem data.

No mesmo logar do Souto mas em outro largo mais ao sul, está outro cruzeiro tambem sem data nem inscrição.

Esta capela é pública.

Ha as seguintes Alminhas: as da Igreja, as da Fonte e as do Escampado.

Esta freguesia, situada em planicie, é fertilisada pelo ribeiro das Casas, que nela nasce e vae desaguar ao Cávado, é servida pelas estradas do Porto a Viana do Castelo e de Espozende a Braga e ainda por um ramal que desta vem até á Igreja Paroquial.

Confronta do norte com a freguesia das Marinhãs, do nascente com a de Gemezes, do sul com o rio Cávado e do poente com este rio e a freguesia de Espozende.

Tem as seguintes fontes publicas: a da Fontela e a da Gandra.

A sua população no seculo XVII era de 9 visinhos; no seculo XVIII era de 48 fogos; no

seculo XIX era de 275 habitantes e actualmente é de 479 habitantes.

Esta população está distribuida pelos seguintes logares habitados: Aldeia de Baixo, Paço meão, Presa, Paço e Aldeia de Cima.

As casas mais importantes são; a dos Barros, a de Santa Marinha, a dos Pereiras, a de Maresces e a de Sá Pereira.

Tem uma loja de mercearia, Caixa do correio e Escola Oficial, que funciona em edificio arrendado.

Entre esta freguesia e a de Fão existe sobre o Cávado uma boa e solida ponte metalica, construida em 1891, que dá serventia á estrada, hoje considerada de *turismo*, entre o Porto e Viana do Castelo.

Antes da construção desta ponte a passagem no rio fazia-

se em barcaças.

Perto do rio, junto á estrada, houve uns fôrnos de cal, estabelecendo-se nesse mesmo lugar ha poucos anos uma fabrica de serração de madeiras; ambos estes estabelecimentos, porém, não funcionam actualmente.

Na margem do rio, em um campo confrontante com o lugar de Fão, segundo as Memorias Paroquiais de 1758, se acham uns altos, cobertos de mato, com seus fòssos, conhecidos na tradição por «muros de Fão»; devem ser restos de fortificação do rio ou de estrada que por aqui seguia o litoral.

Chamaram a minha atenção, quando vim a esta freguesia, para o facto de os caminhos que lhe dão serventia serem fechados com cancelas, encontrando-se em alguns ainda os tranqueiros d'aquelas com restos das res-

petivas dobradiças.

Não me souberam explicar a razão desse facto, mas eu supponho que seria talvez uma defesa para os campos desta freguesia dos animais estranhos a ela.

Foi paroco e professor na Gandra o P.^e Manuel Alvares Ferreira Neves, natural de Palmeira de Faro, musico distinctissimo, falecido no primeiro quartel deste seculo.

E' esta uma das freguesias mais pequenas do concelho de Espozende em população, mas, pela sua situação, cujos limites vão até á vila, deve num futuro proximo progredir e aumentar.

Parece que a população desta freguesia outrora se acumulava ao norte: apparece-nos um sitio com o nome de *Casaído*, palavra que nos leva a acreditar que ali houvessem muitas casas.

Nesta freguesia ha o monte da Fôrca onde me dizem se armava a fôrca de Espozende.

Da existencia de aguas medicinaes resta ainda a *fonte do Juiz*.

Ao Snr. P.^o Manuel de Sá Pereira, natural desta freguesia, antigo reitor de Caminha e actual Presidente da Comissão Administrativa da Camara Municipal de Espozende, pelos informes que me deu, os meus agradecimentos.

VII

GEMESES

Gemezes, orago São Miguel, era uma abadia da apresentação alternativa do Ordinário, do Reitor de Banho e do Convento dos Conegos Seculares de São João Evangelista de Vilar de Frades.

Gemezes, segundo o P.^e Antonio Gomes Pereira, quer dizer *vila germinensis*, vila ou quinta dos gemeos.

Nas inquirições de 1220 vem com a designação—«De Sancto Michael de Gemecios», na Terra de Neiva.

Diz-se nessas Inquirições que o rei não tem aqui reguengo algum; que esta Igreja tem sesmarias, Hospital 2 casais, Templo 2 casais, Varzêa 4 casais, Banho 3 casais, Santa Ovaya 5 casais, Sant'Iago 1 casal e Braga 1 casal.

Nas Inquirições de 1258 dá-se-lhe a designação:—Parrochia Sancti Michaelis de Julmezes».

Referente a esta freguesia, entre outras cousas, diz-se que «ouviram dizer que o quarto desta ecclesia est reguenga del Rey;» disseram mais que «Ferdandus de Lago tem uma erdade de Sancta Ovaya na vinea, que soya a dar na renda, e ora non na da»; que «Alfonso Gomez fez uma quintana in Redon-

delo;» que «ten esse Fernandus de Lago una erdade que foy de Menendo Facame, et dava na renda et ora non na da.»

«Item essa erdade que y há Bagno et Sancta Ovaya teen na cavaleiros de Jumezes et soya a dar na renda et ora non na da.

Item esses que moram no Porto Gonduffi soyam a dar na renda al Rey e ora non na da.»

A Igreja Matriz desta freguezia corre na tradição que esteve primitivamente ao poente da actual, em local onde ficou por muito tempo um cruzeiro, e que em data indeterminada, não havendo hoje memoria desse facto, foi mudada para um sitio um pouco ao nascente do templo actual.

Em rasão porém de ameaçar ruina, as paredes estarem tortas, ser feita ao antigo é pequena para as necessidades do

culto, foi resolvido construí-la de novo no adro da Igreja velha, arredada desta apenas alguns palmos, sendo benzida a primeira pedra em 5-7-1736. O abade Dr. Antonio Pires em 1742 fez á sua custa toda a capela mór.

Nela se têm feito varias obras posteriormente, achando-se hoje um templo muito aceiado.

Os tectos da capela mór são em estuque e o altar em talha moderna. No sanefão do arco cruzeiro tem gravada a seguinte inscrição:— O ABAD.^o ANT. J. CERQ.^a OFFERECEU — 1889.

Os tectos do corpo da Igreja são de madeira em caixotões a imitar os antigos, que eram da mesma fôrma, mas pintados e dourados.

Os dois altares laterais junto ao arco cruzeiro são anti-

tigos e um outro mais abaixo é moderno.

O batisterio é moderno; o primitivo desapareceu, estando enterrado em um campo perto da Igreja, segundo me informaram.

Na antiga Igreja desta freguezia foi instituido o sacramento em 1693, tendo sido recusada essa licença antes por estar em sitio ermo.

Está este templo no centro de um adro fechado por parede com uma porta de serventia e seu respectivo fôjo.

A sua arquitetura é moderna e simples; na fachada, por cima de uma janela que dá luz ao côro, está a imagem em pedra do padroeiro; ao lado esquerdo ergue-se a torre dos sinos e ao lado direito estão as sacristias.

Perto da torre e separado desta pelo adro, para onde tem

comunicação, está a casa que era a Residencia Paroquial, bem construida, grande e espaçosa.

O Cemiterio Paroquial fica não muito distante da Igreja e tem sobre o seu portão a data 1886.

Ao poente dêste, á margem da estrada, está o Cruzeiro Paroquial, simples, sem data nem inscrição.

Ha nesta freguesia as seguintes capelas: *Capela de Nossa Senhora da Conceição*, junto á casa d'Agrela, foi construida em 1790 pelo abade Nogueira Velho; é particular e pertence ao Snr. José de Faria Lopes.

A capela da Senhora da Barca do Lago, que era de arquitectura antiga, baixa e bem proporcionada, mas, sofrendo em 1930 uma grande reforma, foi alteada, perdendo com isso todo o valor arquitetónico da sua primitiva

construção.

Ao lado esquerdo ergue-se a sacristia na parede da qual existe ainda uma pedra com a seguinte inscrição: «SOLI. DEO. HONOR. ET. GLORIA. ITIM.VR.ANO.MDCCXXXII. ANTONIO A COSTA.»

Esta capela hoje é publica.

Em um largo ao poente está um cruzeiro simples e sem arte, para ali mudado ha poucos anos de um terreno que ficava dentro da quinta da Barca do Lago (Pereiras da Costa).

Em uma casa perto dêsse cruzeiro estão umas alminhas e outras junto áquela capela.

Esta freguesia, situada em planicie com leves ondulações de terreno, é banhada pelo ribeiro do Agro, que nasce na freguesia de Curvos, atravessa a de Banho, do coneelho de Barcelos, e vai de-

saguar no rio Cávado nesta de Gemezes, e pelo ribeiro do Pégo ou Azevedo, que nasce também em Curvos, atravessa a freguesia de Palmeira de Faro e vai desaguar igualmente no Cávado, na Barca do Lago.

E' servida pela Estrada Distrital da Barca do Lago a Barroselas, concelho de Viana do Castelo, com um ramal para a Igreja Paroquial, bifurcando-se junto a esta em dois: um que segue até aos limites desta freguesia com a de Perelhal, do concelho de Barcelos, e outro que vai até ao Cávado.

Confronta do nascente com a freguesia dita de Perelhal e a de Banho, ambas do concelho de Barcelos, do norte com a dita de Banho e a de Palmeira de Faro, do poente com a de Gandra e do sul com o rio Cávado.

A sua população no seculo

XVII era de 100 visinhos; no seculo XVIII era de 87 fògos; no seculo XIX era de 775 habitantes e actualmente é de 794 habitantes.

Acha-se esta distribuida pelos seguintes logares habitados: Paço, Cima de Vila, Souto, Aldeia, Aldeia de Cima, Aldeia de Baixo, Soutelo, Quinta, Lage, Barca do Lago, Calvario, Igreja, Santões e Azevedo.

As suas casas mais importantes são: a da Barca do Lago (brazonada), a da quinta da Barca do Lago (tambem brazonada), a da Quinta da Barca do Lago (Pereira da Costa), a do Rei, a da Agrela, a do Eirado e a do Vilão.

A casa da Quinta da Barca do Lago (Pereira da Costa), que foi reformada ha anos, tem na sua frontaria a seguinte inscrição em pedra marmore, com letras douradas: «Casa onde nas-

ceu em 29 de maio de 1818 José Pereira da Costa (exportador de vinhos). Falecido no Porto em 18 de novembro de 1898.

Ha nesta freguesia tres lojas de mercearia, Caixa do correio e escola official, que funciona em edificio arrendado.

Dos seus homens mais illustres destacamos os seguintes:

O capitão Antonio José Barbosa, natural desta freguezia, que desempenhou proficientemente o serviço de que foi encarregado na reedificação das muralhas da Praça de Valença do Minho, na parte desmoronada pelos francezes, assistiu ao desembarque das tropas liberaes no Mindelo e esteve no cerco do Porto.

P.^o Francisco Fernandes de Azevedo, natural desta freguesia, foi abade da de Santa Lucrecia de Aguiar, do concelho do Barcelos, na occasião da guerra pe-

ninsular.

Manoel Gaio Carneiro e sua mulher *D. Maria de Miranda* instituíram em 5 de abril de 1664 a Capela ou Morgado de Nossa Senhora Peregrina, na sua quinta da Barca do Lago.

D. Antonio Bernardo da Fonseca Moniz, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, (1814), nascido em Moncôrvo em 13-3-1789 e falecido no Porto em 5-12-1859.

Foi Vigario Geral na comarca de Valença (1816) e pouco depois Abade de Gemezes, do concelho de Espozende, Procurador Geral da Mitra de Braga, Dezembargador da Relação Ecclesiastica, etc. Arcediago de Neiva (1824), Abade de Beiriz —Povoa de Varzim (1826), Governador do Bispado de Coimbra (1834), Conego da Sé de Lisboa (1835), Governador do

Arcebispo de Braga (1836), Bispo do Algarve (1840) e Bispo do Porto (1854).

Deputado pela Provincia do Minho (1834 a 1836), Par do Reino (1852), Comendador de Cristo, do Conselho de S. Magestade, foi convidado (1851) para Ministro de Justiça, logar que não aceitou.

Escreveu varias Pastorais, algumas das quais de grande importancia.

P.^e Carlos Felizardo da Fonseca Moniz irmão do antecedente e tambem pároco desta freguesia successor daquele.

Ha nesta freguesia uma importante povoação que se chama a Barca do Lago.

O nome de *Barca do Lago* vem de nesta parte do rio, que corre tão remançosamente que mais parece um lago, haver uma barca de passagem.

O P.^e Carvalho na sua Co-
rografia Portugueza, vol. I, pag.
269, diz «Aqui é a Barca do La-
go, onde se passa de graça, sal-
vo aos carros, pelo que pagão as
freguesias dos contornos, cada
morador hum molho de trigo,
outro de centeio para os bar-
queiros, que põem nela os Juizes
da Confraria de Nossa Senhora,
que ali está em boa Capela e é mui
visitada de romagens em 25 de
março, segunda oitava da Pas-
choa, primeiro domingo de no-
vembro e outros dias do anno,
com muitas offertas que dão os
devotos para repartir a pobres.
Entende-se ser tudo doação an-
tiga e voto a esta milagrosa ima-
gem, aonde tambem ha hum
Irmandade de Clerigo».

«Junto á antiga casa da Barca
do Lago havia uma inscrição em
pedra que José Augusto Vieira
ainda viu quando por aqui pas-

sou, a qual copia no «Minho Pitoresco», vol II, pag. 192.

Dizia assim: «Foi feita a sobredita erecção aos 21 de março de 1766—A—Sul.

Este padrão mandou erguer á sua custa João de Vasconcelos de Melo; foi senhor da quinta da Barca do Lago mandando gravar nelle a inscrição seguinte, que a dita Barca é de amôr de Deus para qualquer pessoa que por ella passar, assim de pé como de cavallo, não pagando coisa alguma, excepto os carros que não forem de confrades, que esses pagarão 40 reis de cada vez, indo carregados e vassios 10 reis; tambem não pagarão de gado, de qualquer casta que seja».

Esta inscrição desapareceu ha anos e segundo me informam a pedra que a continha deve es-

tar a encher qualquer parede! Verdadeira barbaridade.

E' este um dos sitios mais amenos e pitorescos das margens do Cávado.

Este, espreguiçando-se languidamente, fórma um perfeito S; na margem direita em pequenos outeiros reclinase a branca casaria desta freguesia e ao sul fecha abruptamente o horison-te o verde escuro dos pinhais do monte do Crasto, da freguesia de Fonteboa.

Ha aqui todos os anos, no mez de Agosto, uma importante romaria.

Os francezes, na invasão de Portugal de 1809, ao chegarem á Barca do Lago estabeleceram na casa dos Valérios o quartel general de um dos seus destacamentos. Era este um ponto strategico, pois, desde Barcelos até á foz do Cávado, existia aqui a me-

lhor e mais frequentada passagem do rio e ficava perto da costa para vigiar a aproximação provavel dos navios inglezes, nossos aliados.

A' Barca do Lago voltaram os francezes quando de Vila do Conde vinham em perseguição das ordenanças que os foram atacar áquella vila.

Abriam-se trincheiras nas margens direita e esquerda do rio; aquellas no lugar da Lage e estas no alto das Picotas, em Fonteboa.

Durante a sua occupação e dominio os francezes praticaram sobre a população desta freguesia as maiores violencias: estupro, roubos, assassinios, tudo presenciou e sofreu este bom povo portuguez.

Os homens validos, que não tinham sido alistados no exercito commandado por Lord Wel-

lington, foram forçados a servirem nas tropas invasoras.

Do livro dos obitos consta o assassinato de várias pessoas desta freguesia.

Não se limitavam a roubar o que lhes era necessario para comer; os seus latrocinios estendiam-se a todas as coisas que julgavam uteis e de valor.

Na Igreja Paroquial desta freguesia havia uma cruz e uma custodia antiquissimas, que seguiram nas bagagens do inimigo em retirada para não mais voltarem.

A capela da Barca do Lago foi profanada e transformada em açougue!

Todos estes vandalismos e carnificinas foram praticadas por tropas francezas, mas, faça-se justiça, sob o comando de officiais subalternos.

Soult, o comandante supre-

mo desta invasão, por indole ou por politica, nunca usou para com os vencidos nem consentiu nos logares por onde passou severidades escusadas e crueis barbaridades.

Assim, os invasores, repellidos nas margens do Minho, entram em Portugal por Chaves e caem sobre Braga, vencida a fraca resistencia de Salamonde, Rui-vães e Carvalho d'Este.

Soult, tomando Braga, não hostilisa a sua população e seguindo d'ali, por Famalicão, para o Porto, onde estabeleceu o seu quartel general e residencia, teve egual procedimento para com os habitantes desta cidade.

«Soult era um homem de coração», diz André Brun no seu livro «*Soldados de Portugal*»; durante a invasão que comandou evitou sempre as carnificinas.

Entrando Soult no Porto não

quiz seguir sobre Lisboa, como tinha ordenado Napoleão.

O Norte ainda não estava pacificado e entendia que devia manter as suas comunicações com a Galiza.

Determinou, pois, umas operações secundarias em volta do Porto.

Para Vila do Conde enviou a cavalaria comandada por Lorges.

«As populações recebiam os francezes com a mais decidida hostilidade, abandonando as vilas e aldeias, metendo-se a monte e matando sem piedade os soldados dispersos», diz aquele citado autor.

A cavalaria de Lorges repeliu em Azurara as Ordenanças e perseguiu-as até á Barca do Lago.

Lorges foi um Atila nesta boa provincia do Minho: povoação que lhe resistisse, tomava-a e usava de terriveis represalias

nos seus inermes habitantes.

As tropas francezas, que na sua passagem de Barcelos para Espozende tinham sofrido o ataque das Ordenanças em Creixomil e por fim no seu *raid* pelo Minho a resistencia da Barca do Lago, oprimiram e maltrataram ferozmente o povo de Gemezes.

Não obstante, passado pouco mais de um seculo, os portuguezes descendentes das vitimas de então vão á França defender os lares dos algozes dos seus antepassados.

As voltas que o mundo dá!

Terminados os mal alinhavados apontamentos sobre esta freguesia, resta-nos agradecer as valiosas informações que ácerca dela nos deu o Ex.mo Snr. Conego José Manoel de Sousa, natural da freguesia de Palme, do concelho de Barcelos, abade ha

muitos anos de Gemezes e Capelão Militar que foi do C. E. P. a França, onde tanto soube honrar o nome portuguez.

VIII

VILA CHÃ

Vila Chã, orago São João Bâtista, era uma abadia da apresentação da Casa de Bragança.

Vila Chã vem do latim *vila plana*, vila plana.

Nas Inquirições de 1220 vem esta freguesia com a designação= «De Sancto Johanne de Vilar Plano» de Terra de Nevias.

Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum; que

todos os que habitam nesta freguesia pagam varios fóros excepto de *quintana de Petro Caparo* e de «quintana de Gunsalo Picom»; que esta igreja tem sesmarias e é do Mosteiro de Palme, de S. Romão e de S. Paio d'Antas; tem aqui Palme 10 casais, S. Romão 3 casais e S. Paio 6 casais.

Nas Inquirições de 1258 se diz: «Item in parrochia Sancti Johannis de Vilar Chão» que el-rei não é patrono; que dão os paroquianos cada ano a el-rei varios fóros, que nelas são especificados, e por fim que: «vam ao Castelo».

Aparece-nos nestas Inquirições o nome de *Vilarinho*.

Esta freguesia, em situação elevada, é montanhosa, estendendo-se porém a sua maior parte por uma planicie no alto do monte da Figueiró, limitada pelos cabeços dos outeiros que a cercam.

No centro dessa planície está a sua Igreja Paroquial.

Dizem que esta primitivamente esteve nas Cortinhas, tendo sido mudada para o sitio onde actualmente está já ha muitos anos.

Templo modesto, de architectura simples, foi construido no centro de um adro, cercado por parede com duas entradas.

Por cima de uma ampla janela aberta na sua fachada vê-se em um nicho a imagem do padroeiro S. João Baptista, de amplas vestimentas, com um cordeiro sobre um livro na mão.

Ao lado esquerdo da fachada ergue-se um pequeno torreão para um sino e junto á capela mór, do lado direito, foi construida a sacristia.

Os enterramentos fizeram-se durante muito tempo no adro, onde ainda se encontram algu-

mas sepulturas com tampas de pedra e inscrições.

A capela-mór é torrada de estuque e o seu altar em talha antiga, estilo renascença.

O tecto do corpo da igreja é de madeira pintada, com cinco traves a descoberto. No centro está pintada a imagem do padroeiro.

Tem dois altares laterais em boa talha, junto ao arco cruzeiro, e mais abaixo dois oratorios de cada lado, metidos nas paredes.

Tem duas portas travessas, pulpito simples com guardas de madeira e batisterio antigo, incompleto, com o pé enterrado no pavimento da igreja.

Do lado direito da igreja, separada desta pelo adro, está a Residência Paroquial.

Quando ultimamente foram vendidos os passais e residências paroquiais de todas as freguesias

dêste concelho, com cujo produto se locupletaram os cofres publicos, mas ainda mais algumas bolsas particulares, o paroco daqui, P.^e Augusto Maria de Carvalho, comprou a Residencia e, caso raro, doou-a á freguesia para usufruto dos seus sucessores.

Tendo sido muitos dos bens ecclesiasticos comprados por padres, diga-se na verdade, poucos tiveram o belo gesto do abade de Vila Chã.

Ao lado da residencia, com serventia tambem para o adro, está uma pequena casa pertencente á Junta de freguezia que foi ultimamente adaptada a salão para a Escola Primaria.

Entre a Igreja e o cemiterio, o qual tem sobre o seu portão a data 1910, está em um pequeno largo, á margem da estrada, o Cruzeiro Paroquial.

Tendo uma base bem traba-

lhada, onde se veem varios ornatos e caras de anjos, eleva-se a sua cruz, de haste e braços redondos, sobre uma coluna de capitel corintio.

Este cruzeiro perde porém muito de elegancia e bom gosto por não ter patamar e escadaria.

No Côrço ha uma cruz a marcar, segundo nos disseram, o sitio onde se deu a morte de qualquer pessoa.

Ha os seguintes Nichos ou Alminhas: duas no lugar da Aldeia e umas no Outeiro.

Confronta esta freguezia do norte com a de S. Paio d'Antas e a de Forjães, do nascente com a de Santo André de Palme, do concelho de Barcelos, e a de São Claudio de Curvos, do sul com a de Palmeira de Faro e do poente com a das Marinhas e a de São Bartolomeu do Mar e é fertilisa-

da por varios riachos e pelo ribeiro da Abilheira ou Chouso, que nasce nesta freguesia e vai desaguar ao oceano, na freguesia, das Marinhas.

Tem as seguintes fontes publicas: a da Aldeia e a de Outeiro.

E' servida pela estrada que da Barca do Lago, freguesia de Gemezes, vai á estação dos Caminhos de Ferro de Barrozelas e por um ramal que partindo desta estrada vai pela Igreja até ao monte de S. Lourenço.

Está em construção uma outra estrada que ligará esta freguesia com a estrada do Porto a Viana do Castelo, na freguezia das Marinhas. Já está aberta em parte, mas por emquanto não é facil o transito.

Esta freguesia no seculo XVII era de 110 visinhos; no seculo XVIII era de 110 moradores; no

seculo XIX era de 730 habitantes e actualmente é de 715 habitantes.

Esta população está distribuida pelos seguintes logares habitados: Igreja, Outeiro, Lagoinhas, Sobreiro, Lages, Bicudo, Aldeia, Casais, Abelheira e Chouso.

As suas casas mais importantes são: a de S. Jibas, a da Aldeia, a do Crespo, a do Barros, a do Marrucho, a do Caixa e a dos Valentes.

Tem tres lojas de mercearia, Caixa do Correio e Escola official mixta.

Ao poente desta freguezia, nos seus limites com a das Marinhas, ergue-se o monte de S. Lourenço.

Quasi no cimo desse monte ha um pequeno planalto no centro do qual eleva-se uma alta e escarpada penedia digna de se vêr.

Do ponto mais elevado deste monte disfruta-se um dos mais lindos panoramas dêste concelho. O mar, em uma grande extensão, desde as Marinhas até Vila do Conde, marulha cobrindo-se por vezes das brancas rendas das suas ondas.

Os campos verdejantes que acompanham a praia são verdadeiros jardins que nos encantam e enlevam, em quanto a encosta dos montes escurece no verde escuro dos pinhais.

Para terra, lá ao longe, divisa-se o monte arredondado de São Felix; mais além a Franqueira, o monte de Airò e para aquém desses montes, que fecham o vasto horisonte, alvejam por entre o escuro da paisagem os casais e igrejas de varias freguesias.

No centro daquela fortaleza de penedos ergue-se a pequenina capela, tosca, rustica, mais pare-

cendo uma humilde cabana, onde se venera o patrono São Lourenço.

Muito caiadinha, muito branquinha para se ver do mar onde labuta o pobre pescador que por ela se guia ao sulcar as ondas e para ela dirige as suas orações na ocasião de perigo.

Muito alto, no cimo do monte, mais perto do céu, parece que as orações das almas simples, que ali vão em romagem, mais facilmente chegarão aos pés do santo.

Ali se faz uma romaria todos os anos a que concorrem não só os crentes, mas ainda aqueles que aspiram a passar uma boa tarde.

Cá mais abaixo, no caminho que conduz da estrada á capela, em uma chã, ergue-se um modesto e tosco cruzeiro, na base do qual se lê, ainda que mal, a data 1673.

A meio da encosta dêste monte, para os lados das Mari-nhas, existe um grande penedo com uma cavidade em que permanece sempre agua limpida e fresca. A'quela nascente chama-lhe o povo *Fonte da Virtude*, ou «Pia da Virtude», e ali vai na sua eterna crendice banhar as crianças que sofrem de certos males. E' tambem da crença, para auxiliar o poder curativo das aguas, deixar abandonadas por aqueles sitios as roupas que os pequenos doentes trazem vestidas.

Em volta da capela de S. Lourenço, da crus na chã, a chã. a que já me referi, e ainda em outros sitios dêste monte apparecem penedos e lages com cavidades em fórmula de pequenas pias redondas.

Tambem por aqui apparecem vestigios da permanencia de po-

vos antigos que habitaram a península. Um notavel archeólogo dà a noticia de antas e antelas na freguezia de Vila Chã e de moinhos de mão, vulgares nas estações pre-historicas.

Em um cabeço deste monte, ao norte da capela de São Lourenço, existe um amontoado de terra e pedras que nos leva a crêr na existencia de uma mámoa,

Em uma quebrada entre aquelle cabeço e o de São Lourenço apparecem vestigios de um castro romano; restos de paredes, telha de rebordo, fragmentos de ânforas, algumas moedas romanas, etc.

Eram estes sitios apropriados á vida d'aqueles primitivos povos: altos, elevados, dominando uma grande extensão de campina, podiam os senhores vigiar os escravos e povos a eles subjugados no amanho das suas ter-

ras e observar a aproximação do inimigo, do qual pela sua situação facilmente se podiam defender.

Corre entre os povos destas redondezas varias lendas, algumas das quais vamos contar.

No referido monte, ao norte da capela de São Lourenço, a meia encosta há uma cavidade em forma de gruta por baixo de um penedo, a que chamam o «Penedo da Feiticeira».

Quem tiver a infelicidade de ver a feiticeira fica arripiado para todos os dias da sua vida.

Foi o que aconteceu ha poucos anos ao pobre de um caia-dor da freguezia das Marinhas, que junto áquele penedo foi lêr o Livro de S. Cipriano. O homem que já não tinha a cabeça bem segura acabou por a perder!

Neste monte dizem que apparece uma cobra com uma gran-

de trança de cabelo na cabeça. É a celebre lenda das moiras encantadas.

Ha muita gente que acredita ou finge acreditar nessas histórias e alguns aproveitam-se delas para fins inconfessaveis.

A respeito da cobra que dizem aparecer neste monte contaram-nos um facto que se deu ainda ha poucos anos.

Certo feitor de uma quinta da freguesia das Marinhas, quando o senhorio, de visita ás suas propriedades, se dirigia para o sopé do monte, contava-lhe sempre invariavelmente a historia do apparecimento da tal cobra com o fim de o fazer desistir de subir a encosta para vêr umas bouças que possuia já nesta freguesia.

O patrão geralmente ouvia, calava, sorria e, como o caminho era ingreme e escabroso, dava uma volta e recolhia a casa.

Uma vez, porém, enchendo-se de coragem subiu até cá acima.

Ao chegar às suas propriedades grande foi o espanto ao vê-las despovoadas dos melhores pinheiros!

De nada serviu então ao feitor a historia das moiras encantadas e cobras com cabeleira,

IX

CURVOS

Curvos, orago São Claudio, era uma vigairaria da apresentação do Tesoureiro Mór da Collegiada de Barcelos.

O nome *Curvos* desta freguesia vem da *curvatura* do terreno em que ela está situada. A elevação do terreno, que se estende desde a Figueiró até ao monte de Faro, forma nesta freguesia um recanto nascente sul, no qual e na

planície que se lhe segue assenta a casaria dos seus logares.

A esta freguesia se referem as Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação= «De Sancto Croio de Curvos, de Terra de Nevia»=e nelas se diz: que o senhor rei tem aqui 9 casais dos quais pagam varios fóros, que mencionam, que «omnes de ista collatione faciunt ramatum et dant ligna Regi aut Domino terre. Et habet ibi Dominus Rex suam domum in qua pausat. Et sunt ibi duo casalia in quibus custodium captos et ganatos Domini terre».

Referem-se estas Inquirições ao «Outeiro de Furozos et villa Nova» e dizem mais: «et duobus supraditis casalibus debent ire cum Maiordomo ducere et custodire piguora per totum terminum de Nevia, • que esta igreja tem sesmarias e Banho um casal.

Nos padroados dizem: que «Rex est inde patronus».

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258 (1) se diz: «in parrochia Sancto Croyo de Curvos» que «ista ecclesia é reguenga e sua quite del Rey»; «que Curvus e Villar sunt reguengos del Rey»; «*ha* el Rey ibi una casa quite»; «que todos desta parrochia fazem a ramada al Rey e dam al Rey legna ou ao senhor da Terra»; «*ha* ibi el Rey uma sua casa in que pousa»; «*ha* in esse logar II casais in que guardam os presos e os ganados do senhor da Terra».

«Dixerom que in Couto de Curvus, in loco que dicitur Forozos, *há* una erdade que foi de Joam Suariz e teve a Terra e quebrou li e deu a erdade a don Joam Fernandiz e domna Maria

(1) Alexandre Herculano—Port. Mon. Historica —Inquisitiones—a paginas 26, 104, 183, 228.

Palaiz que era enton Ricomem da Terra e deu la pola perda que fizera na terra e trage a Petrus Bravo e non fazem dela foro ao Rey».

«Johannes Petri de Curvos, foreiro del Rey per cabeza, recebeu Joam Bravo por irmao in seu aver e in sua erdade de sua avoenga.»

Nestas duas inquirições vem consignada a obrigação de *fazer a ramada* a el rei.; Já explicamos, quando nos referimos á freguesia de Palmeira de Faro, em que consistia aquella obrigação imposta pelo senhor da terra a alguns dos seus colonos.

Nas mesmas Inquirições se declara que el-rei tinha em Curvos umas casas onde pousava, quando aqui vinha.

Essas casas desapareceram não havendo noticia onde elas eram. Não ha mesmo qualquer

nome, como Paço, Real etc, que indique a sua existencia. Ha apenas uns campos conhecidos pelos Reguengos, mas que não nos asseguram que a casa del-rei fosse ali.

Por carta de 28 de Julho de 1397 el-tei D. Fernando fez doação da Terra de Curvos a Gonçalo Velho.

Corre na tradição que entre esta freguesia e a de Palmeira de Faro existiu uma outra, cujo orago era Santa Eufemia, constituida pelos logares de Sousã, pertencente hoje a Palmeira, e o de Vilar actualmente de Curvos.

E' para notar que Vilar já vem nas Inquirições como de Curvos e por isso a existir a freguesia de Santa Eufemia, não sabemos de quê, já estava extinta ao tempo daquelas Inquirições.

Continuando porém a refe-

rir-nos á tradição, esta diz que a freguezia de Santa Eufemia foi extinta e n virtude de uma peste que matou todos os seus habitantes, que a imagem da padroeira foi trasladada para a Igreja Paroquial de Palmeira de Faro e que é a mesma que ainda se venera lá em um altar.

O povo tem muita devoção com a imagem desta santa por ter sido pintada varias vezes e conservar sempre, ao contrario das senhoras de agora, a sua *côr morena!*

A Igreja Paroquial de Curvos está ao fundo de um pequeno Largo, para o qual se desce da estrada municipal por uma ingreme calçada.

De arquitetura simples e modesta é relativamente moderna.

Ao seu lado esquerdo ergue-se uma torre para os sinos e do

mesmo lado, junto á capela mór, a sacristia.

Na verga ou padieira da janela aberta no fronstipicio tem a data 1874 e por cima um nicho com a imagem do padroeiro em pedra, tendo na peanha desta a data 1904.

Dentro a capela mór é formada a estuque com altar em estilo moderno.

No fecho do arco Cruzeiro tem gravada a data 1895.

O teto do corpo da igreja é em madeira pintada, tendo nos seus quatro cantos as imagens dos evangelistas e no centro a do padroeiro São Claudio.

Os seus quatro altares laterais são em estilo moderno e talha muito simples e o côro assenta em três arcos com respectivas colunas de pedra.

Ao lado esquerdo da fachada, junto ao adro que se conser-

va solto, está o Cemiterio Paroquial, vendo-se sobre o seu portão a data 1886.

O Cruzeiro Paroquial fica em um pequeno Largo, perto da Igreja, formado pelo cruzamento da calçada que vem da estrada com um caminho. E' baixo e assenta a sua cruz, com um bem trabalhado cristo em pedra, em cima de uma esguia coluna com capitel corintio.

A base deste cruzeiro não tem data nem inscrição, parecendo porém não ser muito antigo.

Junto á Igreja Paroquial, do lado direito, fazendo angulo com a sua fachada, está a *Capela do Senhor dos Passos*. Por cima da porta desta capela vê-se a data 1904. Pequena, com um só altar onde se venera a imagem daquele senhor, é publica.

Ha mais nesta freguesia a

Capela de Santo Torquato e de São Miguel, em um pequeno Largo, do lado direito e sobranceiro á estrada Municipal que vai de Vila Cova, concelho de Barcelos, á Estrada da Barca do Lago a Barrosélas.

A capela de S. Miguel existia no alto do monte do mesmo nome, mas caindo em ruínas, foi demolida e a imagem do seu padroeiro colocada em altar na capela de Santo Torquato construída ha uns vinte anos pouco mais ou menos.

Esta capela é de arquitetura singela e moderna. Tem dois altares cada um com a imagem do seu patrono.

E' publica.

No alto de um pequeno outeiro ao poente desta freguesia vê-se ainda uma cruz de pedra. Dizem que antigamente existiram ali outras, hoje derrubadas, for-

mando um calvario, cujo nome ficou ao lugar.

Esta freguesia confronta do nascente com a de Vila Cova, do concelho de Barcelos, do sul com a de Palmeira de Faro, do poente com a dita de Palmeira de Faro e do norte com a de Vila Chã, é banhada pelo ribeiro de Sandriz, que nasce aqui e vae desaguar ao Cávado e é servida pela estrada da Barca do Lago, freguesia de Gemezes, á estação de Barrocelas dos caminhos de ferro do Minho e Douro e pela estrada municipal de Vila Cova que vai crusar com esta, galgando o ribeiro de Sandriz em um pontão,

A sua população no seculo XVII era de 80 visinhos; no XVIII era de 70 moradores; no seculo XIX era de 441 habitantes e actualmente é de 425 habitantes.

Esta população está distri-

buida pelos seguintes logares habitados: Igreja, Vilar, Frossos e Venda Nova.

As suas casas mais importantes são: as dos Azevedos, a do Souto, as dos FONSECAS LIMAS e a do Rozendo.

Tem Escola official, que funciona em edificio arrendado, uma boa loja de mercearia e fazendas e caixa do correio.

Nasceu nesta freguesia *Albino Evaristo do Vale Souto*, mathematico distinto, Tenente Coronel de Engenharia do Corpo de Estado Maior. Foi um infatigavel trabalhador e um dos homens mais honrados do seu tempo. Faleceu na vila de Cascais em 10 de abril de 1904.

João José Fernandes de Azevedo, natural desta freguezia, foi administrador do concelho de Espozende durante alguns anos.

Dr. José Justino Fernandes de

Azevedo, nascido tambem nesta freguezia de Curvos, foi um medico distinto e morto criminosamente, segundo correu, nos fins do seculo XIX em Espozende.

O casal de Frossos de São Croyo de Curvos era pertença da Capela dos Reis Magos na Collegiada de Barcelos.

Em 3 de dezembro de 1519 Alvaro Nunes, escudeiro de el-rei e tabelião na vila de Barcelos, e sua mulher Catarina Rodrigues instituiram o Moragdo do Perdigão, sob a denominação de Capela dos Reis Magos.

Compunha-se primitivamente este vinculo do altar dos Reis Magos na Collegiada de Barcelos, de umas casas na rua dos Mercadores, com entrada para a rua Direita, na vila de Barcelos, e da quinta do Perdigão na freguezia das Carvalhas.

Em 22 de dezembro do mes

mo ano por escritura de *adição* e *rectificação* á da instituição da-
quele vinculo foi-lhe junto o ca-
sal de Frossos na freguesia de
S. Claudio de Curvos, determi-
nando-se que por os instituido-
res não terem filhos succedesse
no Morgado do Perdigão seu so-
brinho Antonio Teixeira,

O casal de Frossos fez par-
te deste vinculo até á sua extin-
ção em 1862.



FORJÃES

Forjães, orago Santa Mari-
nha, era uma vigairaria da a-
presentação do mosteiro bene-
dictino de Palme.

Quanto ao nome desta fre-
guesia diz o P.^o Antonio Gomes
Pereira que se pode admitir duas
hipoteses.

Forjães ou vem de *forja* com
o sufixo *ães*, a denotar o coleti-

vo, lugar de *forjas*, ou vem de *vila Forjanis* significando *quinta do snr Forja* ou *Furja*, nome proprio gotico.

Figueiredo da Guerra é de opinião que *Forjães* vem de *vila Froiani*.

Aparece-nos esta freguesia nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação= «De Sancta Marina de Frogiaes, —» de Terra de Nevia.

Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum; que ele não é o padroeiro; que Hospital tem um casal, que dantes costumava pagar renda, mas desde que foi desta Ordem não a paga; que esta igreja tem sesmarias (1) e quebradas, Palme XI

(1) Sesmarias eram as terras, casais ou pardieiros que estavam em ruínas. A origem da palavra parece vir de *sesma*, sexta parte de qualquer coisa.

Como essas terras se costumavam dar com fôro e pensão do sexto, ou de seis um, daí chamarem-se sesmarias.

casais e quebradas, (1) Banho XI casais e entradas, (2) Santa Eulalia casal e meio e Varzea duas partes de um casal...

A medieva *vila Forjanis* devia ter sido no lugar da Aldeia; perto ainda ha o sitio conhecido por *Fim de vila* e naquele lugar esteve primitivamente a Igreja Paroquial desta freguesia, a qual foi mudada em epoca relativamente recente para o sitio onde está.

Na frente desta igreja estende-se um grande adro, fechado por parede, com uma porta de entrada ladeada por altas piramides.

Nas hobreiras dessa porta tem de um lado ANNO, e do outro 1876.

(1) Quebradas pequenas terras, casal insignificante.

(2) Entradas eram pequenas pensões que se pagavam de alguns casais em cujas rendas entravam outros senhorios.

Na fachada do templo abre-se um nicho que contem a imagem da padroeira Santa Marinha em pedra e ao lado esquerdo daquela ergue-se uma alta torre com relógio para os sinos, construída em 1848.

Dentro a capela mór, forrada a estuque em que se abre uma horrível claraboia, tem seu altar com retábulo em estilo moderno, muito bem pintado e aceiado.

O arco desta capela está coberto por um senefão aberto em boa talha. Nas pilastras desse arco leem-se as seguintes inscrições.

Na do lado do evangelho: «Mnr. Sebastião Nicotra nuncio em Lisboa visitou esta igreja em 5 de agosto de 1924».

Na do lado da epístola: «D. Manoel Vieira de Matos arcebispo de Braga visitou esta igreja em 15 de novembro de 1927».

Este templo é de tres naves,

separadas por duas filas de arcaria sustentadas em colunas com bases, fustes e capiteis lisos.

Os tectos são em estuque, tendo o da nave central pintado ao centro a imagem da padroeira Santa Marinha, rodeada das suas oito irmãs, todas constantes do agiologio catolico.

Enfrenta cada nave lateral uma capela com altar e mais abaixo de cada lado veem-se outras duas tambem com seu altar.

Tem pulpito arrimado á columna de uma das naves, coro e batisterio de marmore, obra moderna.

Por cima deste sobressai da parede um quadro em azulejo de Jorge Colaço, representando o batismo de Cristo.

O pavimento da igreja na nave central é em parqué.

Ao lado esquerdo da capela mor abre-se uma porta que dá comunicação com a sacristia, re-

construida em 1904, onde se veem nas paredes os retratos de alguns parocos e bemfeitores desta freguesia: P.^e José Gonçalves Pereira, P.^e Antonio Gomes Torres, 1.^o arcipreste de Espozende, Antonio de Menda-nha Arriscado e Snr. Antonio Rodrigues de Faria.

O Cemiterio Paroquial foi construido por traz da igreja, separado desta pelo adro.

No portão não têm a data da sua construção, mas informam-nos que em 1885 já se faziam ali enterramentos.

Em frente á igreja, junto á estrada de S. Paio de Antas, ergue-se o Cruzeiro Paroquial, simples e modesto, que era do Convento de Palme. Tem na base=R 1885.

Tem esta freguesia as seguintes capelas:

A Capela de Nossa Senhora da Graça, no lugar da Santa, pe-

quena e baixa, a sua frontaria é encimada por uma sineira ladeada nos cunhais por pirâmides.

Entre a padieira da porta e uma pequena rosacea, que se abre ao centro da fachada, tem uma pedra com a seguinte inscrição:

—«ESTA ERMIDA MANDARÃO FAZER OS FREGUEZES E MAIS DEVOTOS CENDO VIGARIO MANOEL DE CASTRO BARRETO.»

Dentro é forrada a estuque e tem um unico altar em talha antiga. A sacristia ao lado esquerdo é pequenina, proporcional ao resto do edificio.

Circunda esta capelinha um grande terreiro ensombrado por velhas carvalheiras, tendo ao fundo, em frente á porta da capela, um singelo cruzeiro em cuja base se lê 1673.

A Capela de São Roque, no lugar do Cerqueiral, foi fundada

em 1600 por Manuel Velho e sua mulher.

E' esta capela cercada de um adro vedado de parede com duas portas de serventia e respectivos fojos para impedir a entrada de animais.

E' um templo modesto, ainda que ha pouco tempo foi al-teado e augmentado com capela mór e sacristia.

Na parede do adro, detraz da capela e pelo lado de fôra, vê-se uma pedra com a seguinte inscrição: «Adro e Capela 1.^a 1872».

Dentro comporta um só altar, o da capela mór, e é forrada toda a estuque.

Tem um pequeno côro e no pulpito tem gravada a seguinte inscrição: ANNO 1760.

A antiga pia batismal, em granito, da igreja paroquial foi colocada na sacristia desta capela quando da substituição dês-

ta pela de marmore.

Por todos os lados desta capela, exceto pelo norte, estende-se um grande terreiro, coberto de carvalheiras e sobreiros, onde se costuma efetuar todas as semanas uma feira muito concorrida.

Nesse terreiro ao poente ergue-se um modesto e singelo cruzeiro.

Capela da Senhora da Boa Sorte, no monte do Branco, é pequenina, mais parecida com um Nicho ou Alminhas.

E' particular e tem sobre a porta a inscrição: F. 1919.

Em frente da casa de Pregais a fechar o terreiro corre um muro ameiado no qual se abre um portão armoriado com as armas dos Barbosas sem misturar.

Esta casa informam-nos que foi dos Carneiros de Vila do Conde e que o ultimo represen-

tante desta familia a vendeu ao snr. Antonio Rodrigues de Faria, seu actual possuidor.

Ao lado esquerdo daquelle portão tem uma pedra metida na parede com a seguinte inscrição: «D. Diogo 1755» e do lado direito vê-se uma outra, igualmente metida na parede, representando o busto de um homem com uma mão no queixo e outra cruzada na cintura, semelhante a uma gargula, e por baixo a seguinte inscrição: «Pedra da antiga e privilegiada torre de D. Guterres no ano de 1100 e caída já no ano de 1600.»

O Guterre da inscrição, segundo escreveu Figueiredo da Guerra em «O Espozendense», foi pai de Paio Guterres, o supposto fundador do mosteiro de Carvoeiro, onde os Velhos possuíam jazigo.

De Pregais descendem os Velhos de Santa Lucrecia d'A-

guiar do Neiva, do concelho de Barcelos, aqueles famosos trovadores da idade media.

A origem desta quinta de Pregais ou Pedregais vem do tempo de D. Afonso Henriques.

Para premiar certos serviços, este rei deu a Gomes Mendes de Neiva alguns bens, que este juntou á vila suêva, alargando as izenções e privilegios desta honra a tal ponto que D. Diniz mandou devassa-la.

Mas voltando ao seu portão, do mesmo lado a seguir áquella pedra eleva-se sobre o muro uma sineira e encostada a esta uma capela de boa pedraria a facear com o muro.

E' a *Capela da Senhara da Abadia* ou *São João*, onde já ha muitos anos se não exerce culto.

Houve mais uma *Capela junto á Casa de Curvos*, que foi cabeça de um Morgado, instituido

em 1709 sobre metade da quinta daquelle nome e sobre metade do Souto de São Roque, a qual desapareceu por completo, não havendo vestigios da sua construção.

No lugar da Aldeia havia um cruzeiro do qual hoje se encontra apenas a base que tem a data 1740.

Existem nesta freguesia os seguintes Nichos ou Alminhas: as do Barros, as do Alferes, as do Barreiro, as do Alexandre, as do Justo, as de Sampaio, as de Vilaverde, as do Severino, as do Martinho e as do Freixo.

Forjães, situada no pendor norte do monte da Figueiró, vai até ás margens do rio Neiva, que a banha.

E' fertilisada ainda pelo ribeiro de Pias, que nasce nas Forcadas, freguesia dos Feitos, do concelho de Barcelos, e pelo do Chouso, que nasce na freguesia

de Vila Chã, ambos afluentes do Neiva.

Nela existem as seguintes pontes: a ponte velha, sobre o ribeiro de Pías e a ponte nova sobre o Neiva, que dá passagem á estrada nacional de Barcelos a Viana do Castelo, havendo ainda ao nascento desta uma ponte, construida em cimento, mas que é particular.

Tem esta freguesia as seguintes fontes: a de Forjães e a do Casaínho.

Confronta do norte com a freguesia de Alvarães, do concelho de Viana do Castelo, do nascente com a de Fragoso e a de Aldreu, do concelho de Barcelos, do sul com a de Palme, do concelho de Barcelos, e a de Vila Chã e do poente com a de S. Paio de Antas.

E' servida pelas estradas nacionais n.º 4 de Barcelos a Viana do Castelo e pelo ramal de

Fragoso a S. Paio de Antas, onde liga com a estrada de Viana ao Porto por Espozende, cruzando-se aquelas estradas aqui em Forjães, junto á nova Escola em construção.

A sua população no seculo XVII era de 170 visinhos; no seculo XVIII era de 167 fogos; no seculo XIX era 1.166 habitantes e actualmente é de 1.824 habitantes, sendo 881 do sexo masculino e 943 do sexo feminino.

Esta população está distribuida pelos seguintes lugares habitados: Cerqueiral, Souto, Freiria, Lameiro, Matinho, Boucinho, Santa, Casainho, Monte do Branco, Além do Ribeiro, Rua, Aldeia, Carreiro, Madorra, Além do Rio, Carramanho, Pregais, Pregais de Cima, Pregais de Baixo, Estrada Nova, Alto da Mira, Infias, Pedreira e Carvalhal.

As suas casas mais importantes

são: a de Curvos, a de Pregais (brazonada) a da Calça, a da Quinta, a da Torre, a da Grangeira e a da Infia.

Tem engenhos de serrar madeiras e varios moinhos, 5 lojas de comercio, 3 padarias, uma fabrica de manteiga, uma balança de pesar toros de pinheiros, 2 camionetes, Estação Postal e uma Caixa do Correio.

Esta fréguesia tem ainda as industrias de fazer remos, vertedouros e esteiras de junco e effectua-se aqui uma feira semanal.

Tem Escola Oficial mista com tres logares, funcionando as do sexo masculino em casa propria e a do feminino em casa arrendada.

Está em construção um grande predio destinado ás Escolas desta fréguesia, que ficará depois de concluido um verdadeiro Pa-

lacio de Instrução pelas proporções que tem.

Esta grandiosa obra é oferecida á instrução publica pelo grande benemerito desta freguesia Snr. Antonio Rodrigues de Faria, senhor da Casa de Curvos.

No primeiro andar comporta, além do vestiario e galeria—, quatro grandes salões para as aulas com belos quadros em azulejo a revestirem as paredes assinados por Jorge Colaço.

Na frente, no salão da direita, veem-se dois desses quadros que tomam quasi todo o pano da parede: a Visita de Vasco da Gama ao Camorim e a Descoberta do Brazil por Pedro Alvares Cabral, e a traz, no salão que fica contiguo a este, outros dois quadros: a Tomada de Ormus e a Tomada de Ceuta.

No salão da frente, á esquerda, veem-se dois quadros: o Ada-

mastor e a Navegação do Gama com versos adequados dos Luziadas e atraz no salão contiguo a este: a Batalha de Ourique e a Batalha de Aljubarrota.

Espalhadas pelas outras paredes destes salões veem-se alguns pequenos quadros tambem em azulejo com versos, passagens e dizeres de varias escritores e pensadores: Alexandre Herculano, Tomaz Ribeiro, Bossuet, Sidonio Pais, Oliveira Salazar etc.

No rez do chão, á frente é destinado á sala das sessões, cinematografo, etc. e atraz, de cada lado, tem dois salões para as Escolas Infantis, tudo ainda em construção.

Cerca este edificio um grande terreiro onde foi construido um outro edificio destinado ao desenvolvimento fisico das crianças, um Ginasio.

Não podemos deixar de nos

referir a uma propriedade existente nesta freguesia que tão conhecida e visitada é por gente até de longes terras.

E' a quinta de Curvos.

Em metade desta quinta e em metade do Souto de S. Roque foi instituido, como já tivemos occasião de dizer, um vinculo em 1709.

Foi um dos senhores desta casa vincular Francisco Ferros Ponce de Leão, Major de Milicias da Barca, falecido em 1828, esturrado miguelista, sucedendo-lhe no vinculo seu filho Francisco Ferros Barreto Ponce de Leão, poeta popular falecido solteiro em 1878.

Os herdeiros deste venderam a casa de Curvos em 1882 ao Comendador Domingos Gonçalves de Sá, natural da freguesia de Aldreu, concelho de Barcelos, senhor de grandes haveres.

O seu actual proprietario, Snr. Antonio Rodrigues de Fa-

ria comprou-a a êste de um modo engenhoso, segundo dizem, e transformou-a em uma das mais lindas quintas do Minho.

No ponto mais elevado do terreno ergue-se o palacete, construído sôbre os alicerces do velho solar, cercado de jardins, pomares e de um formosissimo e grande parque.

Por entre frondosas arvores rasgaram-se extensas e largas avenidas e abriram-se serpeantes veredas, ao lado das quais foram construídas grutas, estufas para plantas exóticas, um grande lago, pavilhões e miradoiros cheios de encanto.

E' digna de se ver!

NOTA—Ao snr. Joaquim Alberto Pinto Brochado, que tão gentilmente nos acompanhou na excursão que fizemos a esta freguesia, dando-nos apreciaveis informações, aqui fica o nosso agradecimento.

XI

ANTAS

Antas, orago São Paio, era uma vigairaria da apresentação do mosteiro beneditino de S. Romão do Neiva.

Antas deriva do nome latino *antas*, colunas, pilares, marcos grandes.

Os latinos chamavam *antas* ás colunas grandes e quadradas que estavam á entrada dos templos e palacios e assim metafori-

camente se estendeu esse nome aos grandes penedos que estavam fronteiros a algumas terras.

Também se pode entender *Antas* por *aras* em que os povos antigos faziam os seus sacrificios.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação=«De Sancto Pelagio de Antis,» de Terra de Nevia.

Nela se diz que o rei não é o padroeiro; que «Shabet ibi dominus Rex medietatum de vila de Azevedo de montem in fontem».

«Et est ibi quedam heremita de Sancta Tecla, et est inde medium Regis sicut de vila».

«Et debent levare singulos fixes de geesta, exceptis duobus casalibus 1 de Palmi et 1 de Sancto Romano».

Belinho pagava também fóro.

Esta igreja tinha sesmarias e 9 casais, São Romão 11 casais e meio, Palme 5 casais, Braga 1 casal e renda um morabitino e dois quartos de pão.

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258, 1.^a Alçada, se diz: «In parrochia Sancti Pelagii d'Antas que el Rey non est padrom. Item dixerunt que a meyedade da vila de Azevedo est reguenga del Rey de monte in fontem

«Item que a meyadade da ecclesia de Sancta Tecla est reguenga del Rey.»

«Item que d'Antas e Azevedo vam todos ao Castelo et os da vila d'Antas levam segnos feixes de geestas ao Castelo».

«Item os de Belino pagam tambem foro a el Rey.»

Item Gunsalvo Menendi Doucristi comparou uma erdade e una bouza in Belino fo-

reira del Rey et fez y casa de morada» . . .

Por estas Inquirições se vê que muitas terras desta freguesia, que eram foreiras a el-rei, deixaram de o ser; umas porque os que as traziam as venderam a pessoas que se recusavam a pagarem esse foro e a maior parte por aqueles que as traziam *receberem por filio* alguém que pela sua categoria se julgava, izento de pagar foros».

Esta freguesia abrangia primitivamente a vila de Azevedo ao norte e a vila de Antas ao sul, a entestar com a herdade de Belinho.

Segundo se vê das Inquirições os moradores d'Antas tinham obrigação de todos os anos não só levarem as giestas para cobrir as barracas que no mez de março se faziam dentro do Castelo do Neiva, mas

ainda de fornecer os ovos e mantimentos aos homens que guardavam aquele castelo.

Consta que a Igreja Paroquial desta freguesia esteve primitivamente no lugar dos Côtos, na agra do Relógio, e que depois se deu principio a um mosteiro, edificando-se a igreja no sitio onde está. A um lugar que junto ha ainda se chama Traz o Mosteiro.

O saudoso P.^o Bento José da Mota, espirito culto e humoristico, natural da freguesia de Salvador do Campo, concelho de Barcelos, e paroco desta de S. Paio de Antas durante trinta e quatro anos, escreveu em o jornal «O Novo Cavado», de Espozende, uma serie de artigos, contando o estado da sua igreja em 1878, ano da sua posse, e as obras que depois nela se fizeram até 1895.

Na impossibilidade de transcrever aqui aqueles artigos na sua integra, copiaremos apenas algumas passagens para o nosso leitor ficar a fazer uma vaga ideia do que seria aquele templo.

Diz ele: «era (a igreja) muito pequena e baixa e cheia de defeitos; a capela mór era um nicho e torta; o arco cruzeiro era baixo e estreito e a altura da igreja era toda no correr da sacristia paroquial.»

• A torre era *uma porcaria de gato.*»

O sublinhado é nosso; esta torre tinha sido construída em 1855.

Tinha esta igreja, no dizer daquele escritor, duas coisas razoáveis; o altar do Sacramento e os três arcos da nave desta capela.

«O adro desta igrejinha era uma especie de cortelho; tinha

defronte da porta principal uma casa chamada da Fábrica, onde se dava escola.»

Descreve em seguida essa casa: tinha uma varanda e debaixo uma retrete, vendo-se entrar para ali «os rapazes com as calças na mão,» a casa tinha também uma cosinha onde se fritavam as sardinhas para dar aos pobres na quinta feira Santa.

O adro só tinha uma entrada, a que chamavam Fôjo, umas cancelihas de ferro e dois ciprestes, «simbolo da morte, onde dormiam todos os pardais da freguesia e antes de vir a noite atormentavam o pobre pároco com o seu canto infernal.»

O cruzeiro estava em um pequeno largo, em frente ás cancelinhas.

«Em fim, exclama ele, tudo era pequeno e mesquinho».

Em 1879 o Barão de Mara-

caná, Manoel Gonçalves Pereira, natural desta freguesia, filho de João Gonçalves Pereira e de D. Maria Rodrigues Meira, comprou a casa dos Cunhas e terreno fronteiro á igreja e em seguida o povo terraplanou o que hoje é o adro e mudou-se a casa da Fabrica para o sitio onde está.

Nesse mesmo ano deu-se principio ás obras na igreja, alargando-a para o lado do norte, fazendo-se mais uma nave com tres arcos, iguais aos da nave do Sacramento, e levantando-se todo o edificio uns seis palmos.

Em seguida alteou-se e alargou-se o arco cruzeiro e fez-se de novo a capela mór.

Fez-se o sanefão naquelle arco e dourou-se tudo.

Havia, porém, ainda um defeito, «o templo era mais largo que comprido, o que o desfeitava».

Só em 1895 é que se fizeram as obras do aumento da igreja, a sua portaria e a torre.

Esta alta torre eleva-se ao centro da fachada da igreja, por cima da sua porta principal, tendo por baixo das sineiras um nicho, onde se venera a imagem em pedra do padroeiro São Paio.

Na parte exterior da parede desta igreja, ao lado da porta travessa, do lado direito, vê-se uma pedra com uma inscrição, cuja tradução, segundo alguns epigrafistas é a seguinte: «Na era de 1163, aos 22 de abril, Dom Paio Suares fundou estas obras por mercê».

Dentro a capela mór é forrada a estuque com altar moderno.

Tem duas sacristias; na do lado direito vê-se dependurado na parede o retrato do P.^o Bento José da Mota.

No arco cruzeiro do lado da epístola lê-se n'uma lapide a seguinte inscrição: «O ARCEBISPO DE BRAGA D. MANOEL BAPTISTA DA CUNHA VISITOU ESTA IGREJA 1-12-1904».

Esta igreja é de três naves, separadas por arcos de colunas com fuste e capiteis lisos.

E' forrada a estuque, tendo junto ao arco cruzeiro e ainda na nave central dois altares e em frente de cada nave lateral outros dois altares,

Encostados às paredes tem ainda mais dois altares, de cada lado.

O púlpito e o côro são modernos e a pia batismal em granito aos gomos.

O Cruzeiro Paroquial ergue-se ao fundo do grande terreiro que se estende em frente á Igreja.

E' em granito bem trabalhado: a sua cruz com a imagem de cristo crucificado eleva-se no alto de uina coluna de fuste em espiral com videiras enroscadas, tendo na frente a imagem da Virgem e na base gravados os martirios da paixão de Cristo.

Naquela coluna le-se 1898, data da sua inauguração.

Ao lado esquerdo desse terreiro, entre o cruzeiro e o templo, foi construido o Cemiterio Paroquial, em cujo portão se vê a data 1884.

Dentre os varios jazigos que contém, destaca-se em marmore o do Barão de Maracanã, Manoel Gonçalves Pereira, nascido nesta freguesia a 17 de março de 1806 e falecido em 27 de fevereiro de 1895, segundo resa o epitafio.

Dizem as Memorias Paroquiais de 1759 que houve nesta

freguesia a ermida de Santo Estevão, no lugar da Portela de Baixo, da qual já não ha vestígios e só no pateo da Residencia Paroquial e á porta da mesma existiam duas colunas que serviram de cunhais da porta no frontispicio da mesma ermida e em ambas se conheciam muitos sinais de letras que por antigas se não decifraram.

Tem esta freguesia as seguintes capelas.

A Capela de São João, pequenina, quasi um nicho, ao lado da estrada de Forjães a esta freguesia, é particular.

A Capela da Senhora dos Remedios, ao lado tambem da estrada de Forjães, está sita no centro de um adro fechado por parede.

E' construida de boa pedraria, sendo forrada a estuque com altar moderno. E' publica.

Ao norte desta capela, junto a

mesma estrada, está um cruzeiro em cuja base tem a data 1898.

Capela de Santa Tecla quasi na foz do rio Neiva.

E' esta uma das capelas mais antigas destes sitios; já as Inquirições se referiam a ela, chamando-lhe *heremita de Santa Teca*, as de 1220, e *eclesia de Sancta Tegra*, as de 1258.

Esta capela, muitas vezes reedificada e ainda em 1800, é publica e todos os anos nela se faz uma romaria.

A Capela de Nossa Senhora do Rosario, em frente à casa de Belinho, á qual pertence, está situada em um dos mais lindos e pitorescos sitios desta freguesia.

De arquitetura simples, baixa e sobre o comprido, á sua porta em arco redondo cresce um amplo alpendre, parapeiteado e com bancos de pedra, sustentado

em oito colunas de base, fuste e capitel lisos.

Ao lado direito da porta, debaixo do alpendre, tem um pulpito redondo de pedra (escabelo).

Ostenta na sua frontaria um pequeno escudo esquartelado com as armas dos Cunhas, Silvas, Farias e Sotomaiors.

Dentro a capela mor é forrada a madeira com traves a descoberto e tem esta capela um unico altar com retabulo antigo.

Vê-se no pavimento uma sepultura com a seguinte inscriçao: A. S. DE PAVLO DA CVNHA SOTOMAIOR.

O corpo da igreja é forrado a madeira em caixotões com as traves á vista. De cada lado das paredes tem varios gavetões funerarios, onde repousam os corpos de algumas pessoas da familia.

Tem côro e pulpito.

Manoel de Faria Mariz, o velho, natural de Barcelos, senhor do Morgado d'Agrela naquella vila, legitimou sua filha Gracia de Faria para casar com Paulo da Cunha Sotomaior, filho de Pedro Fernandes da Cunha Sotomaior, conego da Sé Braga e arcediogo do Neiva, e lhe dotou o seu praso de S. Paio d'Antas.

Manoel de Faria Mariz fez testamento em 26 de outubro de 1583.

O Morgado d'Agrela seguiu a linha de Antonio de Faria, filho daquelle Manoel de Faria Mariz, até Manoel de Faria d'Eça, sendo na vida deste reivindicado por Pedro da Cunha Sotomaior Rebelo, senhor da casa de Belinho, e descendente daquelle Gracia de Faria.

E assim andou nesta familia até que ainda em nossos dias as

terras que o constituíam foram vendidas a estranhos.

A casa de Belinho conservou-se nos descendentes de Gracia de Faria.

Pedro da Cunha Sotomaior Rebelo, foi senhor do Morgado de Belinho, Fidalgo da Casa Real, Cav. da Ordem de Cristo, Sargento Môr de Infantaria e Ajudante do general Bernardino Freire de Andrade, tendo sido morto pela população, acoimado injustamente de jacobino, nas Neves, freguesia de Capareiros, concelho de Viana do Castelo, no dia 20 de maio de 1809.

Esta freguesia, situada na margem esquerda do rio Neiva e em planície com leves ondulações de terreno, é banhado por aquele rio, sobre o qual ha uma ponte que dà passagem à estrada de Viana ao Porto por Espozende.

Tem as seguintes fontes publicas: a dos Piscos, a da Asinha e a do Lago.

E' servida pela estrada de Viana ao Porto e pela de Forjães que, crusando com aquella, segue até perto da foz do Neiva.

Confronta do norte com o rio Neiva, nascente com a freguesia de Forjães, sul com a de Vila Chã e a de Belinho e poente com o oceano Atlantico.

Entre esta freguesia e a do Castelo do Neiva, do concelho de de Viana do Castelo, tem aquelle rio a sua foz.

Junto á foz, no cimo de um escarpado monte já no concelho de Viana, esteve o antigo e bem conhecido Castelo do Neiva, tão importante na idade media, no qual residiam as Justiças da Terra e depois Julgado do Neiva até serem mudadas para a vila de Barcelos, que lhe esteve sugcita.

A população de S. Paio de Antas no seculo XVII era de 133 visinhos; no seculo XVIII era de 118 fogos; no seculo XIX era de 1.123 habitantes e actualmente é de 1515 habitantes, sendo 737 do sexo masculino e 778 do sexo femenino.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares: Antas, Belinho, Monte de Cima, Igreja, Freixo, Guilheta, Pereira, Barca, S. Paio de Cima e Azevedo.

As suas casas mais importantes são: a de Belinho (brazonada), a do Ferreiro e a do Barros.

Tem quatro lojas de commercio, Caixa do Correio, Posto Telefonico, Fabrica de manteiga e Escola mista com dois lugares, funcionando a do sexo masculino em edificio proprio, mandado construir pelo barão de Ma-

racaná, e a do sexo feminino em edificio arrendado.

Funciona tambem aqui, na casa de Belinho, o «Colegio de Belinho» que habilita alumnos até o 5.^o anno dos Liceus.

Nos campos das Redondas, junto á estrada de Viana ao Porto, appareceram vestigios de povoações antigas: muitos cacos de tégula e outros objetos.

No alto do *monte da cidade*, sobranceiro á casa de Belinho, ha vestigios da existencia de uma povoação antiga. Veem-se ainda restos de uma muralha e os de duas casas circulares.

O malogrado arqueólogo Rui de Serpa Pinto, na sua=Cividade de Terroso e os Castros do Norte de Portugal=, diz que: «A dupla muralha de Terroso, construida de grandes blocos sem argamassa, é do mesmo tipo da de Belinho (Espozende), desco-

berta pelo Poeta Antonio Corrêa de Oliveira.»

«Na cidade de Belinho (Espozende) o Poeta Antonio Corrêa de Oliveira recolheu uma fibula completa (inedita) precisamente igual no tipo e decoração a uma das de Terroso e em Britteiros appareceu pelo menos outra do mesmo tipo».

«Prova-se assim a existencia de relações comerciais entre as populações castrejas, divulgando objectos de fabrico certamente indigena, como faz supor o apparecimento de cadinhos de barro com restos de bronze em Terroso».

Alem do que vimos relatando o snr. José de Menezes no seu livro «Ninharias,» a paginas 93 referindo-se a uma serie de artigos publicados no jornal «O Povo Espozendense» pelo sábio archeologo F. Martins Sar-

mento com o titulo = *Materiais para a Arqueologia do concelho de Barcelos* = diz que o seu autor dá noticias de *antás* e *antelas* em Vila Chã e S. Paio de Antas e de moinhos de mão vulgares nas nossas estações prehistoricas.

O Snr. Cristovão Aires reconhece no seu livro *Historia do Exercito Portuguez*, vol. I, pag. 388, a importancia da zona maritima entre o Neiva e o Cavado quando diz que ha entre estes dois rios a chã, o monte de São Lourenço, ao norte, o *castro de Belinho* e ao sul um outro cuja categoria ignora.

Percorrendo pois a orla maritima entre a foz do Neiva e Cavado e ainda ao sul deste ultimo rio até á Lagoa Negra, limites deste concelho com o da Povoia de Varzim, a cada passo encontramos vestigios de povoações antigas que os povos con-

quistadores e o tempo foram ar-
rasando. Em cada freguesia que
percorrermos nos iremos refe-
rindo ao que encontrarmos.

XII

BELINHO

Belinho, orago primitivo São Felix, mais tarde corrupto São Fins, depois São Pedro Fins e actualmente São Pedro *ad vincula*, era uma vigairaria da apresentação do Cabido da Sé de Braga.

Belinho vem do genetivo *Belini* do nome proprio romano gotico *Bellinus*.

Por carta de Março de 1135

D. Afonso Henriques doou a igreja de São Felix de Belinho ao arcebispo de Braga D. Paio Mendes.

Esta freguezia vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação—«De Sancto Felice de Belino», de Terra de Nevia.

Nelas se diz: «quod habet ibi dominus Rex XXXII casalia et medium, et dant omnes, sive habeant sive non, CCXXV modios de tritico ataleigatos.»

«Et omnes de ista villa sunt serviçales et Maiordomi per se et debent levare istam rendam ubi eis mandaverit in toto termino de Nevia et debent custodire captos de castello.»

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258, 1.^a Alçada, se diz: *in parrochia Sancti Füz de Belino* «que el-rey ha XXXVII casaes...»

Dizem mais: «et todos desta vila sunt servizaes del Rey e Mayordomo per si mesmos: et am de levar esta renda in todo termino de Nevia u lis mandarem: et am de guardar os presos do Castello.

Item, in esta vila de San Fiis de Belino que est reguenga....»

Houve uma grande questão sobre uma bouça desta vila.

Aqui tambem chamou a si um clerigo «una peza de Reguengo del Rey que mesturou cum na sua, e dixerom que arincou inde os marcos: er meteu os y e deu la a laborar a esse omem que a tenia: et agora veo o Archiepiscopo don Martinho e flioua, e meteu a cum na seara da ecclesia, e ten a».

Como se vê das inquirições de 1258 São Fins de Belinho comprehendia 37 casais, que formavam reguengo, o qual, caso

raro, abrangia toda a freguezia.

Este reguendo passou mais tarde para a casa de Bragança e estava delimitado por marcos com o escudo daquela Casa e um B por baixo, dos quais ainda existem alguns.

No sopé do monte do Castro existiu outrora *a vila de Sãns*, que depois se juntou a Belinho por ser também regueira.

A Igreja Paroquial desta freguesia estava no seu extremo nascente, no sopé do monte que lhe fica sobranceiro.

Era baixa e não muito grande e como ameaçasse ruina foi mudada para o sitio onde está, um pouco mais ao norte, nos fins do século passado.

A torre dos sinos conserva-se ainda no seu antigo lugar, a qual depois da construção do cemiterio Paroquial ficou no centro dêste.

O actual templo é cercado por um grande adro, fechado por parede com três portas de serventia, sendo a principal ladeada de altas colunas terminadas em pirâmides.

Na sua alta fachada abre-se uma grande janela emoldurada em pedra com varios ornatos, por cima desta um nicho com a imagem do padroeiro São Pedro e terminada por uma cruz de tripece haste.

Entre a janela e a porta principal, cercada de varios ornatos tem gravada a seguinte data 18 $\frac{13}{8}$ 97, da construção do edificio.

Projetava-se mudar a torre para o lado direito da fachada desta igreja, deixando até na parede desta algumas pedras salientes para a segurar ao edificio, o que ainda se não fez por falta de dinheiro.

Dentro a capela mór é for-

rada a estuque com pintura, sendo o seu altar em estilo moderno.

O corpo da igreja é também torrado a estuque e metido nas paredes em que se abre o arco cruzeiro estão dois altares, um de cada lado, e nas paredes laterais a seguir a êstes estão duas pequenas capelas em fórmula de gruta. Na do lado direito tem no pavimento gravada a data 22-3-1925 e na do lado esquerdo: 8-12-1922.

A seguir a estas capelas existe mais um altar de cada lado, tudo em estilo moderno.

Tem duas portas travessas, duas sacristias, uma de cada lado da capela mór, dois pulpitos, um amplo côro e batisterio em granito com taça aos gômos pintados de verde e branco.

O cruzeiro Paroquial desta freguesia fica ao fundo do adro em frente á porta principal da igreja.

E' baixo, elevando-se a cruz sôbre uma coluna de fuste liso com capitel corintio e tendo na base gravada a data 1677.

Em 21 de março de 1716 foi instituida nesta igreja a Ordem Terceira de São Francisco.

O arcebispo D. Frei Caetano Brandão visitou esta igreja em 1792.

Na sua visita pastoral veio para aqui de Espozende, onde parece não fôra muito bem recebido.

Em uma carta que escreveu do convento dos monges beneditinos de Carvoeiro para o convento de São Francisco da vila de Viana do Alentejo verbera a pouca fé da gente de Espozende e continuando nessa carta diz: «Logo na outra Estação, que foi na Fréguesia de Belinho, Nosso Senhor me compensou esta amargura com huma consolação

indizível, achando o Povo dêste lugar e dos circumvisinhos mui docil, devoto, frequente na Igreja, e ouvindo as instruções Ecclesiasticas com hum edificantismo: regalei-me.

Se visse a ancia, com que as mulheres se lançavam a mim, quando descia pela Igreja abaixo, para beijar-me os vestidos!

Pois lagrimas na despedida d'algumas velhas, estando eu para montar a cavalo, até chegaram por detraz a deitar-me os braços ao pescoço: e eu que lh'o não estranhava; mas antes dando todo o valor a estas inocentes demonstraões de ternura filial!

De Belinho foi o arcebispo para Palme onde se demorou dois dias; e d'ali para Carvoeiro, hospedando-se no mosteiro, donde escreveu aquella carta.

Mas voltando á fréguesia de

Belinho, por traz da igreja, na encosta do monte sobe uma calçada antiga ao lado da qual foram construidos alguns nichos, hoje vazios, em que eram representados os Passos da Paixão de Christo e que servia de itinerário á procissão de Passos quando se fazia nesta freguesia.

Dêsses nichos apenas se veem seis, mas completamente abandonados.

Existem as seguintes capelas.

A Capela de Nossa Senhora da Guia, no cabeço do monte que fecha o horisonte desta freguesia a nascente, é pequenina, muito branca, e situada em um ponto elevado donde se disfruta um panorama admiravel; cá de baixo parece uma destas miniaturas de capelas que os devotos colocam nas cascatas nos festejos aos santos populares.

Há aqui uma gruta, rocha

mal conformada, broqueada pela natureza, mal cabendo uma pessoa de regular estatura.

Nela habitou por muito tempo um monge popular, ratão de bom gosto, que no inverno ia para Lisboa vender cautelas, sendo ali conhecido pelo nome de *Joia*, e no tempo calmoso vinha veranejar na Senhora da Guia desta freguesia, pelo que o povo d'aqui lhe chamava *O Monge da Guia*.

Aborrecendo-se por fim da vida solitaria de asceta e cauteleiro, desapareceu e foi casar-se com uma moçoila da freguezia de Fonte Boa.

Isto escreveu pouco mais ou menos José Augusto Vieira no «Minho Pitoresco», vol. II, pag. 198, relativamente ao monge da Senhora da Guia.

Cito a fonte onde bebi a informação para que aquele Mon-

ge Joia, se ainda vive, ou seus parentes, se os tem, não venham pedir-me explicações do que fica narrado a seu respeito.

A capea de Santo Amaro, no lugar do mesmo nome, cuja romaria se realisa no dia 15 de janeiro é publica.

A Capela de São João, pequenina, toda em boa pedraria tem uma grande porta em arco sem indícios de ter portadas.

Dentro é toda cercada de bancos e o tecto em forma de abobada boca de canhão.

No sitio do altar tem um pequeno nicho na parede, no qual esteve o padroeiro desta capela, e por baixo uma taça de pedra em que caía a agua lançada pela boca da figura de um anjo.

Ao lado direito tem uma lapide na parede com a seguinte inscriçao:—DEOS VOS SALVE FILHA DE DEOS PADRE

DEOS SALVE MAI DE DEOS
E DEOS VOSSO SPOZA DO
SPIR.^o S. E DEOS VOSSO
TENP.^{LO} DA SS. TRINDA-
DE==e do lado esquerdo na ver-
ga da porta que dá comunicação
para o interior da casa a
seguinte==ANO DE MDCCX-
-XXV MIGVEL ARANHA
PITA INCT.

Esta capela está quasi em ruinas e se não lhe fizerem algumas obras de reparação dentro em breve desaparecerá pois a abobada que a reveste e arco da porta de entrada apresentam já grandes fendas.

Em frente a esta capela, em um pequeno terreiro, está uma sepultura de pedra encostada a um valo.

Esta capela é particular.

A freguezia de Belinho, situada em planicie, junta ao mar, confronta do norte com a de

São Paio d'Antas, do nascente com a de Vila Chã, do sul com a de São Bartolomeu do Mar e do poente com o Oceano Atlantico e é servida pela estrada de 2.^a classe n.º 11 de Viana ao Porto.

Tem as seguintes fontes publicas: a de Cima, a de Baixo, a do Paço Redondo, a da Infesta e a da Ferneira.

Esta tem a seguinte inscrição
=CANALIZAÇÃO A EXPENSAS DE MANVEL GONSAVES—1913=.

A sua população no seculo XVIII era de 147 visinhos; no seculo XVII era de 126 fogos; no seculo XIX era de 926 habitantes e actualmente é de 1.016 habitantes, sendo 456 do sexo masculino e 560 do sexo feminino.

Esta população acha-se distribuida pelos seguintes lugares

habitados: Belinho, Igreja, Barros, Aldeia, Feital, Infesta, Caniço, Outeiro, Santo Amaro, de Baixo e S. Fins.

As suas casas mais importantes são: a do Pôço, a do Madalena, a da Morgada, a dos Carpinteiros e a da Boa Vista ou Portela.

A quinta da Portela, a mais antiga de Belinho, pertenceu, diz Figueiredo da Guerra em «*O Espozendense*», aos Barros Cações, familia illustre que gosava, alem de varios morgadios, o officio de Meirinho da Correição da Comarca de Viana.

Jeronimo de Barros Cação obteve em 1606 este apeteccido cargo judicial pela cedencia que fez a Felipe 3.^o do Campo do Castelo em Viana para na sua explanada manobrar as tropas da guarnição.

A quinta da Portela em Be-

linho foi vendida em 1884.

Tem esta frèguesia duas lojas de comércio, caixa do correio e Escola mista que funciona em edificio arrendado.

Foi abade de Belinho nos fins do seculo passado o P.^e Antonio Luiz da Costa Azevedo, natural da freguezia de São Martinho de Vila Frescainha, do concelho de Barcelos, sendo depois abade da freguesia do Ceirdal, do concelho de Valença, onde faleceu.

Figura de destaque no meio social do seu tempo, foi durante a sua paroquialidade nesta freguesia que se fez a igreja nova.

O monte do Castro ou São Fins, que fecha o horisonte a nascente desta freguesia, é todo revestido de penedia, vendo-se alguns penedros curiosos.

Ha-os perfurados, mostrando cavidades que parecem ser fei-

tas por mão do homem.

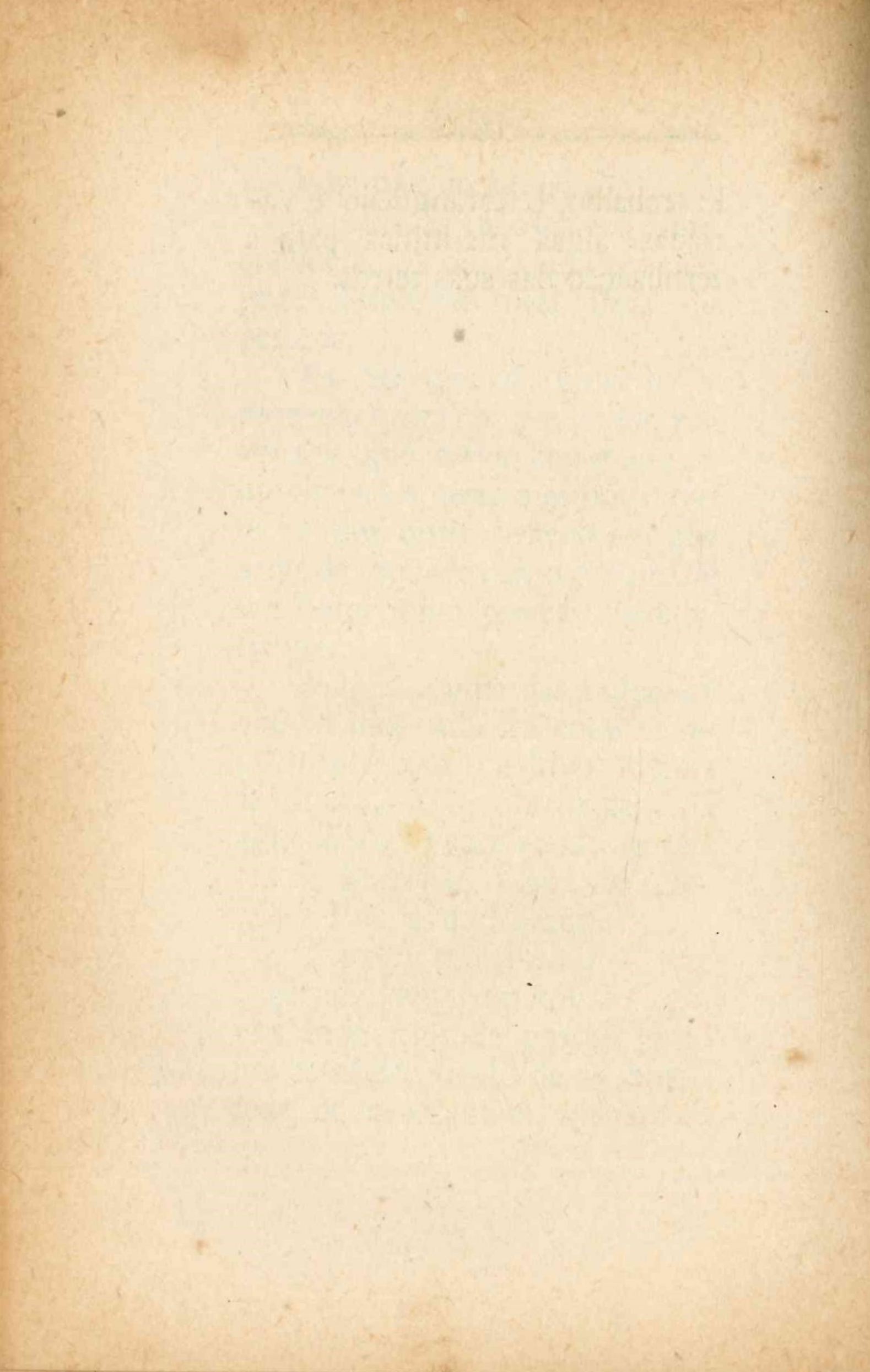
A meio da encosta, em uma quebrada, ha uma gruta em que pode abrigar-se meia dúzia de pessoas.

Na Senhora da Guia há a pequena gruta, a que já nos referimos, que serviu de refugio ao monje *Joia* e neste mesmo monte ha um outro penedo em que se vê de um lado como o vulto de um homem em posição medita-bunda.

Belinho é uma das freguesias que melhor sabe explorar a agricultura com o cultivo de hortaliças, plantas e outros generos agricolas que vão vender às tei-ras de Barcelos, Viana do Cas-telo e Povoá de Varzim.

E' povo trabalhador e tem a grande vantagem sôbre os povos do interior de possuir junto um estabelecimento de adubos, o mar, onde adquirem, apenas pe-

lo trabalho, o carangueijo e variadas algas maritimas para a fertilização das suas terras.



XIII

M A R

Mar, orago São Bartolomeu, foi mosteiro beneditino, tornando-se no século XVI vigairaria da apresentação do convento de Palme da mesma Ordem.

Esta freguesia era conhecida antigamente pelo nome de São *Bartolomeu de Vila d'Atam*; apparece-nos no Censo da População de 1527 com a designação de *São Bartolomeu das Marinhas* e

mais tarde *São Bartolomeu do Mar*.

Sobre a significação desta palavra divergem as opiniões. Alguns dizem que este *Mar* vem do siríaco e que quer dizer: *Deus Sancto, Senhor, Divino*.

Não repugna porém admitir que esta freguesia tomasse o nome do *mar* que banha as suas costas.

Vem esta freguesia nas Inquirições de 1220 com a designação=«De Sancto Bartolomeu de Villa d'Atam,» de Terra de Nevia.

Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum, que esta igreja tem sesmarias, Hospital 1 casal, São Paio meio casal, Braga 1 casal, São Romão 3 casais, Palme 3 casais *sendo esta igreja sua*, a Igreja de Castro meio casal e Banho o quarto de um casal.

Nas Inquirições de 1258 se diz: *in parrochia Sancti Bartolomei de Vila d'Aton* que o rei não é o padroeiro, que se pagava varios fóros a el-rei e que vão ao castelo.

A primitiva Igreja Paroquial desta freguesia está actualmente em ruinas; dela existem apenas as paredes.

Estava no centro de um adro fechado por parede com três entradas e seus fojos.

Na sua larga fachada, baixa, abre-se uma pequena rosacea por cima da porta principal e ao lado direito ergue-se um torreãozinho para os sinos, tendo encostada a este uma pequena sineira.

A sua velha silharia, despida de qualquer rebôco, vai resistindo ás intemperies, até que um dia, talvez não muito distante, tudo desabe e venha a terra, se

antes a mão criminosa do homem não a desmanche para aproveitar os seus materiais em qualquer obra para fins ás vezes muito diferentes dos que tinha.

Em 1909 começou-se a obra de construção da igreja actual, ao sul da antiga, á margem da estrada que vai de Viana do Castelo ao Porto por Espozende, a qual estava terminada em 1912.

Foi construido este templo ao fundo de um terreiro arborizado, sobre os alicerces abertos para uma casa de escola pratica para navegantes que projetavam erigir á memoria de Rodrigues Sampaio, mas que não chegaram a realisar.

Ao centro da sua alta fachada eleva-se a torre sineira que lhe dà um aspecto esguio.

A sacristia ergue-se ao lado esquerdo da Capela mór, por traz da capela lateral de N. S.^a

de Lourdes.

Dentro este templo é alto e espaçoso, de tectos em estuque com singelos ornatos em gesso.

O altar mór é moderno, bem como os tres laterais no corpo da igreja.

A capela de N. S.^a de Lourdes é em forma de gruta em que é representada a scena da aparição.

Tem pulpito, côro e batistério com pia antiga, a da velha igreja, estando a coluna em que assenta quasi toda espetada no pavimento.

Esta freguesia recebeu a visita pastoral do arcebispo de Braga D. Manoel Batista da Cunha em novembro de 1904 e de D. Manoel Vieira de Matos em 20 de novembro de 1927.

O Cruzeiro paroquial foi mudado do sitio onde estava para um pequeno largo junto á estrada.

E' muito simples, denotando porém antiguidade.

Encima a sua columna lisa um capitel corintio, bastante danificado.

Na base foi aberta toscamente a data 1914, a da sua mudança.

Nesta freguesia haviam tres *Alminhas*,: as da casa do Soares, as da casa da Rendeira e as da Capela; hoje ha só duas, pois as ultimas foratu demolidas para a construção de uma casa.

O Cemiterio Paroquial, ao sul da igreja e do outro lado da estrada, tem sobre o seu portão a data de 1886.

Esta freguesia, situada em planicie, confronta do norte com a de Belinho, do nascente com a de Vila Chã, do sul com a das Marinhas e do poente com o Oceano Atlantico, é fertilisada por varios regos e correntes de agua, e é ser-

vida pela estrada de Viana do Castelo ao Porto e por um ramal que desta vai até á praia.

A praia de S. Bartolomeu é sita em uma pequena reentrancia de mar e formada por areias finissimas, o que a torna muito comoda para tomar banho. É defendido de terra por extensas dunas, que a abrigam dos ventos e sobre as quais assentam pequenas casas de humilde apparencia, que do alto miram o mar.

Aqui se acolhe a flotilha dos barcos sargaceiros em que na occasião propria os lavradores recolhem os adubos fornecidos pelo mar ás suas terras.

Por Breve Apostolico de Pio VII foi concedido ao povo desta freguesia, bem como das Marinhas e de Belinho, o indulto da apanha do sargaço aos domingos, exceto nas quatro grandes festas do anno.

Ao norte desta praia sobressaem das aguas uns pequenos rochedos chamados as Cambôas.

O Censo da População de 1527 diz: «O Jullguado de Neiva, a freguezia das Marinhas 24 moradores; no seculo XVII a população da freguesia de S. Bartolomeu do Mar era 52 vizinhos; no século XVIII era de 30 fogos; no seculo XIX era de 372 habitantes e actualmente é de 365 habitantes. sendo 163 do sexo masculino e 202 do sexo femenino.

E' esta a mais pequena em população de todas as freguesias do concelho.

Tem os seguintes lugares habitados: o lugar de Cima, o lugar de Baixo, Feital, Calvario, Igreja e Estrada.

Veem-se aqui casas de boa apparencia, sendo as principais a da

familia Novais, tendo esta sobre o seu portal fronho a imagem em azulejo do padroeiro com a legenda=S. Bartolomeu=, a da familia Lima e a da Gesteira.

Existem nesta freguesia tres lojas de comercio, caixa do correio e Escola Oficial mista com um lugar, que funciona em casa arrendada.

Realisa-se aqui todos os anos, no dia 24 de agosto, uma importante romaria a São Bartolomeu.

E' este santo advogado contra o *mal* da gota (epilepsia) e o *medo* nas crianças.

Os pais destas de idade de sete anos vem com elas, ás vezes de bem longe, em romagem ao Santo. Resam na igreja, fazem em seguida procissão em volta do templo, levando as crianças nas mãos um frango preto que trazem para este fim de suas

casas ou alugam aos mordomos.

Acabada esta cerimonia religiosa vão á praia tomar banho, passando o resto do dia entregues aos folguedos das romarias e festas minhotas.

Esta romaria a São Bartolomeu é muito antiga; já o P.^e Carvalho na sua Corografia Portuguesa, cuja edição do 1.^o volume é de 1706, quando se refere a esta freguesia diz: rende ao todo setenta mil reis, com as ofertas da grande e antiga romagem que tem de toda esta Provincia, particularmente dos Arcos, Barca, Ponte do Lima e Coura, em o dia do Santo, 24 de agosto. Tem grande feira, que dura tres dias

Por aqui se vê a grande importancia e antiguidade desta romaria de S. Bartolomeu.

Em 1 de novembro de 1828 veio a esta freguesia, á hora da

missa, uma força de 21 soldados de infantaria; entra na igreja paroquial e prende o abade e o acolito, seu afilhado, que se chamava Antonio Rodrigues Sampaio.

Entre a escolta lá foram, por terem manifestado publicamente as suas ideias liberais, o abade para a prisão eclesiastica de Braga e o acolito para o aljube do Porto.

Antonio Rodrigues Sampaio tinha nascido nesta freguesia em 25 de julho de 1806; estudara as primeiras letras e gramatica com clerigos seus visinhos; latim, teologia e outras disciplinas no Convento do Carmo de Viana do Castelo e fora mestre de latim na sua freguesia.

Da prisão foi para Barcelos e depois apresentando-se a D. Pedro IV e abandonando para sempre a vida eclesiastica, foi

despachado guarda da Alfandega do Porto.

Em 9 de setembro de 1836, foi nomeado Secretario do Governo Civil de Bragança, veio depois para Lisboa e entrou para a redacção da «Revolução de Setembro», mostrando nesse jornal os seus invulgares dotes jornalisticos.

Eleito deputado por varios circulos, em 1870 foi nomeado Ministro do reino, voltando por varias vezes a ser ministro e até Presidente do Conselho. Publicou o celebre jornal «O Espectro», nunca se descobrindo a tipografia em que era impresso.

Morreu em 1882 tão pobre como nasceria; é o maximo elogio que se lhe pode fazer como funcionario e como politico.

Espozende e a freguesia que lhe foi berço nada lhe devem porém; guindado aos mais altos

cargos da governação em Portugal não concedeu beneficio algum a estas terras.

Os franceses na sua passagem por esta freguesia fizeram as suas tropelias; os povos fugiram para os montes, vendo de lá roubarem-lhe os seus gados que ficaram a pascer cá em baixo nos campos.

Morrendo nesta ocasião um francês nesta freguesia os povos não consentiram que ele fosse enterrado na igreja nem no adro; foi enterrado no lugar do Monte de Baixo.

Corre por aqui na tradição que a velha imagem do padroeiro São Bartolomeu appareceu em tempos afastados na praia, nas pedras da Cambôa e que junto á praia, nos terrenos chamados sobre o Ramalho, fôra construida uma capela e ali recolhida aquella imagem.

Arruinada a capela, a sua pedra veio para os muros do adro da igreja e a imagem recolhida nesta.

Na Agra do Pombal, perto da atual matriz, existe uma columna, um padrão, para indicar, dizem, que em um ano qualquer muito remoto chegou até aqui o mar.

E assim nesta freguesia é costume dizer-se: «no dia de S. Simão chegou o mar até ao padrão».

Colho da tradição e a tradição tem sempre o seu cunho de verdade.

E já dizia Garrett. «Eu tenho mais fé nos livros da tradição popular que em todos os livros dos cronistas, arqueologos e seus comentadores quantos ha».

NOTA: Ao Snr P.^e Manuel Martins Cêpa, natural desta fre-

guesia e muito digno reitor de Alvarães, concelho de Viana do Castelo, os nossos agradecimentos pelas valiosas informações que teve a gentileza de nos dar.

XIV

Marinhas

Marinhas, orago São Miguel, era uma vigairaria da apresentação do arcebispo de Braga.

Marinhas, diz o P.^e Antonio Gomes Pereira no seu já citado livro «Tradições Populares» a paginas 403 que é um substantivo comum, significando *beira mar, costa de mar, salinas* etc, que depois se tornou proprio.

Esta freguesia vem nas In-

quirições de 1220 com a designação=«De Sancto Michael de Zopaes», de Terra de Nevia.

Nelas se diz que o rei tem aqui seu reguengo e existe aqui uma leira reguenga. «Et multi homines sont ibi que pectabant vocem et calumpniam, et modo sunt homines Hospitalis amparat illos Dant de sua vita qualem habuerint ad castelarium».

Dizem mais: que o rei não é o padroeiro, que esta igreja tem sesmarias e quebradas, Palme uma granja, 8 casais e algumas entradas, Vilar de Frades 4 casais, Banho uma granja, 8 casais e um quarto, S. Martinho de Castro um casal 1 casal e meio, Carvoeiro 6 casais, Manhente 3 casais e meio e algumas entradas, Tibães 3 casais e meio, Braga 5 casais, Vinheiro um casal, São Romão 2 casais, São Paio d'Antas 2 casais, Var-

zea 2 casais e meio, Bouro 2 casais, Rendufe meio casal, Hospital 4 casais e 16 morabitinos de censuria e Templo 3 casais e uma quarta.

Nas inquirições de 1258, 1.^a alçada, se diz=Item *in parrochia Sancti Michaelis de Zopães* que el Rey não é padroeiro.

«El-Rey *ha in* Gontimir uno Regaengo cognoszudo» e varias leiras: em São Fausto, no Feijoal, em Covas, nas Infestas, em Queixo, nas Travessas, em Guilifoux, nos Pousadouros, em Ripa, em Costas, em Agra Maior, em Sarapelido de Sousão, na Senra, em Sourela, em Talio meyano, na Agra, em Tras lo Valo, em Geraz, em Longarem, em So Palacio, em Barrosas, em Solinar, em Campos Salgueiros, Pomar, na Reguenga, na Romaira Folgosa, Agrelo Jusão, Talio, Lumbre, Agro deirigo, Travesso, Fo-

gios, Painçaes, Gulpileiras, Longoiros, Vinal, Pedragosa, Madriam, Leira Longa, Covelo, Agro de Gendo, Sobre poço e Rio de Moinhos.

«Item—omees de Goyos metem se no Couto de Palmeira et de Fao e vam lavrar a erdade foreira de Goyos, et non querem dar na renda e torna sse a renda sobre los outros omees de Goyos».

«Item, omees foreiros de Fao moram na erdade foreira de Goyos e porque dizem cá sunt foreiros non querem dar na renda do Rey. Moesteiro de Boyro comparou dous casaes in Goyos que soyam dar renda al Rey e ora non na dam —Item, in Espoezendi ha uno casal de Sancta Ovaya de Rio Covo et lavram no os de Palmeira e non querem dar renda al Rey.»

Por este ultimo item se vê que Espozende era naquela epoca um lugar de São Miguel de Cepães(ho-

je Marinhãs), adquirindo só no século XVI fôros de freguesia.

Conhecida por *Zopaes, Cepães*, aparece-nos no Censo da População de 1527 já com o nome de «Sam Miguel das Marinhãs».

Em 7 de maio de 1358 o arcebispo de Braga D. Guilherme, a instancias do paroco de Cepães, deu comissão a Pedro de Margarida, conego bracarense, e a Guilherme Gaidelli, da Ordem Cluniacense, para unirem a esta freguesia a de Gandra (1).

Veja-se a extensão das Marinhãs então, desde S. Bartolomeu até ao Cavado!

Um pequeno bispado.

A antiga matriz das Marinhãs era um edificio pequeno, baixo, no mesmo sitio onde está

(1) Mons. J. Augusto Ferreira—Fastos Episcopais, tomo II, pag. 164.

(2) A primitiva igreja dizem ser em Cepães, junto á capela de S. Sebastião «Novo Cavado», n.º 315.

o actual. Com as obras iniciadas em 1929, pelas porporções que leva, ficará um santuario grandioso.

Na sua importante fachada eleva-se ao centro uma alta torre para os sinos, ainda incompleta, assente em tres arcos, formando com estes um atrio á porta principal. Por cima do arco da frente abre-se um nicho para a imagem do padroeiro São Miguel.

Dentro a capela mór é forrada a madeira em caixotões e o retabulo do seu altar é em bella talha renascença doirada.

Do lado da epistola tem metida na parede uma pedra com a seguinte inscrição: «O SS.^{mo} P. BENEDICTO. XIV. A. 7. DE. X.^{BRO}. DE. 1748. CÕCEDEO. Q. OS. ALTARES. DESTA. IGR^A. FOSSEM. PRIVILIGIADOS. P^A. SEMPRE. TODOS.

OS DIAS. CELEBRANDO-
-SE. MISSA. PELAS. AL-
MAS. DE. QVALQER. IR-
MÃO OV. IRMÃ. DAS. AL-
MAS DESTA MESMA.»

De cada lado do arco cru-
zeiro abre-se sua capela: a do di-
reito moderna e a do esquer-
do antiga cujo tecto é em abo-
bada de pedra boca de canhão,
tendo nos florões que a orna-
menta varias figuras, como a do
Sol etc.

Conserva ainda esta capela
as suas paredes exteriores anti-
gas, estilo romanico, assentando
a cornija n'uma fila de cachor-
ros decorados com varias figu-
ras.

O corpo da igreja, que era
de duas naves, é agora de tres,
sendo acrescentada a do lado do
sul, que ainda está por torrar.

Tem quatro altares laterais.

O côro está ainda incompleto, o pulpito acha-se arrimado ao primeiro arco, que separa a nave esquerda, e a pia batismal é de taça gomada, antiga.

De cada lado da capela mór foram construídas as sacristias.

Na ocasião das obras da igreja foi encontrada no adro uma sepultura de pedra (pia) sem tampa, que se acha agora encostada a uma parede no adro.

O cruzeiro paroquial, ao lado nascente da estrada que da igreja vai por Goios ligar com a de Espozende a Braga, é baixo e modesto.

Tem coluna com capitel coríntio e na base não tem data nem inscrição.

O Cemiterio Paroquial fica do outro lado da estrada de Viana ao Porto, em frente da Igreja. Tem sobre o seu portão a data=1886.

Tem esta freguesia as seguintes capelas:

Capela de São Bento, no lugar dos Pinhotes, construida no seculo XVII: é particular e pertence á Ex.^{ma} Snr.^a D. Amelia Ribeiro Lima da Costa Azevedo (Barrosa).

Capela do Coração de Maria, mandada construir nos fins do seculo XIX pelo P.^e José Rodrigues Areias, pertence actualmente ao Snr. Manoel Gonçalves Marques.

Capela da Senhora da Saude, no lugar do Outeiro, mandada construir a expensas do povo deste lugar em 1849 e reedificada em 1889, sendo nesta ocasião ampliada,—é publica.

Faz-se nesta capela uma importante festa e romaria no dia 15 de Agosto muito concorrida.

Capela de S. Sebastião, no lugar de Cepães, em um largo

junto á estrada de Viana ao Porto, pequena e modesta, é publica.

Capela de São Roque, no lugar de Goios, é antiga e pertence á freguesia.

Capela de S. João, no Monte, construida ha uns vinte e tantos anos no sitio onde estavam umas Alminhas com seu alpendre, é publica.

Capela das Neves, em Rio de Moinhos, é talvez a mais antiga da freguesia e de maior valor artistico com tres altares em estílo renascença. E' publica.

Esta freguesia tem as seguintes *Alminhas*, as do Outeiro, a de Pinhotes, as de Goios, as de Riodemoinhos e as de Cepães.

Marinhas está situada em planicie, na orla do mar, e o seu solo é muito fertil.

Confronta do norte com a freguesia de S. Bartolomeu do Mar, do nascente com a de Vila

Chã, do sul com a de Gandra e Espozende e do poente com o oceano atlantico.

E' servida e crusada por varias estradas: pela de Viana ao Porto por Espozende, por outra que desta vai até á praia de banhos, por outra que da primeira vai pela igreja, lugar de Goios, ligar com a estrada de Espozende a Braga e finalmente por outra que da Avenida Marginal vai pela Gatanheira a Vila Chã ligar com a da Barca do Lago a Barrozelas.

E' fertilisada pelo ribeiro d'Abilheira ou Chouso, (1) tomando na sua foz o nome de ribeiro do Peralto, que nasce em Vila Chã e vai desaguar no mar

(1) Ha sempre diversidade na denominação dos ribeiros e cursos d'aguas de pouca importancia, pois estes geralmente tomam nome diferente nas freguesias que atravessam e até muitas vezes na mesma freguesia são conhecidos pelos nomes dos lugares e campos que banham.

nesta freguesia.

Tem as seguintes fontes publicas: a de Rio de Moinhos, a de Telha, a da Caganita, a de Pinhotes, a do Outeiro e a de Goios.

A população desta freguesia no seculo XVI era de 90 moradores; no seculo XVII era de 250 visinhos; no seculo XVIII era de 318 fogos; no seculo XIX era de 1.403 habitantes e actualmente é de 2.709 habitantes, sendo 1.291 do sexo masculino e 1.418 do sexo femenino.

Esta população acha-se distribuida pelos seguintes lugares habitados: Goios, Outeiro, Pinhotes, Cepães, Igreja, Monte, Abilheira, Rio de Moinhos e Estrada.

As suas casas mais importantes são as de São Bento, a do Marquez, a da Gatanheira, a do Patusco, a do Alferes de Goios, a do Rego Velho, a do Victo-

rio e a do Lourenço.

Tem 9 lojas de commercio e 2 caixas do correio.

Existem nesta freguesia muitos moinhos movidos a agua e a vento e engenhos de maçar lino.

Tem duas Escolas Officiais, uma para cada sexo, que tuncionam em edificios arrendados. Está em construção no lugar de Cepães um grande edificio para estas escolas.

Espozende não tem praia de banhos propria; serve-se da praia sita nas Marinhas.

Que bela praia! O mar, o *suave mar*, espreguiça-se indolentemente por uma grande planicie de areia miudinha que forma um pavimento duro, dando vontade de ao som das brisas e do marulhar das suas ondas dançar... um tango.

Separa e abriga esta praia das

terras cultivadas uma longa fila de dunas de areia que se estende desde a foz do Neiva até ao Cavado.

Na foz deste, ainda dentro dos limites desta freguezia, vê-se o molhe e restos de paredão que se fizeram para o encanamento deste rio.

Na margem direita, perto daquelas obras negreja o forte de S. João Batista de Espozende, construido em 1704, cujos alicerces tinham sido abertos em 1699.

De planta em fôrma de estrela quadrangular, compunha-se de cinco baluartes.

Tinha uma entrada unica virada ao nascente, cujo portão aduelado era encimado pelo escudo das quinas, orlado de sete castelos e coberto pela coroa real.

Desta fortaleza apenas escapou ao açoriamiento das areias e

ao vandalismo dos homens a cortina da muralha nascente sul com duas guaritas; o resto tudo desapareceu.

E' pouco conhecida a historia guerreira do castelo de S. João Batista de Espozende.

Sabe-se que teve varios governadores, tendo-o ainda em 1820.

Apoz 1834 alojaram-se nelle alguns veteranos e a seguir a 1866 ficou aos cuidados dos faroleiros.

Sobre as suas quasi soterradas muralhas eleva-se a torre do farolim e as casas de habitação para os faroleiros.

Tem este farol luz e sinal sonoro, tudo movido por motores a petroleo.

Da vila de Espozende vem até este Castelo uma larga avenida que no futuro fará parte da avenida a beira mar da Foz do

Douro a Caminha.

O P.^e Amador d'Aguiar, o velho, filho de Afonso Dias de Aguiar e de D. Ana Francisca, de Barcelos, foi abade de São Miguel das Marinhas, fazendo testamento em 11 de junho de 1608.

O P.^e Amador Aguiar, o novo, sobrinho do antecedente, foi também abade das Marinhas, e instituiu em 1649 um vínculo.

A família Aguiar (da casa da Brêa, Vila Nova de Famalicão), á qual pertencia este padre, foi senhora do vínculo das Marinhas até aos fins do século XIX, vendendo então os seus representantes a quinta de Pinhotes ou S. Bento e varias propriedades, sitas nesta freguesia e que pertenciam a este extinto vínculo, ao P.^e Antonio Luiz da Costa Azevedo, abade de Belinho, passaram todos estes predios mais tarde para os

herdeiros do Visconde da Barrosa.

O Morgado da Abilheira, nesta freguesia foi instituido no seculo XVI por *Simão Gonçalves Maciel*, Cavaleiro Fidalgo, casado com D. Marta Simões, naturais de Espozende.

Extintos os vinculos, as propriedades que o constituíam foram fragmentadas, estando hoje na posse de varios proprietarios.

O P.^o *Manuel Martins Gesteira*, natural da Povoia de Varzim, abade da freguesia de Laundos daquele concelho e depois da das Marinhãs, foi Presidente da Camara de Espozende e Administrador do Concelho e grande influente politico.

Implantada a Republica, conservou as suas ideias monarchicas, foi preso como conspirador, mas absolvido pelo competente Tribunal Militar.

Incorrendo no desagrado do poder ecclesiastico, foi suspenso de ordens sacras, passando a exercer o cargo de solicitador na comarca de Espozende.

São naturais desta freguesia: *Fr. Francisco das Marinhas*, confessor do arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão; *Fr. Manoel do Pilar Marinhas* que escreveu uns Apontamentos sobre o Senhor de Fão e o *Conego Francisco Alves Morgado*, viveu nos fins do seculo passado e foi Vigario Geral e Vigario Capitular *sede vacante* em Macau.

Figueiredo da Guerra em uma serie de pequenos artigos, publicados em o jornal «O Espozendense», de Espozende, no n.º V desses artigos diz que as tropas francesas, atravessaram a vila de Espozende em 13 e 14 de abril de 1809 e como nas visinhanças de Cepães, freguesia das Mari-

nhas, houvessem manifestações hostis aos invasores, fizeram fogo e descargas sobre o povileo, matando 67 pessoas.

Não ha nesta freguesia monumento algum a atestar o estabelecimento aqui de povos prehistoricos ou dos que se lhes seguiram. Apenas existe um sitio conhecido pelo nome da *Anta*, para os lados de Espozende, talvez por ter existida algum daqueles monumentos, ainda que dele actualmente não haja vestigios.

XV

ESPOSENDE

Esposende, vila de Portugal situada na foz do rio Cavado, é séde do concelho e comarca do mesmo nome e pertence ao districto administrativo de Braga.

O nome de *Esposende* vem de *Spanuzindi* (1) ou *Spanozendi*, (2) genativos respectivamente de

(1)—Figueiredo da Guerra—in «Esposendense».

(2)—P.^e Antonio Gomes Pereira—Tradições Populares, pag. 399.

Spanuzindus ou *Spanozendus*, nomes proprios goticos.

A sua origem é pois romano gotica.

Não quere, porém, dizer que no sitio onde se fundou esta antiga vila luso romana, ou proximo a ele, não tivesse existido qualquer outra povoação mais antiga, que devido a qualquer motivo desaparecesse.

Segundo o testemunho de Francisco Martins Sarmento havia uma mamoa em uns campos junto à actual vila de Espozende e não muito longe daqui, na freguezia das Marinhas, ha o sitio ainda hoje conhecido pelo nome de Anta.

D. Jeronimo Contador de Argote dá-nos noticia de uua mamoa junto a Espozende.

Desde que os povos desceram dos montes às planicies, não repugna acreditar que no

sítio onde hoje se vê esta progressiva vila, ou proximo a ella, existisse alguma povoação sua antecessora, por ser na orla do mar e proximo á foz de um rio; serviria de entreposto commercial dos povos indigenas com os que procuravam as costas maritimas e os rios desta parte da península.

Seja como fôr, o que é certo é que Espozende só nos apparece em documentos historicos nas Inquirições de 1258 e apenas como um lugar da freguesia de São Miguel de Zopais, no julgado de Neiva.

Naquellas Inquirições se diz:—
«Item, in Espoezendi *hu* uno casal de Sancta Ovaya de Rio-Côvo e lavran no os de Palmeira et non querem dar renda al Rey.»

Como se vê a antiga vila luso romana de Espozende não

se transformou, como geralmente succedia, em freguesia, mas ficou apenas a constituir um lugar da freguesia de São Miguel de Cepães, hoje Marinhas.

Primitivamente Espozende estava na Terra de Neiva, foi depois do julgado de Neiva e por fim do termo e comarca de Barcelos, pertencendo á Ouvidoria de Viana Foz do Lima.

Pelas reformas do liberalismo é do districto administrativo de Braga e Judicial do Porto.

O Senhorio de Espozende andava anexo ao condado de Neiva.

D. João I confiscou este condado a D. Gonçalo Telo de Menezes e deu-o ao grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o qual passou deste para seu genro D. Afonso, 8.º Conde de Barcelos e 1.º Duque de Bragança, entrando assim o condado

de Neiva e senhorio de Espozende na poderosa casa de Bragança.

O Censo da População de 1527 diz-nos: «Item, tem mais (Barcelos) as povoações de Espozende e Faáo peguadas na foz do rio Cabado e no mar junto duas lleguoas da villa hũa de hũn cavo do rio e outra do outro vyvem nelas juntos 272 moradores.»

Espozende no seculo XVI foi aumentando em população e crescendo tanto em importancia que o arcebispo de Braga D. Fr. Bartolomeu dos Martires na sua visita pastoral de 1560 reconheceu a necessidade de criar aqui uma freguesia, aparecendo-nos já como tal, com paroco proprio, em 1566.

A freguesia de Espozende, que teve primitivamente por orago Nossa Senhora da Graça

e actualmente Nossa Senhora dos Anjos, era uma vigairaria da apresentação do arcebispo de Braga.

D. Sebastião por carta de 17 de Agosto de 1572 elevou Espozende á categoria de vila, dando-lhe por termo a distancia de meia legua em circuito: para o norte até S. Bartolomeu do Mar e daí direito a Vila Chã, São Claudio de Curvos e Gemezes até ao rio Cavado, havendo dentro destes limites seis freguesias que tinha 700 visinhos.

O antigo concelho de Espozende tinha Juiz com tres Vereadores e Procurador do Concelho, de eleição trienal do povo, por pelouros, a que presidia o Ouvidor de Barcelos, por esta vila ser do Duque de Bragança, dois Tabeliães, Escrivão dos orfãos, Escrivão da Camara e Almotacaria, tudo provido pelo

Duque, exceto o cargo de Juiz da Alfandega e o de Escrivão que eram providos pelo rei.

Militarmente tinha dois Capitães, subordinados ao Capitão Mór, que era o Ouvidor de Barcelos. (3)

Este concelho era constituído ainda em 1821 só por oito freguesias: Espozende, Marinhas, S. Bartolomeu do Mar, Vila Chã, Curvos, Palmeira, Gemeses e Gandra.

Pela divisão administrativa de 1835 ficou definitivamente constituído por 15 freguesias, sendo aumentado ás que já tinha com seis que eram do concelho de Barcelos e uma, a da Apulia, que fora couto e concelho proprio.

Por decreto de 16 de dezembro de 1886 foi criado o Julga-

(3) -- P.^e Antonio Carvalho—Corografia Portuguesa, vol I, pag. 268.

do Municipal de Espozende e por decreto de 27 de outubro de 1898 a sua Camarca Judicial com as seguintes freguesias, que são exactamente as mesmas do seu actual concelho: Antas, Apulia, Belinho, Curvos, Espozende, Fão, Fonte Boa, Forjães, Gandra, Gemezes, Mar, Marinhas, Palmeira, Rio Tinto e Vila Chã.

A Igreja Paroquial de Espozende foi primitivamente a antiga ermida dedicada a Nossa Senhora, mas, como era pequena e insuficiente ás necessidades do culto, resolveram os espozenden-ses edificar novo templo mais amplo e condigno da freguesia que acabava de ser criada.

Parte dessas obras já estavam feitas em 1566, como se vê de uma pedra encontrada no supedaneo do altar mór da actual matriz na restauração deste templo em 1896.

Nesta igreja já se faziam enterramentos nos fins do século XVI, pois na capela mór, do lado da epistola, existia uma sepultura, hoje desaparecida, em cuja tampa se lia: «Aqui Jaz Gaspar de Barros da Costa, senhor da sepultura desta capela. Anno de 1583».

Estando este templo a cair em ruínas, fizeram-se nele obras importantes em 1896.

Hoje é um edificio amplo e espaçoso.

A sua frontaria alta, ainda que sem os arrebiques da arte, é amparada por duas torres e faceia com a rua José d'Alpoim.

Atraz da sua porta travessa virada ao sul erguem-se as sacristias e casas d'arrumações.

A Capela mór com sua silharia a descoberto de qualquer rebôco mostra ser construção muito antiga, talvez a primitiva

ermida de Nossa Senhora.

Dentro esta capela mór é em abobada de pedra artezoadá em fôrma de boca de canhão.

Admira-se aqui a sua rica tribuna do altar mór em bela talha doirada estilo barrôco.

As paredes são revestidas de azulejos modernos e abre-se em cada uma seu arco de comunicação para as capelas laterais.

O corpo da Igreja é de tres naves, separadas por quatro arcos de cada lado. São forradas a estuque liso, tendo o da nave central alguns ornatos em gesso.

De cada lado do arco cruzeiro abre-se sua capela: a do lado da epistola com altar antigo e o do lado do evangelho moderno. A's paredes laterais das naves exteriores arrimam-se cinco altares: quatro com retabulos em talha antiga e um moderna.

Tem dois pulpitos em cada

pilar dos primeiros arcos; dois coros, o lateral para o órgão, baptisterio com pia antiga em granito da região muito bem trabalhada.

Na avenida 5 de Outubro em frente á Igreja matriz existem em um recanto algumas peças, a coluna e a base, do antigo Cruzeiro Paroquial, sem inscrição nem data.

Tem esta freguesia as seguintes capelas:

A Igreja da Misericordia ergue-se ao poente da Praça Municipal, junto ao edificio da Camara, com frente para a rua Rodrigues de Faria, não se sabendo a epoca de sua construção.

De elegante arquitetura, no alto de sua fachada ostenta o escudo com as armas nacionais antigas.

Dentro a capela mór é em abobada boca de canhão, seme-

lhante á da igreja matriz, e o re-
tabulo do seu altar é em estilo
renascença.

O corpo da igreja é forrada
a estuque com alguns singelos
ornatos; tem dois altares em ta-
lha simples, còro e pulpito de
madeira com incrustações de
metal.

Ao entrar a porta principal,
do lado direito, vê-se metida na
parede uma pedra com a seguin-
te inscrição:

=FOI ESTA CAPELLA
RECONSTRUIDA EM 1893
BENZIDA EM 8 DE DEZEM-
BRO.

Do lado esquerdo, em frente
á porta travessa que abre para a
Praça Municipal, está a *Capela
dos Mareantes*, de grande valor
artistico, em boa talha doirada.

O tecto em abobada contem
12 quadros representando em
escultura os 12 profetas e nas

paredes veem-se 6 quadros com pinturas em madeira, representando passagens da Paixão de Cristo, dignas de figurarem em um museu.

Não se sabe a epoca da fundação da Capela dos Mareantes, mas supõe-se anterior á da igreja, sendo reedificada em 1650.

Capela de São João, na rua do mesmo nome, de boa pedraria, tem na arquitrave da fachada, por baixo da Cruz que a encima, a data 1699.

Por cima da porta principal abre-se um oculo ou rosacea e ao lado esquerdo uma pequena sineira para um sino.

Dentro é forrada a estuque em forma de abóbada e tem um unico altar em talha simples.

Em frente a esta capela, do outro lado da rua, ergue-se um Cruzeiro de hastes redondas, tendo na base a seguinte inscri-

ção: ANNO DE 1660.

Capelinha do Senhor dos Afli-
tos, no Largo Bombeirosiros Vo-
luntarios, em frente ao edifi-
cio destes, é de diminutas di-
menções.

Esteve um pouco mais ao
sul e foi mudada para o sitio
onde está ha poucos anos.

Capela da Senhora da Saude,
ao lado esquerdo da estrada n.º
4 de 2.ª classe de Espozende a
Barcelos, é cercada de um en-
sombrado terreiro, onde se realisa
em 15 de Agosto uma impor-
tante romaria.

A primitiva invocação desta
capela era São Sebastião, depois
passou a ser Nossa Senhora da
Soledade e por fim Nossa Se-
nhora da Saude.

Tem esta capela nas grades
de ferro, que defendem a sua
porta principal, a inscrição: «J.
A. F. F. 1848».

Do lado esquerdo do templo, junto á capela mór, está a sacristia e por cima desta na cornija da capela ergue-se uma pequena sineira.

Coroando a porta travessa do lado sul, vê-se a imagem em azulejo de Nossa Senhora da Saude com a seguinte inscrição:

«N. S.^a da Saude de Espozende Salus infermorum Ave-Maria—300 dias de indulgencias a quem resar um padre nosso quatro Avé Marias e uma Gloria Patri diante desta milagrosa imagem».

Dentro a capela mór é forrada a estuque com altar moderno e o corpo da igreja tambem forrado a estuque tem apenas um altar lateral moderno, pulpitto e côro.

O Cemiterio Municipal, construindo à margem da estrada de Viana ao Porto, já na freguesia

de Gandra, tem sobre o seu portão a data de 1855.

A Irmandade da Misericórdia de Espozende não vai além de 1595.

Por não ter templo próprio, celebrava os seus actos religiosos a principio na igreja matriz, mudando depois para a capela do Senhor dos Mareantes, cujas obras de reedificação ajudou em 1650.

Construida a sua actual igreja, mudou para ali a celebração daqueles actos religiosos.

A Irmandade da Misericórdia tem sob a sua administração o *Hospital de São Manoel*, fundado em 1866 pelo benemerito desta terra Manoel Pedro da Silva.

Funcionou este hospital primitivamente em um edificio conhecido hoje pelo nome de *Hospital Velho*, doado pelo seu instituidor á Misericórdia.

Concluidas as obras do novo hospital á margem esquerda da estrada de Viana do Castelo ao Porto, na parte conhecida por Avenida do Brazil, foi para ali mudado em 1916.

Perto do hospital, lado sul, foi construido em 1919 o *Balneario* publico, inaugurado em 1920.

O edificio dos *Paços do Concelho* é o mais bello desta vila.

Com frente para a Praça Municipal, assenta a sua frontaria sobre uma formosa arcaria, construida entre os anos de 1732 a 1758, tendo sido ampliado este edificio posteriormente e soffrendo grandes reparações em 1913.

Nele funciona a Camara Municipal, o Tribunal Judicial e a Repartição de Finanças em boas salas condignamente mobiladas.

O antigo edificio da Esco-

la Conde de Ferreira, á Avenida Brazil, foi destinado á *Guarda Nacional Republicanã* do comando de um sargento e o *Posto Aduaneiro* funciona na Praça Rodrigues Sampaio em edificio proprio.

Os Correios e Telegrafos e o *Posto Telefonico* estão em casa arrendada na rua dos Correios.

A Delegação do Porto de Espozende está em casa tambem arrendada na rua 15 de Agosto.

Na Praça Municipal devia ter estado o *Pelourinho* de Espozende. Caindo este, porém, em ruinas e demolido, foi reconstruido em 1925 com poucas pedras do antigo e colocado no largo a que deram o nome de Largo do Pelourinho.

Esta linda vila está situada em uma planicie de largos horizontes.

E' banhada pelo rio Cávado

e atravessada por dois ribeiros afluentes daquele rio: o do Rego da Obra e o da Pita.

Tem apenas uma fonte publica de duas bicas junto á igreja matriz, tendo por cima os seguintes dizeres: «C. M. agosto 19-1859».

E' servida por duas estradas: a n.º 1 de 1.ª classe de Viana do Castelo ao Porto e a n.º 4 de 2.ª classe de Espozende á Barcelos e Braga, tendo o seu cruzamento na Praça Municipal desta vila.

A freguesia de Espozende abrange apenas a parte urbana da vila, mas tende alargar os seus limites.

Confronta do norte e nascente com a freguesia das Marinhãs, do sul com a de Gandra e do poente com o rio Cavado e Oceano Atlantico.

A sua população no secu-

lo VI era juntamente com a de Fão de 272 moradores (1) no seculo XVII era de 300 visinhos com 100 de que consta a vila (2); no seculo XVIII era de 183 fogos; no seculo XIX era de 1.605 habitantes e actualmente é de 1.621 habitantes, sendo 772 do sexo masculino e 849 do feminino.

Esta população está distribuida pelas seguintes avenidas largos, praças, ruas, travessas e vielas: Avenidas Brazil, Barros Lima, Valentim Ribeiro, do Hospital e Marginal; largos Rodrigues Sampaio, Bombeiros Voluntarios, Fonseca Lima, Marquês de Pombal, Tomaz Miranda, Sacadura Cabral, da Doca, do Estaleiro e do Pelourinho; cangosta do Areal; praça Municipal; ruas, São João, António

(1) Curso da população de 1527.

(2) *Corografia Portuguesa* do P. Carvalho.

Pascoal, José d'Alpoim, Além da Ponte, Vasco da Gama, 1.º de Dezembro, Conde de Castro, da Nogueira, Dr. Lopes Cardoso, 15 de Agosto, Manoel R. Viana, Conde de Agrolongo, Coronel Galhardo, João de Freitas, Barão de Espozende, Rodrigues de Faria, 31 de Janeiro, da Central, Emigdio Navarro, Traz dos Açougues, do Correio, Dr. José Maria d'Oliveira, da Amargura, Luiz de Cainões, 5 de Outubro e do Pombal; travessa dos Pescadores, do Estaleiro e da Ribeira e vielas da Nogueira, Traz os Açougues e da Neta.

As suas casas mais importantes são: a do antigo Capitão Mór (era brazonada), Valentim Ribeiro, Barros Lima Vilas Boas, Barão de Espozende, Vilela, as de Americo e Adriano Vieira etc.

Em uma casa na rua «1.º de Dezembro» vê-se uma lapide

com a seguinte inscrição: «Aqui nasceu em 14 de março de 1895 o Sargento Alvaro Fernandes, morto gloriosamente na batalha de Lá-Lyz no dia 9 de Abril de 1918».

Tem esta freguesia e vila Escola Oficial com 5 lugares, que funciona no edificio «Escola Rodrigues Sampaio».

O collegio Franco-Luzitano fundado em 1923, dirigido por Mad.lle Renée Mestre Vieira, habilita alunos até ao 3.º ano dos liceus.

Tem bons Estabelecimentos comerciais, Café, Pastelaria e varias Pensões.

Apesar de não ser servida ainda por linha ferrea, são faceis as comunicações com várias terras do paiz por meio de caminhetas que daqui saem ou passam pela estrada beira-mar.

Tem feira semanal aos saba-

dos pouco concorridas e mercado diário em edificio pouco próprio.

A industria é reduzidissima; a não ser a de pesca que ultimamente tem diminuido, a grande industria não existe aqui.

E' certo que nos seus antigos e afamados Estaleiros ainda se fazem e concertam navios de alto bordo, mas de pequena tonelagem, e que se projecta a construção de uma fabrica de tecidos que engrandecerá a terra.

Será o inicio do seu ressurgimento industrial.

Desde 1927 esta vila é iluminada a luz electrica, cuja energia foi a principio fornecida por uma Central Geradora até 1932, passando depois a ser fornecida pela Empresa do Varoza.

Na rua da Central existe um edificio por acabar que tem na sua frontaria=C. M. E.—Cen-

tral Electrica=10-7-927.

Ao fundo desta rua, junto ao rio, está outro edificio que é o Matadouro Municipal.

Em 6 de Janeiro de 1931 foi a inauguração das cabines telefonicas.

Existem nesta vila as seguintes associações.

Associação de Socorros a Naufragos que foi fundada em 1906 e funciona em edificio proprio.

É este uma esplendida construção que se segue junto ao rio ladeado por uma torre de 17 metros de altura.

Nesta torre funciona um farolim, o qual com outro que estava na torre da Igreja matriz e que em 1933 foi mudado para a torre de ferro, de 21 metros de altura, na Avenida 5 de Outubro, servem para a balisagem e enfiamento dos barcos de pesca na barra.

Em 1864 foi resolvido construir uma casa na praia em frente a Espozende para guarda do salva vidas.

O actual edificio de Socorros a Naufragos foi construido em 1906 como se vê da inscrição existente na sua fronteira norte.

Associação dos Bombeiros Voluntários foi fundada em 1917 e está instalada em casa própria inaugurada em 1934.

Esta casa, sita no largo Bombeiros Voluntários, tem no alto da sua fachada=19-3º-1917=.

Assembleia Espozendense, fundada em 1876 em edificio arrendado, passou a funcionar no edificio do Teatro, rez do chão, ficando êste no primeiro andar.

Teatro Club foi fundado em 1916 sendo inaugurado em Setembro desse ano.

Club Recreativo Espozendense, fundado em 1931, funciona em

edifício arrendado.

Club Fluvial, fundado em 1906, funciona também em edifício arrendado.

Associação Comercial e Industrial foi fundado em 17 de Março de 1912.

No Largo Rodrigues Sampaio erigiu-se um monumento aqúelle ilustre Espozendense.

Nas quatro faces do plinto em que assenta o busto do homenageado lê-se a seguinte inscrição: na face nascente, A ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO; do lado norte: NASCEU NA FREGUEZIA DE MAR EM 1806; na do lado sul: FALLECEU EM CINTRA EM 1882 e do lado poente: ERIGIDO POR SUBSCRIÇÃO PUBLICA E INAUGURADO EM 1907.

A entrada de Espozende lado nascente havia um marco

quilometrico, ha pouco tempo arrancado, que dizia o seguinte: do lado poente; DE BARCELLOS 13,^m937, do lado sul, ESTRADA N.º 29 DE ESPOZENDE A BRAGA e do lado nascente, DE BRAGA 33,^m461.

Dos homens mais illustres que nasceram nesta freguesia e daqueles cujos nomes andam a ela ligados mencionaremos os seguintes:

Gaspar de Barros da Costa, filho de Diogo Afonso d'Araujo e de D. Gracia de Barros da Costa, foi senhor da casa do Rego em Espozende.

Esta casa existiu por traz da Igreja matriz desta vila e foi incendiada apoz a invasão franceza, ficando apenas as paredes.

Foi fundada no seculo XVI por Pedro Anes, irmão daquele Diogo Afonso d'Araujo.

Gaspar de Barros da Costa,

sucessor na casa do Rego por disposição de seu tio Pedro Anes, foi Cavaleiro Fidalgo Almojarife da Alfandega de Espozende, Capitão Mor daquela vila e um dos fidalgos principais do seu tempo.

Acompanhou o Duque D. João na infortunada jornada d'Africa sendo um dos combatentes de Alcacer Kibir.

Voltando ao reino faleceu em Espozende e jaz sepultado na Igreja Matriz daquela vila, lado da epistola, cuja sepultura, hoje desaparecida, tinha o escudos das suas armas e o seguinte leitreiro: AQUI JAZ GASPAR DE BARROS DA COSTA SNR. DA SEPULTURA DESTA CAPELA. ANNO 1583.

Gregorio de Barros, filho do antecedente, acompanhando seu pai á Africa, morreu na batalha

de Alcacer Kibir.

Belchior Vaz Pereira, senhor da casa do Rego pelo seu casamento com D. Madalena de Barros, foi Capitão Mór de Espozende, Governador da sua barra, Juiz da Alfandega etc.

João de Barros Marinho, senhor da casa do Rego, foi abade de Cambezes, do concelho de Monção. Teve filhos bastardos: João da Costa Barros, Sargento Mór de Espozende e Senhor da casa do Rego, andando a sua geração nesta casa seu bisneto Joaquim José de Barros foi quem a vendeu, e Antonio de Barros que sucedeu na casa do Carregal, freguezia de Cambezes, Monção, da qual ainda são possuidores os seus descendentes.

P.^o Ceronimo Dias nasceu em Espozende, publicou «Ofício do glorioso S. João Batista com Hynos muito eloquentes» Lis-

boa 1634.

Frei Francisco de Espozende, frade leigo, nasceu na vila de Espozende e estudou no Collegio dos Jesuitas em Braga. Abandonando os estudos, voltou a Espozende donde embarcou para o Brasil, percorrendo varias terras.

Quando voltou ao reino tomou o habito no convento de Azurara, Vila do Conde, falecido no do Bosque da Borba em 1610.

Fr. Gonçalo de Espozende, frade Capucho, natural desta vila

Dá noticia dele o «Index de todos os santos e servos de Deus» que vem no final da obra intitulada «Cuidados da morte e descuidos da vida» por Boaventura Maciel Aranha, impressa em Lisboa em 1761.

Fr. Teotonio dos Santos, natural de Espozende, foi abade do mosteiro beneditino de S. Ro-

mão do Neiva em 1695.

Custodio José Gomes de Vilas Boas, oriundo da freguesia de Alvelos, Barcelos, nascido em 1741, assentou praça em artilharia.

Entrou na Academia Real de Marinha, foi lente jubilado, socio da Academia Real de Sciencias de Lisboa e Governador militar da Praça de Valença.

Senhor da Casa do Rego, por compra, foi assassinado em Braga em 1809 com fama de Jacobino, sendo nessa ocasião incendiada aquela casa do Rego.

Foi o autor do projeto do encanamento do Cavado, ficando como obra sua o caes velho de Espozende, o caes de Fão, o paredão em Rio Tinto no Marachão do Abade, etc.

Dr. Luiz Figueiredo da Guerra nascido em Viana do Castelo em 1853 e falecido na mesma cidade em 1931, foi Juiz de Direito

(A) Talvez afilhado ou bastardo dos
Vilas Boas de Airo e Barcelos, q. tinham
terras fincas em Alvelos

na comarca de Espozende por 1914, colaborando em artigos de investigação historica em «O Espozendense».

D. Maria da Silva Vieira, inspirada poetisa, nasceu em Espozende em 1903, deixou um livro de Versos «Violetas Dispersas», publicado postumamente em 1922.

Antonio Pereira da Mota, 1.º Barão de Espozende, nascido nesta vila em 1855, filho de José Pereira da Mota, negociante que fora no Maranhão, Brasil, e de D. Rosa de Lima Araujo, foi agraciado com o titulo de barão por carta de 4 de Setembro de 1879.

E quantos outros que seria longo mencionar?

Não deixemos porem esquecer João Antonio Gomes de Castro, 2.º Conde de Castro, nascido em 1834, que ainda que

não fosse daqui natural muito beneficiou esta terra, P.^e Luiz Rodrigues Viana, distincto orador, P.^e Carlos M. Passos Pr.^a Maciel, P.^e José Veloso Miranda Ferreira.

Publicam-se actualmente nesta vila apenas dois semanarios: «O Espozendense», decano dos jornais do distrito e onde vem sendo publicados estes estudos historicos e geograficos, e «O Cavado».

Em 18 de Abril de 1849 passou por esta vila o rei da Sardenha» Carlos Alberto, de regresso da cidade de Viana do Castelo em direcção á Povoia de Varzim.

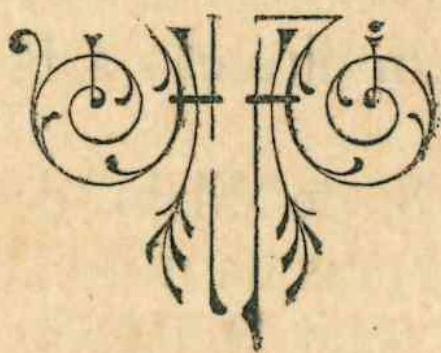
Em 8 de Maio de 1852, pelas 10 horas da manhã, passou tambem aqui D. Maria II, seu marido D. Fernando, os principes e grande comitiva na visita que aquella rainha fez ás terras

do norte.

Em 27 de Outubro de 1910 pela 1 hora da tarde, foi reconhecida nos Paços do Concelho a Proclamação da República Portuguesa, lavrando-se o respectivo auto.

Em 26 de Janeiro de 1919 pelas 17 horas foi lavrado o auto de proclamação da Monarquia.

Em 9 de Abril de 1921 realizou a comemoração da morte dos soldados do concelho de Espozende em Africa e França por ocasião da «Grande Guerra».



F ã O

Fão, orago São Paio, sendo primitivamente de Santa Maria de Guimarães e depois do padroado real, passou no seculo XV a ser reitoria de apresentação da casa de Bragança e assim se conservou até 1834.

Fão vem de *Fanum*, templo, talvez por haver aqui algum consagrado aos deuses pagãos.

E' tão antiga esta povoação que não se póde determinar a

data da sua fundação nem tão poucos os povos seus fundadores.

Ha autores que, caminhando no mundo das suposições, vão até aos romanos, outros até aos celtas e ainda outros aos tempos biblicos.

Afirma-se que aqui existiu uma grande cidade no tempo do dominio do povo romano na peninsula iberica, chamada *Aguas Celanas*, onde se reuniu um concilio no governo do arcebispo de Braga D. Paterno II, mas ha quem conteste a opinião de que Fão tivesse origem romana por não se encontrar na actual povoação vestigios de monumentos daquela epoca. (1)

Em busca de origem de Fão perdem-se, pois, os historiados-

(1) Sobre vestigios romanos encontrados em Fão veja-se «Elementos para a Historia de Fam» pelo Snr. P.^e Jeronimo Gonçalves Chaves, o «Chaves Coupon».

res em conjecturas mais ou menos verosímeis.

Não parece, porém, oferecer duvida que no sitio onde vêmos esta tão linda povoação, mais ali ou mais acolá, existiu uma outra primitiva junto ao rio.

Desde que as costas occidentais da península e a foz do Cávado começaram a ser procuradas por povos estranhos, que vinham commerciar com os indígenas, é natural que fossem estes que descessem á planície e aí se estabelecessem e não aqueles que fossem fundar as suas colonias junto ás povoações castrejas, nos altos dos montes.

E assim pode assentar-se que Fão descende do Castro de Rio Tinto, assim como Espozende do de S. Lourenço.

As povoações estão, porém, sujeitas ás suas vicissitudes; pelo dobar dos tempos brotam e flo-

rescem umas, para por sua vez decaírem e até fenecerem, e outras veem a sua continuidade nas actuais.

Seriam os romanos que lançaram os alicerces a Fão nas proximidades de alguma povoação primitiva, ou alargaram e desenvolveram alguma destas?

Ignoramos.

O que é certo é que Fão deveria ter sido uma povoação importante no tempo do dominio do povo rei na península.

As costas maritimas de Espozende ao sul do Cavado, desde a Apulia, nome genuinamente latino, até Fão eram muito procuradas pelos romanos desde que aqui se estabeleceram.

Navegando o Cávado, uma das vias romanas para Braga, antes de subirem as suas aguas, ou depois de as descerem, era na-

tural que descançassem em Fão.

Com as invasões barbaras parece que esta povoação, assim como muitas outras terras, perdera a sua antiga importancia.

Assim no seculo X o lugar de Fão pertencia a D. Flamula, sobrinha da condessa Mumadona, a qual em 997 em seu testamento o legou, juntamente com Vila do Conde ao mosteiro benedictino de Guimarães.

O prior e conegos deste mosteiro mais tarde fizeram troca d'estas duas povoações com as freiras do convento de Santa Clara de Vila do Conde, por outras terras.

Tornaram-se notaveis desde tempos remotos as salinas de Fão e assim no Portg. Mon. Hist. —Diplomata et Chartae—vem o documento da era de 997 que diz: «de hanc parte vila nuncapata Fano, cum salinas et Ecclesia Sancti Pelaii Martiris

cum omnibus suis terminis et locis antiquis.»

D. Afonso Henriques fez doação dos dizimos do sal a D. Nuno, 3.º abade do mosteiro cistercense de Santa Maria de Bouro, e nas Inquirições referem-se por vezes ás salinas de Fão.

Apesar de não existirem já, ainda hoje ha terrenos conhecidos pelo nome de Salinas.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação=«De Santo Pelagio de Fão», de Terra de Faria.

Nelas se diz que o rei tem aqui 33 casais dos quais dão o terço do pão, do linho e sal.

«Et omnes piscarias sunt regis, excepta piscarias de Medianas ubi debet Rex habere terciam partem ipsius fluvii in vena et Sancta Maria Vimaranesis duas partes. Et de tota dant medietatem piscium Maiordomo si pre-

sens fuerit sin autem non. Et de altero, quando Maiordomus voluerit ire ad Regem vel Vimaranes dant ei omnes pices quos ibi ceperint illa (ipsa) hora. et in illa die illi qui ibi piscati fuerint non dabunt aliquid de aliis piscibus quos ceperint. Et de omnibus picibus de Rio debent dare decimam Maiordomo. Et omnes cambonas sunt Regis»

Nos *fóros e dadivas* dizem:

«Homines qui habitant et non tenent casalia dant singulos almudes tritici, singulos frangaos» etc.

«Et illi qui non vadunt piscari debent dare 3 quartarios de milio per ferradam. Et illi qui vadunt pascari dant quintam de congros et de pexotas et de lagustas et de omnibus alliis piscibus singulos pices. Et de polvis et de equas dant Maiordomo sicut fuerit guisado. Et de irzes

et de lampreas et de dolfios et de tonias et de solios dant primidivam Regi et de aliis medietatem Maiordomo.»

Estas Inquirições referem-se a Mordomos de terra e Mordomo de areias, mencionam fóros em trigo, porcos, galinhas, peixe, sal, etc.

«Et ipsis homenes pectant homicidium, et rausum, furtum, merdam in boca et dant luctuosam».

Dizem mais que esta igreja tem sesmarias e o mosteiro da Costa 5 casais; que o rei não é o padroeiro, mas Santa Maria de Guimarães.

O senhorio de Fão esteve em poder de Rui Pereira, procurador do Mestre de Aviz e seu colaborador na morte do Conde Andeiro.

Ora succedeu que Rui Pereira deu a terra de Fão com to-

dos os seus direitos e pertenças a Gonçalo Nunes de Faria, o heroico defensor do castelo de Faria, por carta que foi presente ao rei D. João I, em 10 de agosto de 1385, a fim de ele revogar a doação que da mesma terra fizera a Gonçalo Vasques Barroso.

E esta doação foi realmente revogada e mantida a de Rui Pereira a Gonçalo Nunes de Faria.

Em 21 de novembro de 1388 D. João I fez doação *antre vivos valedoira deste dia pera todo o sempre pera elle Gonçallo nunes de faria nosso Vassallo e pera todos seus herdeiros e netos e descendentes per linha direita da nossa terra de faão que elle ora de vós trazia em prestimo etc.*

Estando Fão encravada na terra de Faria, era porém da Jurisdição de Guimarães.

D. João I por carta de 14 de

outubro de 1409 transferiu e incorporou Fão no julgado de Faria, doando-o a seu filho D. Afonso, conde de Barcelos e mais tarde 1.º duque de Bragança, entrando assim o senhorio de Fão nesta casa.

Fão tinha juiz pedaneo, segundo diz o P.º Carvalho na sua *Corografia Portuguesa*, vol I, pag.274, e homens honrados com que se governava, por eleição anual do povo, a que vinha presidir a Camara de Barcelos de que era sujeita.

O Juiz e adjuntos faziam Almotaceis. Tinha Escrivão das Cisas e Imposição, data da Casa de Bragança, que levava de cinco peixes um, cousa que ordinariamente passava de 700~~0~~000 reis, por ser aqui a mais notavel pescaria da provincia.

Fão nunca foi vila.

A Igreja Paroquial desta fre-

guesia está em sitio baixo, para o qual se desce por uma rampa da estrada do Porto a Viana do Castelo.

E' cercada por um pequeno adro solto. Estava este templo quasi soterrado pelas areias mas desaterrando-o fizeram-lhe em volta um muro de resguardo. Sofreu varias reformas sendo uma das principais em 1874, como se vê da inscrição na verga da porta travessa que diz: OBRA FUNDITUS REFORMATA IN ANNO MILLESIMO OCTOGESIMO ET SEPTUAGESIMO QUARTO EST.

Na fachada lisa e simples lê-se um versiculo da Biblia e por cima a data=1890=a da sua reconstrução.

Ao lado direito ergue-se uma torre para os sinos com seu relogio.

Do lado esquerdo junto á

capela mór estão as sacristias.

A capela mór é forrada a estuque muito bem pintado e decorado e o seu altar é em estilo moderno.

E' esta igreja de tres naves, separadas por cinco arcos, forrados a estuque liso em abobada forma boca de canhão.

No topo de cada nave lateral tem seu altar, tendo mais seis altares, tres de cada lado, todos em estilo moderno e pelas paredes varios oratorios.

Arrimados ás colunas do terceiro arco estão os pulpitos; tem côro e batisterio com pia em granito, antigo e bem trabalhada. Por cima desta vê-se um quadro a oleo, representando o batismo de Cristo.

Ao sul desta igreja foi construido ha poucos anos a *Casa da Catequese*.

Nesta freguezia existem as

seguintes igrejas e capelas:

O Templo do Bom Jesus, construção dos principios do seculo XVIII, ergue-se ao centro de um adro fechado por grossas paredes, cujas pilastras são terminadas por volumosas bôlas de pedra, trinta e duas, com tres entradas.

Na alta fachada deste templo abre-se um portico renascença, encimado por uma bem proporcionada rosacea.

Por cima do architrave está um escudo com as armas nacionais coberto pela coroa real.

No fundo por traz da capella mór eleva-se a torre para os sinos e em frente do templo e ao lado direito estende-se um amplo terreiro, ensombrado por arvôres com bancos de pedra e um coreto para musica, onde se realisa a romaria em abril de cada ano.

Dentro o templo, em fôr-

ma de cruz latina, é todo abobadado de pedra.

As paredes da capela mor são forradas a azulejos e a tribuna do seu altar é um estilo moderno. No camarim central venera-se a imagem em madeira do *Senhor de Fão*, Senhor dos Passos, de escultura muito antiga.

E' tão antiga esta imagem que não se pode averiguar donde veio; dizem que veio de Inglaterra, mas ha outros que são da opinião que foi feita em Viana Foz do Lima.

Por traz deste templo, separado dele pelo adro, estão as *Casas da Confraria*.

A Igreja da Misericordia, situada na Avenida Dr. Manoel Pais, é antiga.

Por cima da sua porta principal, estilo renascença, vê-se um escudo com as armas portuguezas e por cima da arquitrave

da sua frontaria um nicho com a imagem da Virgem em pedra.

Ao lado direito levanta-se um pequeno torreão para dois sinos com seu relógio,

E' um templo baixo, sobre o largo.

Na capela mór, forrada a madeira, vê-se um escudo bipartido: no primeiro de azul uma cruz, caveira e tibias e no segundo as armas portuguezas; tem altar com retábulo antigo, estando a sua tribuna encerrada por uma tela em que é representada N. Senhora cobrindo com o seu manto os povos.

No pavimento existia, hoje desaparecida, uma sepultura em cuja tampa estava gravada a seguinte inscrição: «ESTA CAMPA E' DOS SENHORES DA CASA DO RELOGIO DESTA VILLA E NELLA SE SEPULTARAO OS DES-

CENDENTES DOS MES-
MOS.»

O corpo da igreja é torrado também a madeira com a imagem de N. Senhora pintada ao centro.

Tem apenas um altar do lado esquerdo e do lado direito está a *Capela do Senhor dos Passos*.

Tem pulpito, em frente a este um pequeno oratorio, còro e duas sacristias.

No fecho do arco cruzeiro vê-se um escudo com as armas portuguezas.

Na sacristia do lado do evangelho está na parede um grande quadro com os nomes dos bemfeitores e legados de missas deixadas a esta irmandade.

A irmandade da Misericordia de Fão é anterior a 1600; por Provisão de 1601 foi-lhe concedido os mesmos privilegios da de Lisboa e o seu Hospital já e-

xistia em 1632.

Naquela mesma sacristia está o retrato a óleo de João dos Santos Cardoso, bemfeitor desta Santa e Real Casa em 1854.

Junto a esta igreja, do lado esquerdo, ainda se veem os restos de umas casas onde esteve o *Hospital de S. João de Deus*.

Este hospital foi mudado daqui em 1908 para o seu novo edificio, situado na parte mais alta da povoação, onde tambem está instalado o Asilo para velhos.

A Capela de Nossa Senhora da Lapa, na Avenida Dr. Manoel Pais, é pequena e antiga.

Tem um só altar em boa talha estilo renascença, pulpito e côro.

No pavimento da capela mór tem uma sepultura brazonada com a seguinte inscrição: «S. DE D. BONIFACIA SOVSA

PP.^{RA} DE MOVRA CARNEIRO
E SEOS HERDEIROS
IN PERPETVM 1759.»

Esta capela é publica.

A Capela da Senhora da Bonança, sita no cimo de um pequeno outeiro e cercada de dunas de areias e pinhais, a meio caminho entre a povoação e o mar, é baixa e pequena.

Dentro, forrada a madeira, tem um unico altar em estilo moderno, pulpito e côro.

Por fóra, na abside virada ao mar existe um pequeno nicho com a imagem da padroeira,

Era neste nicho que se acendia todas as noites uma luz de azeite que servia de guia aos pescadores no mar.

Dizem que essa luz era acesa no intuito de alumiar a sepultura de um *poveiro* que morreu com fama de santo.

O povo, principalmente a

gente do mar, é muito devoto da Senhora da Bonança.

Vem aqui fazer romaria muita gente e os pescadores no fim deixam gravadas á navalha na porta desta capela e na da Sacristia as marcas das suas redes. (1)

Ao lado direito desta capela, separadas dela apenas pelo adro, veem-se as paredes denegridas de uma edificação, com porta aduelada e encimada pelo escudo das armas portuguezas antigas: são as ruínas do *Facho de Fão*.

Parece que a construção primitiva deste facho foi obra de D. João III.

A Capela de Santo Antonio da Fonte, no lugar do Ramalhão, é pequena, de um só altar, com portico renascença encimado por um escudo com um emblema: um

(1) Sobre marcas, balisas e divisas veja-se o livro «O Poveiro» do Snr. A. Santos Graça.

navio, uma tarre, uma capela e uma cruz.

No alto da frontaria tem um nicho com a imagem em pedra do padroeiro e por baixo restos de uma inscrição: MA..... NDOV. FEÍTA POR VM DEVOTO..... O TESOVI-REIRO A. F.

Ao lado direito desta capela, junto á sacristia, existe uma fonte coberta por um pequeno arco com a seguinte inscrição: FON. BONVS. INNEGO. SALV-TATI. DIGNATVS. HON-NOR. ANNO. 1684.

Nessa fonte existe uma pequena cavidade á qual a mocidade d'aqui vai atirar pedrinhas e, acertando-lhe, casa esse ano, segundo crença geral.

A Capela da Senhora da Boa Morte ficou dentro do cemiterio paroquial, servindo de capela mortuaria ao mesmo.

O Cemiterio, construido ao lado esquerdo da estrada do Porto a Viana tem sobre o seu portão a seguinte inscrição: FINIS —CEMITERIO PAROQUIAL —1882.

Fão está situada na margem esquerda do rio Cávado, na qual tem dois caes acostaveis para pequenas embarcações, obra do engenheiro Custodio José Gomes de Vilas Boas.

Confronta esta freguesia do norte com o rio Cávado, do nascente com a de Fonte Boa, do sul com a da Apulia e do poente com o oceano atlantico.

E' servida pela Estrada n.º 1 de 1.ª classe do Porto a Viana do Castelo; pela Estrada Camararia que desta, pelo lugar das Pedreiras, vai até á freguesia de Rio Tinto e por um travesso que daquela estrada vai até á praia de banhos.

Liga as duas margens do Ca-

vado, dando serventia à estrada do Porto a Viana, uma solida ponte de ferro, entre esta freguesia e a de Gandra.

Esta ponte tem nas suas extremidades a seguinte inscrição: «CASA CONSTRUCTORA EMPRESA INDUSTRIAL SANTO AMARO 1891».

A agua para a povoação vem da Arroteia, havendo as seguintes fontes publicas: a de Santo Antonio, a do Cortinhal, a do Largo Conde Agrolongo e a do Bom Jesus.

Este fontenario contém a seguinte inscrição: DEVIDO A BENEMERENCIA DE ANTONIO VEIGA DA SILVA 1894.

Entre Fão e Espozende, a uma distancia de 1.500 metros da costa, correm uns penhascos, cujas cristas são visiveis á superficie das aguas, podendo nave-

gar entre aqueles e a terra qualquer navio.

Chamam áqueles penedos *Cavalos de Fão*, conhecidos entre os romanos por Promontorio A'varo. (1)

Pugna-se, aproveitando estas penedias, por fazer aqui um grande porto de mar.

Tem-se levantado por vezes grandes campanhas na imprensa a ventilar esta ideia, sendo um dos seus mais estrênuos defensores o snr P.^e Jeronimo Chaves, *Chaves Coupon*, pseudonimo que adoptou.

A população desta freguesia

(1) O Snr. Bento Antas da Cruz na nota 13 ás «Terras Portuguezas» do Snr. Batista de Lima diz:

«Promontorio A'varo vale o mesmo que Caput A'vum, ou Caput A'varo, donde deriva a palavra Cádavo, Kátavo e Cátavo, corrompida hoje em Cávado que é o nome dado ao rio, porque antigamente a foz deste era mais para o sul, atravessando o Cabedêlo».

Vide in «Espozendense» n.º 1415 de 28 de Setembro de 1935.

no Censo da População no seculo XVI era juntamente com a de Espozende de 272 moradores; no seculo XVII era de 300 visinhos, no seculo XVIII era de 300 moradores; no seculo XIX era de 1.937 habitantes e actualmente é 2.128 habitantes, sendo 969 do sexo masculino e 1.159 do sexo feminino.

Esta população está distribuida por varios largos, avenidas, ruas, vielas, becos, na parte urbanizada, e pelos seguintes lugares habitados: Pedreiras, Cruz, Arrabalde, Areosa, Ramalhão e Bonança.

As suas casas mais importantes são: a do Relógio, a de Campos Morais, a dos Vila Chã (antiga dos Carneiros) brazonada, e a de Amorim Campos.

Tem escola official para ambos os sexos, que funcionam no edificio « Escola Amorim Cam-

pos», doado á fregueia pelo benemerito Manoel Pinto d'Amorim Campos.

Tem varios estabelecimentos em que se exerce todos os ramos de commercio como em qualquer vila.

A sua industria principal é a da pesca, quer de rio quer de mar, tem uma cordoaria, duas fabricas de serração, com carpinteria, uma fabrica de alvaiado, etc.

Fazem-se aqui finos bordados em roupa branca e fabrica-se em doçaria os atamados *pasteis da Clarinha*, especialidade da terra.

Houve um estaleiro em que ainda ha bem poucos annos se construíram navios de alto bordo.

Tem estação Telegrafo-Postal e Posto publico de Telefone.

Esta povoação, com iluminação a petroleo desde 1897, é iluminada a luz electrica desde

io de julho de 1927, cuja energia é fornecida pela Empresa do Varosa.

Tem as seguintes associações:

Assembleia Fãozense, fundada em 1900, que funciona em edificio próprio na Avenida Dr. Manoel Paes.

Club dos Grulhas, fundado em 1917, a 5 de novembro, que funciona em edificio sito na mesma Avenida.

Bombeiros Voluntarios, associação fundada em 19 de setembro de 1926, com séde na rua Direita, edificio oferecido pelo sr. Joaquim Soares Estanislau.

Tem-se publicado aqui varios jornais de vida porém efemerica: *O Fãozense*, *Noticias de Fão*, *Ecos da Beira Mar* e actualmente em publicação *A Cruzada*.

Dos homens mais importantes desta freguesia destacaremos

os seguintes:

Fr. Paulo de Fão, natural desta freguesia, franciscano, confessor, faleceu no convento de Chaves em 1686 com *boa opinião*.

Manoel da Silva Lopes Cardoso, actor, autor e jornalista, nasceu em Fão em 1835 e faleceu no Brazil em 1887. Seguiu a carreira de actor e representou em varios teatros de Lisboa e Brasil. Abandonando-a, porém, foi para a Bahia e aí fundou «O Diario de Noticias», traduziu e imitou varias peças, etc.

Antonio Leite Ribeiro, nascido nesta freguesia em 1785 e falecido em 1829, foi professor do Collegio, escrevendo varios livros.

Manoel Pinto de Amorim Campos, natural desta freguesia, nasceu em 1853 e faleceu em 1900, mandou construir em 1899 uma

casa de escola para os dois sexos, a qual ficou com o nome «Escola Amorim Campos».

Antonio Veiga da Silva, natural de Fão, nasceu em 1854 e faleceu em 1915, vivendo muitos anos no Brazil, mandou proceder á construção da estrada até á praia de banhos e ao encanamento das aguas para abastecer esta povoação em 1894.

O povo desta freguesia é religioso, como todo o povo da região á beira mar, mas, de em volta com a sua religiosidade, conserva muitas superstições e crendices.

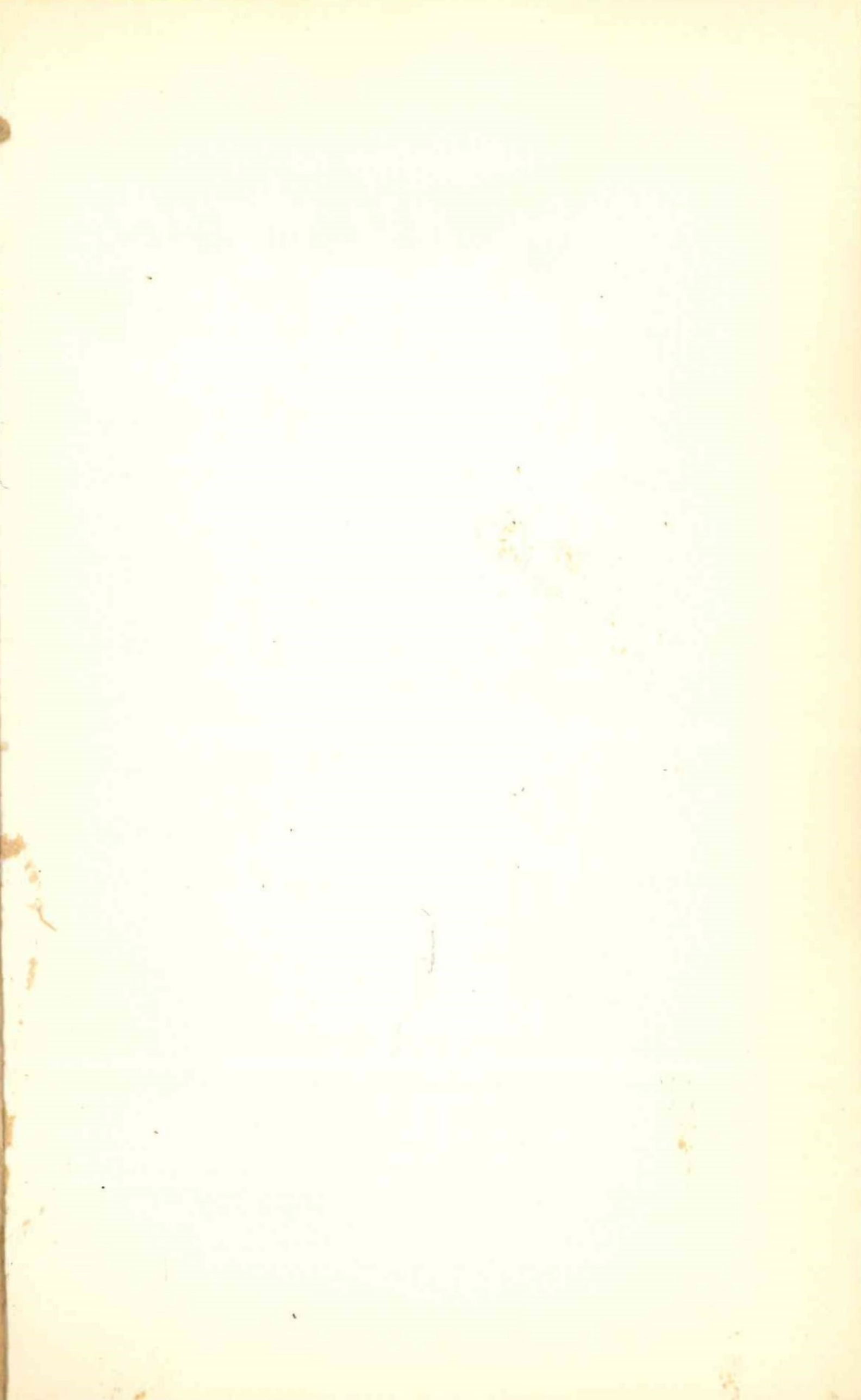
Entre a gente do povo acredita-se ainda em moiras encantadas e tesouros escondidos, existentes para os lados da Bonança, e em diabos incubos em corpos humanos e almas penadas.

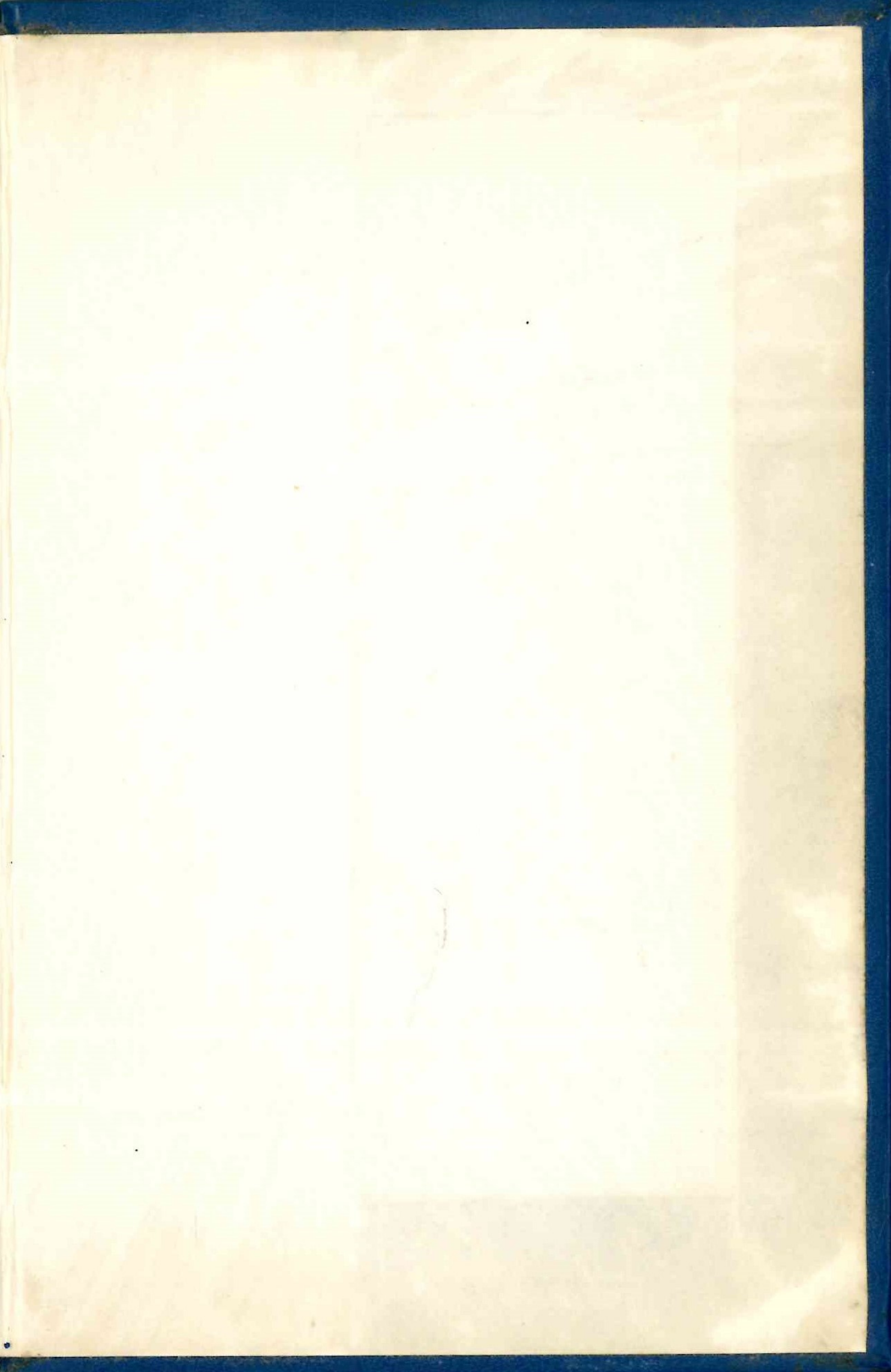
Tem, porém, grandes quali-

dades: ser afavel, prestavel e trabalhadora.

Pelo seu espirito aventureiro muitos dos seus habitantes dedicam-se á vida de embarcações, embora em menor numero que outrora.







biblioteca
municipal
barcelos



4520

Espozende e o seu concelho